

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CULTURA E
TERRITORIALIDADES**

AMANDA HADAMA DE CARVALHO

**NARRADORES DO SAGRADO: A DEVOÇÃO POPULAR NAS
LADAINHAS DE PARATY (RJ)**

**NITERÓI
2020**

AMANDA HADAMA DE CARVALHO

**NARRADORES DO SAGRADO: A DEVOÇÃO POPULAR NAS
LADAINHAS DE PARATY (RJ)**

Dissertação a ser apresentada ao Programa de Pós Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Orientador: Leonardo Caravana Guelman

NITERÓI, RJ

MARÇO, 2020

AMANDA HADAMA DE CARVALHO

NARRADORES DO SAGRADO: A DEVOÇÃO POPULAR NAS
LADAINHAS DE PARATY (RJ)

Dissertação a ser apresentada ao Programa de Pós Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Área de Concentração: Cultura e Territorialidades
Linha de Pesquisa: Performances, Agências e Saberes Culturais

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Leonardo C. Guelman (Orientador)
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Gilmar Rocha
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Wallace de Deus – UFF
Universidade Federal Fluminense

Luís Jorge Gonçalves
Universidade de Lisboa

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

C331n Carvalho, Amanda Hadama de
Narradores do Sagrado : a devoção popular nas ladainhas de
Paraty (RJ) / Amanda Hadama de Carvalho ; Leonardo Guelman,
orientador. Niterói, 2020.
137 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Niterói, 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPCULT.2020.m.09408580702>

1. Religiosidade popular. 2. Cultura popular. 3. Paraty
(RJ). 4. Produção intelectual. I. Guelman, Leonardo,
orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de
Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD -



Ao meu pai Manoel e a minha mãe Sizue,
por acreditarem em mim incondicionalmente,
por me possibilitarem ser quem sou.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, por ser tudo que foi, por me legar tanta riqueza materializada em histórias e afeto, por plantar em mim o amor à terra onde nasci e por me inspirar a busca e a jornada.

À minha mãe, força em seu silêncio, pela parceria de todas as horas, que me possibilitou dispor do tempo para realizar essa pesquisa.

Ao professor Leonardo Guelman, meu orientador, que mesmo doutor, é um mestre, pela delicadeza com a qual me conduziu nessa trajetória de pesquisa e escrita, compreendendo minhas limitações e amplificando minhas potencialidades. Para mim, foi um privilégio contar com um olhar tão sensível na construção desse trabalho.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Cultura e Territorialidades pelos ensinamentos libertadores e engrandecedores, aos coordenadores João Domingues e em especial a Ana Enne pela solicitude na resolução das mais variadas questões, aos funcionários da UFF por possibilitar que a engrenagem de cada dia se movimentasse. Aos meus colegas da turma 2018, pela amizade e por juntos termos formado uma teia de solidariedade. Sinto-me imensamente grata por viver essa experiência da pós graduação em uma universidade tão diversa. Nesses tempos incertos, faço votos que muitos depois de mim tenham a oportunidade de acesso a uma Universidade Pública de qualidade. Trata-se de um processo que vai além do desenvolvimento intelectual e científico. É uma experiência de expansão da nossa humanidade. Muito amor a UFF e ao PPcult.

Aos professores Daniel Bitter e Wallace de Deus pela cuidadosa leitura e valiosas contribuições para o aprimoramento desse trabalho durante a banca de qualificação. Ao professor Wallace novamente e aos professores Gilmar Rocha e Luís Jorge Gonçalves pela disponibilidade para compor a banca final.

À tia Nélvia e ao tio Kazuo, pelo hospitalidade e carinho, guardando para mim toda semana um quarto aconchegante em sua casa, possibilitando minha estadia na cidade para frequentar as aulas.

À comunidade devota de Paraty e a cada um dos devotos, que de forma tão generosa e afetuosa me abriram as portas de suas casas para que eu pudesse participar de suas celebrações sagradas e que, em momento posterior, me receberam e me contaram sobre suas vidas e sobre sua fé. Marcel, Fernanda Mello, Rita de Cássia, Rita Pádua, Maria da Baiaia, Lucília, Theia, Júlio César, Élcio, em especial ao Gérson, mestre capelão a quem tantas vezes recorri para aprender sobre as ladainhas, e a sua esposa Edriane por me permitirem passar tantas horas em sua morada para observar atentamente os preparativos do banquete. Agradeço, sobretudo, pela sabedoria que me partilharam, por me ensinarem sobre uma outra forma de habitar o mundo. Agradeço também ao mestre Zizi e a Maria Thereza pela maravilhosa conversa sobre rezas e folias. Gratidão ao Diuner, por generosamente compartilhar seu conhecimento sobre Paraty e ao Fernando Alcantara por me auxiliar a entender os versos da ciranda e sobre o sentido desse universo de violas, rabecas e pandeiros.

Ao padre Roberto, pároco da cidade, por me colocar em contato com um universo tão rico como o da religiosidade popular de Paraty e me apresentar às ladainhas. À devota e amiga Regina Antônia, por me conduzir a essa rede de pessoas, graças a quem fui tão bem recebida.

Aos amigos de todas as horas.

A Deus e a todos os santos, para quem não tenho palavras.

RESUMO

Esse trabalho tem como tema as ladainhas de Paraty (RJ), uma manifestação cultural e religiosa ligada ao catolicismo popular. Cada devoto realiza uma celebração em sua casa em homenagem ao seu santo protetor. O evento é composto pela reza, pela oferta de uma farta mesa de alimentos e pelo festejo, animado por foliões e cirandeiros. Trata-se de um ritual de sacralização da morada e da vida. É, também, ocasião de fortificação dos laços comunitários de amizade e solidariedade. O culto doméstico é cumprido todos os anos, durante toda a existência do devoto, podendo ser sucedido por um filho, filha, parente ou amigo, como uma promessa de fidelidade ao santo e a um ethos coletivo. Essa dissertação busca, portanto, descrever esse universo em suas formas, estéticas e expressões e, então, entender suas variadas dimensões – comunitária, cosmológica, epistêmica e política. Em uma tentativa de assumir as múltiplas vozes presentes nessa prática devocional, esse escrito converge para considerar cada participante como um narrador do sagrado. Na medida em que narram suas vidas, desvenda-se ali uma forma de existir no mundo, uma identidade que se realiza no tempo, renovada a cada ciclo anual no culto ao santo e na consagração do espaço da casa e da vivência cotidiana. As ladainhas são aqui tratadas como marcações identitárias, inseridas em um território e compartilhada por uma rede comunitária.

Palavra-chave: identidade narrativa, religiosidade popular, cultura popular, Paraty.

ABSTRACT

This work has as its theme the litanies of Paraty (RJ), a cultural and religious manifestation linked to popular Catholicism. Each devotee holds a celebration in his home in honor of his holy protector. The event consists of praying, of offering an abundant table of food and the celebration, animated by revelers and “cirandeiros”. It is a ritual of sacralization of habitation and life. It is also an opportunity to strengthen community bonds of friendship and solidarity. Household worship is performed every year, throughout the life of the devotee, and may be followed by a son, daughter, relative or friend, as a promise of fidelity to the saint and to a collective ethos. This dissertation aims, therefore, to describe this universe in its forms, aesthetics and expressions and, then, to understand its varied dimensions - community, cosmological, epistemic and political. In an attempt to take on the multiple voices present in this devotional practice, this writing converges to consider each participant as a narrator of the sacred. As they narrate their lives, a way of existing in the world is revealed there, an identity that takes place in time, renewed at each annual cycle in the worship of the saint and in the consecration of the space of the house and daily experience. Litanies are treated here as identity marks, inserted in a territory and shared by a community network.

Keywords: narrative identity, popular religiosity, popular culture, Paraty.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
O território e as narrativas	14
Breves anotações sobre as atividades de campo	20
CAPÍTULO I: LADAINHA À IMACULADA CONCEIÇÃO	22
CAPÍTULO II: ESTRUTURA E ELEMENTOS DAS LADAINHAS EM PARATY	42
As ladainhas	42
A reza	44
O banquete	51
O festejo	54
Alguns outros elementos	57
Vozes	58
Versos	60
Altars	61
Continuidades, descontinuidades e retomadas	61
CAPÍTULO III: A LADAINHA ENQUANTO FENÔMENO AMPLO	62
A dimensão comunitária: as ladainhas enquanto rede e expressão da dádiva.....	62
A dimensão cosmológica: a sacralização da vida.....	67
A dimensão epistêmica: a ladainha como expressão da religiosidade popular	71
A dimensão política: a ladainha como forma de ser no mundo	77
CAPÍTULO IV: NARRADORES DO SAGRADO	80
Marcel: Santa Cruz da Generosa e as controvérsias da tradição	83
Regina Antônia: A primeira ladainha de Santo Antônio	91
Família Mello: São João e cachaça	99
Maria da Baiaia e Maricélia Pádua: herdeiras de Santana	106
Lucília Cananéia: Ladainha a Bom Jesus, milagre de São Benedito	115
Rita Luísa Pádua: São Roque curador	121
Alza Gama: São Sebastião e o encerramento do ciclo de Reis	125
Mais algumas palavras, mais alguns narradores	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
BIBLIOGRAFIA	137

INTRODUÇÃO

Sou parte de uma pequena comunidade caiçara da Baía da Ilha Grande, localizada não em Paraty, mas na própria Ilha Grande, numa vila de pescadores que nunca ultrapassou o contingente de quatrocentos habitantes. Sem veículos, isolada do continente, a infância é livre. Perambulava por diferentes casas e quintais. Lembro de Dona Iria, a última benzedeira de Matariz. Após sua morte, ninguém continuou seu legado. Carrego também reminiscências de rezas domésticas, cantadas por vozes femininas agudas.

Se as águas do mar da vida quiserem te afogar
 Segura na mão de Deus e vai
 Se as tristezas dessa vida quiserem te sufocar

Segura na mão de Deus e vai
 Segura na mão de Deus, segura na mão de Deus
 Pois ela, ela te sustentará
 Não temas, segue adiante e não olhes para trás
 Segura na mão de Deus e vai

Se a jornada é pesada e te cansas da caminhada
 Segura na mão de Deus e vai
 orando, jejuando, confiando e confessando
 Segura na mão de Deus e vai

O Espírito do Senhor sempre te revestirá
 Segura na mão de Deus e vai
 Jesus Cristo prometeu que jamais te deixará
 Segura na mão de Deus e vai

Tirava o chinelo para entrar na sala pequena, pois a limpeza do cômodo era impecável. Jamais sujaria o chão tão encerado da Dona Edméia ou da Dona Glória. Ficava em um algum canto, escutando, imaginado a cena de segurar na mão de Deus e subir aos céus. Padre era presença rara, comparecia poucas vezes ao ano para a missa da padroeira e realização de batizados. Certo dia, vi três ou quatro senhores descendo a trilha da mata, vestidos de camisas vermelhas, calças compridas e sapatos. Carregavam bandeira e instrumentos

musicais. Horas depois, aqueles mesmos homens bateram a minha casa para abençoá-la. Era a Folia do Divino de Paraty que percorria a costeira para distribuir bênçãos e arrecadar fundos para a festa. A sanfona e, sobretudo, o canto me chamaram atenção.

Muitos anos mais tarde, já adulta conheci a Festa do Divino de Paraty. A festividade é hoje titulada como patrimônio cultural brasileiro. No dia seguinte ao domingo de Páscoa é iniciada a temporada do Divino. As bandeiras percorrem a zona rural, cada noite alegre uma morada. Aos dez dias que antecedem ao Pentecostes, a cidade se enfeita de tecidos vermelhos e estandartes. O bando precatório e a bandeira, acompanhados de folia e banda, peregrinam pela cidade, passando por avenidas, ruas, becos. Em um desses trechos, na Mangueira, bairro humilde, um senhor muito idoso depositou uma contribuição no saco de coletas. Horas mais tarde na casa paroquial, descobrimos na pequena bolsinha deixada pelo velho algumas moedas, pedras e um anel de ouro, de aparência antiga, como se fosse uma relíquia familiar, uma aliança de casamento talvez. Ele deixou o que de maior valor possuía, com afeto e desprendimento. Em sua trajetória, a bandeira adentra casas, asilos, hospital. Pessoas se enrolam no pano vermelho, fazem preces em voz baixa e concentrada. Promessas são feitas, promessas são pagas, graças são recebidas. Na primeira noite da festa, procissão de bandeiras, folia e banda partem novamente, dessa vez, em direção a Igreja Matriz. Lá já aguardam centenas de pessoas, apinhadas por todos os espaços.

Confesso que quase sempre tive uma experiência dúbia com cultos institucionalizados como a missa. O significado da vida e da mensagem de Jesus é algo sem paralelo na história da humanidade. Mas as simbologias e metáforas da Igreja me soam difíceis e um tanto distantes. Não me fazem adentrar ao sagrado. Eu, que costumava ouvir rezas em casas simples, sinto um descompasso na espacialidade da Igreja. Mas na primeira missa do Divino, quando aquelas bandeiras que percorreram tantos lugares e que abraçaram tanta gente adentram o templo, uma nova relação é instaurada. O povo invade e toma a Igreja. A fé e espontaneidade que encontrava pelas ruas e pelos lares se espalha pela Matriz. Quando o Esplendor do Divino, um objeto ritual, é entronizado, há uma comoção generalizada. Há choro, um sentimento que transborda, há expansão. Costumava encarar a espiritualidade como um caminho solitário e

silencioso e a religião como sociabilidade. Mas naquele momento me dei conta que a espiritualidade é parte constitutiva da religião, por meio de uma comunhão com o divino partilhada e potencializada pela existência do outro. Foi ali que tive a dimensão da força da religiosidade popular. Apesar e por conta de sua singeleza e simplicidade, a manifestação devota do povo é profunda. Eu também me curvei ao Divino com humildade e convicção.

Foram descobertas como essa que me deparei em casas como a de Seu Valentim. Caminhando pelo Quilombo do Campinho da Independência, final de tarde, parei em sua porta para chamá-lo. Mas, ainda do lado de fora, escutei que rezava. Aguardei respeitosamente. Ouvei seu canto em louvor, voz grave e devota. Todos os dias, ao crepúsculo, ele eleva o pensamento e a voz a Deus diante de seu altar. Um pequeno oratório também abençoa a sala de Seu Zé Laurindo. Em sua pequena habitação no Corisco, pintada a cal, com janelas de madeira fechadas por trameças, ele se sentou no sofá. Enquanto a luz do sol entrava, ele cantou hinos de São João, à capela, buscados nas lembranças das ladainhas que apontava nas roças há mais de quarenta anos.

Foi imbuída dessas experiências que venho realizando essa pesquisa sobre as Ladainhas de Paraty, uma prática religiosa e cultural, realizada em casas de devotos católicos em várias localidades do município. As portas das casas se abriram para mim e o coração de muitos também, que me compartilharam relatos de fé.

O território e as narrativas

Paraty está localizada no litoral sul do Estado do Rio de Janeiro. É um lugar de muitos traços. Muitos deles foram definidos por seus caminhos e estradas. No passado mais afastado, as trilhas indígenas desenhavam linhas pelas matas e pelo mar. Após a chegada dos portugueses, a ocupação do território se configurou a partir da movimentação de pessoas e mercadorias pelo porto e pela estrada que ligava o mar ao planalto paulista. Ao longo de quase três séculos, ouro, café, aguardente, gêneros alimentícios, bens manufaturados importados subiam ou desciam a serra. Na década de 1970, a construção da BR-101 resultou em nova reorganização do espaço, pensado a partir do turismo e da lógica imobiliária.

Paraty também é parte do território caiçara, que segundo o antropólogo Antônio Carlos Diegues¹ se estende desde Paranaguá no norte do Paraná até o sul fluminense, entre Angra dos Reis e Mangaratiba. Essas populações se caracterizavam por possuir uma vida baseada na agricultura familiar e pesca artesanal. Detêm rico e amplo repertório de saberes sobre o território, adquirido da conexão e dependência do ambiente natural. A cultura caiçara, de forte herança portuguesa, guarda relação muito próxima com o catolicismo popular. Esse fato é facilmente observado nas manifestações dessas populações litorâneas, especialmente nos festejos e cantos.

A Igreja Católica é marcante em Paraty, materialmente presente em construções centenárias tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Celebrações da Igreja ocupam posição de destaque no calendário de eventos municipal, como a Festa do Divino, a Semana Santa (com especial menção a Procissão do Fogaréu), a Festa de Nossa Senhora dos Remédios (Padroeira da cidade) e a Festa de São Benedito. Nos outros bairros, há presença de pequenas capelas e também de festas tradicionais como a de São Pedro e São Paulo na Ilha do Araújo.

Os sacerdotes, porém, nem sempre foram tão presentes no cotidiano da cidade. Houve períodos em que os padres visitavam os vilarejos uma única vez por ano, para a missa da padroeira e batizados. Essa distância dos sacerdotes e liturgias oficiais não minimizou a ligação dessas pessoas com a religião e com o sagrado. Elas realizavam celebrações domésticas, conhecidas até hoje pelo nome de “ladainhas”.

É frequente entre os paratienses, especialmente entre os mais antigos, ter um santo de devoção. Alguns o são de Nossa Senhora Santana, outros de Nossa Senhora da Conceição, entre tantos. Eles cultivam grande fé ao santo. Em sua homenagem, promovem anualmente uma celebração, uma ladainha.

Nessa ocasião, um evento especial é montado. Parentes, vizinhos e amigos são convidados. O encontro é marcado para o final da tarde ou início da noite. Os convidados chegam à casa e deparam-se com um altar cuidadosamente

1 Carlos Diegues organizou cinco volumes da Enciclopédia Caiçara, abordando diferentes temáticas do ser e fazer dos povos do litoral sudeste: Volume 1: O Olhar do Pesquisador, Volume 2: Falares Caiçaras, Volume 3: O Olhar Estrangeiro, Volume 4: História e memória caiçara, Volume 5: Festas, lendas e mitos caiçaras.

montado na sala – uma mesa, com toalhas brancas de renda, a imagem do santo de devoção ao centro e flores ao redor. Cadeiras e bancos são espalhados pelo quintal e varanda, onde se conversa antes do início da oração. Quando o dono da casa se certifica de que os convidados chegaram, faz o chamado para o início da reza. Eventualmente, o cômodo não é espaçoso o suficiente para abrigar todos. Os mais velhos ou mais devotos ficam na sala junto com a família enquanto o restante se divide entre os corredores, varanda e quintal.

A cerimônia é composta pelas ladainhas propriamente ditas e pelos cânticos. As ladainhas são entoadas em latim e em forma musical. Fazem invocações repetidas aos intercessores, pedindo por proteção e salvação. Os cânticos são hinos em louvor ao mesmo santo em questão, em português.

Acabada a oração, o anfitrião faz o convite para os comes e bebes. A mesa é farta de pratos tradicionais – manê de bacia, paçocas de banana, canjicas. Cada quitute é preparado em casa, pela família devota que se dedicou de forma organizada e cuidadosa nos dias anteriores. Geralmente, alguma folia ou violeiros participam do evento. Nesse caso, a noite prossegue com cantos, viola, pandeiro e sanfona. Nesse momento de convivência, os amigos conversam, acompanham as músicas, continuam comendo ou simplesmente apreciam. Os convidados se dispersam antes da meia-noite. É comum que toda a família compareça, desde o avô ao neto.

O devoto realizador da ladainha encara essa prática com grande seriedade. Promove a reza todos os anos. Continua até a sua morte. Em alguns casos, o filho ou algum sobrinho persiste com a tradição após o seu falecimento. Esse costume se inicia dentro de uma família por pagamento de promessa ou ação de graça. O fato é que no dia do santo, o devoto se transforma em um anfitrião dos mais acolhedores. Recebe a cada um com grande afeto. A ladainha é um momento em que a fé é renovada e, sobretudo, quando os laços de amizade e comunidade se fortificam.

É a esse universo que esse trabalho se dedica. A pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (UFF), campo voltado “ao estudo da cultura em suas múltiplas acepções, em especial no que tange às discussões sobre espacialidades e territorialidades, tanto materiais quanto simbólicas”. Mais especificamente, essa investigação está atrelada a Linha 2 do programa “Performances, Agências

e Saberes Culturais”, que “examina práticas sociais que forjam identidades, territórios, espacialidades”. Essa vertente, ainda, “visa investigar, em perspectiva interdisciplinar, experiências relacionadas às interações sociais na cidade, no campo, no ciberespaço envolvendo trocas de saberes e de mediações culturais, relações de poder e de disputas políticas, culturais etc. Na abordagem proposta, objetos, corpos, espaços são vistos como portadores de agências, de qualidades poéticas, de dimensões performativas na medida em que acionam modalidades e qualidades ritualísticas, imaginárias, religiosas, artísticas”².

Nessa relação com o programa, esse estudo sobre as ladainhas em Paraty está relacionado ao campo das expressões culturais e especialmente do patrimônio cultural imaterial. Essa celebração é componente de tradição e transmissão de saberes, de crenças, de maneiras de ver e significar o mundo, modos de existir e de uma modalidade do sentir religioso.

A ladainha é, portanto, uma prática que se justapõe ao espaço. Sua existência e circulação se dá através do tempo e pela memória. A sustentação se dá por uma promessa a Deus e a um ethos comunitário. Sua manifestação se expressa em múltiplos âmbitos – ritualística, identitária, performativa, narrativa – que se conjugam de forma particular.

Por isso, apreender e comunicar essa expressão é tarefa complexa. Trata-se de intangibilidades que ganham corpo no nível da experiência. Esquadrinhar esquematicamente esse universo resultaria em um desenho sem forma e carente de sentido. É preciso, então, um certo “espírito de finura”, para abarcar esses significados e sutilezas. O “espírito de finura” é um conceito desenvolvido pelo filósofo Blaise Pascal e trabalhado por Leonardo Guelman (2009) em sua análise sobre o princípio de gentileza do profeta José Datrino. Pascal contrapõe o espírito fino ao “espírito geométrico”, que é a razão instrumental-analítica, a descrição segmentada e objetiva das coisas. O “espírito de finura”, por sua vez, está ligado a “princípios sutis” e coisas “de tal maneira delicadas” que se faz necessário uma percepção “muito precisa para senti-las”, “é preciso, num instante, ver a coisa num só golpe de

2 O Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades (PPCult) é vinculado ao Instituto de Artes e Comunicação Social (IACS), da UFF. Criado em 2012, o PPCult conta com três linhas de pesquisa, a saber: 1. Políticas, espacialidades, relações e conflitos socioculturais; 2. Performances, agências e saberes culturais; 3. Fronteiras e produções de sentido. (www.ppcultuff.com)

vista e não pela marcha do raciocínio” (PASCAL, Pensamentos, RJ: Technoprint, p.59 apud GUELMAN, 2009, p. 182). A prática da ladainha, com seus rituais, envolve sentimentos e ações como a crença, a graça e a instauração do sagrado na vida. Embora vividas comunitariamente, essas qualidades não se pronunciam. Estão no campo da finura e requerem atenção devotada e tradução cuidadosa. A ladainha ocupa um entre-lugar. É manifestação católica, mas está fora da instituição, é expressão do povo. É prática cultural e é uma poética devocional.

Não sem motivo, o processo narrativo é um dos grandes desafios do presente trabalho. Dar forma a movimentos tão subjetivos e etéreos por meio da escrita exige delicadeza.

Pensando nisso, no primeiro capítulo, optou-se por um mergulho direto na experiência por meio de uma etnografia da Ladainha a Nossa Senhora da Conceição, realizada pelo Gérson, na Várzea do Corumbê. Um relato detalhado foi feito, perpassando cada passo percorrido, os episódios vividos e assistidos e as percepções apreendidas na casa do devoto paratiense. O mapeamento das ladainhas no território, a descrição geral de suas regularidades e a contextualização mais estruturada do rito se deu no capítulo segundo. Neste, são apresentados os principais elementos constituintes da celebração e suas dinâmicas. A suposta inversão é uma tentativa de gerar o sentimento antes do entendimento, de possibilitar a quem lê uma apreensão mais ampla.

Para além de suas estruturas formais mais evidentes, a ladainha se configura enquanto um fenômeno amplo. Por isso, no capítulo terceiro, avançou-se na compreensão dessa celebração a partir da análise de algumas de suas dimensões. A dimensão comunitária revela uma rede de colaboração entre devotos e santos, compondo um sistema cultural e religioso regido pela dádiva. A dimensão cosmológica adentra para o poder de sacralização do tempo e do espaço a partir da força ritual desses cultos domésticos. A dimensão epistêmica investiga os sentidos diversos elaborados por uma manifestação da religiosidade popular em comparação ao discurso monológico da Igreja oficial. Por sua vez, a dimensão política propõe a visão da ladainha como uma prática de tradição com linguagem própria e autônoma, potencialmente capaz, portanto, de conformar um modo de ser no mundo.

Uma vez descritas as similaridades estruturais e investigadas os significados simbólicos gerais, partiu-se, novamente, no capítulo quarto para uma abordagem

mais singular. Cada devoção e cada devoto se revelam proximamente, desvelando uma narrativa própria. Adotou-se, então a noção de narradores do sagrado para que cada voz pudesse tecer sua própria história. Marcel, Regina, Fernanda, Baiaia, Theia, Lucília, Rita, Alza Gama – cada qual é detentora de um tom particular.

No decorrer da leitura, notar-se-á que as marcações textuais destoam das convenções acadêmicas. Não se trata de descuido ou de transgressão deliberada às normas. A construção do texto partiu de um esforço pela fluidez e não segmentação. Ao assumir a escolha por um discurso transnarrativo, não poderia localizar as palavras dos devotos em um nível diferente do discurso da pesquisadora. Por isso, não se usou recursos como espaçamento ou fontes em tamanhos reduzidos. As vozes da pesquisadora e dos narradores estão alinhadas em um mesmo padrão textual. Partindo desse critério, as citações de escritos de outros autores também foram mantidas na fluência da linha.

Essa qualidade regular e ao mesmo tempo singular da ladainha se dá porque esta é tradição viva, em movimento e em constante interlocução com eventos passados e contemporâneos. Na escrita dos capítulos, portanto, não se buscou segmentar a narrativa da prática em uma suposta origem e sequência histórica. A apresentação do tema se deu numa perspectiva sincrônica. Pensando ainda nesse contínuo de tempo, a ladainha se firma a partir de um compromisso de continuidade. O evento deste ano termina com o pacto de realização para o ciclo seguinte. Trata-se de um ritual em que se renova e se fortifica um espírito de devoção e devotamento. Na casa, no trabalho, no alimento ingerido, nas festividades celebradas cotidianamente perdura essa postura santificada. Mesmo perpassados por outros estratos e formas de estar no mundo, esses agentes guardam consigo uma aura de delicadeza. Ousam significar a vida pelo fundamento do sagrado em um mundo ditado pela ciência materialista e pela lógica capitalista. Relacionam-se pelo afeto em um território pautado por disputas de terras e de narrativas. É um ethos que perdura. É uma identidade que se mantém por uma promessa, no sentido proposto por Paul Ricoeur. Ou seja, é a manutenção de si mesmo pelo princípio da ética e da fidelidade.

Paraty é uma cidade do mundo, no qual o sentido de patrimonialização atinge destaque. O conjunto arquitetônico do centro histórico é Monumento Nacional tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

(IPHAN). Florestas, costas e áreas marinhas são protegidas por unidades de conservação da natureza nas três esferas governamentais. Manifestações culturais são inventariadas e consagradas como repositórios de identidades de populações tradicionais. Mais recentemente, a Unesco concedeu título de Patrimônio da Humanidade ao sítio, pelo valor de sua biodiversidade e de sua cultura viva. Nesse contexto de tantos dispositivos e legislações de proteção, o que, de fato, se reflete e se faz para salvaguardar as diferentes formas de ser nesse território? Que inteligências, forças e ações são possíveis para assegurar um território saudável e pleno para as mais diversas, densas, sutis, transgressoras formas de existir? Onde se inserem manifestações como as ladainhas, que por seu caráter fino e por não serem passíveis de transformar-se em produtos, se localizam em espaços sombreados? Diante de uma lógica homogeneizadora da vida em curso, não poderia deixar de fazer essas perguntas. Nas palavras de Boaventura de Souza Santos (2010), é preciso combater o “desperdício de experiências”, fruto do epistemicídio promovido pela imposição de um único modelo de racionalidade. E recuperando os argumentos de Garcia Canclini (2015), segundo os quais a construção do equilíbrio social e espiritual no mundo implica refletir sobre as diferenças culturais, quais as práticas sociais e políticas podem ser articuladas de forma a permitir a manutenção e florescimento de modalidades de viver para além das hegemonias atuais?

Em resumo, esse trabalho parte da premissa de se reconhecer um território a partir de suas expressões culturais e das narrativas que lhe perpassam. Mais especificamente, serão estudadas as ladainhas, suas incidências e significados e como essa prática pode ser considerada um elemento estruturador da vida social de determinados grupos de Paraty, a despeito de um amplo contexto de desterritorialização física, cultural e espiritual.

Breves anotações sobre as atividades de campo

Na execução dessa pesquisa, as atividades em campo assumiram papel importante. Para mapeamento das ladainhas e etnografia das celebrações estive presente na maioria dos eventos realizadas no biênio 2018-2019, com exceção do culto a São Jorge e a São Pedro. Em algumas dessas datas,

cheguei em momento anterior, participando e contribuindo nos preparativos. Tão significativas quanto a frequência nas ladainhas, foram as conversas posteriores com cada um dos devotos. Os encontros duraram em média duas horas. Esses bate-papos foram gravados e transcritos. As rezas também foram registradas em áudio. Em relação as fotografias e capturas audiovisuais, não foram realizadas com a frequência desejada, por um senso ético frente a um contexto de oração e ao ambiente da casa dos devotos. Mas ainda assim, pude fazer bons registros fotográficos que compõem junto com o texto alguns dos capítulos.

Na medida do possível, além das ladainhas, também compareci em outras festividades católicas paratienses – Festa do Divino, Festa de São Pedro e São Paulo na Ilha do Araújo, Semana Santa.

CAPÍTULO I: LADAINHA À IMACULADA CONCEIÇÃO

No passado, antigamente, até os anos 1970, 70 para lá, quase toda casa de família tinha devoção ao santo. Não tinham essas capelas na zona rural, eram poucos lugares que tinham capela, igreja. O pessoal rezava aos sábados nas casas mesmo, fazia as ladainhas, fazia os bailes, uns eram devotos de São João, Santo Antônio, São Pedro, Nossa Senhora, São Benedito. Tinha em mais quantidade, pois praticamente só tinha católico. Como era difícil o acesso a cidade, fazia nas casas. Aqui mesmo no nosso bairro tinha em vários lugares.

(Gerson)

O dia amanheceu chuvoso, daquelas chuvas torrenciais, tão comuns por essa costa. Embora a época do ano, faz frio, um frio desolador. É oito de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição, momento de celebração na casa do seu Gerson, na Várzea do Corumbê, em Paraty.

Pego a BR-101, a Rio – Santos, no trecho Angra dos Reis - Paraty. Múltiplas paisagens passam pela janela, prenunciando um território de contrastes, conflitos e de inspiradoras histórias. A estrada construída na década de 1970, que supostamente deveria interligar lugares antes dispersos e isolados, foi condutora de segmentação, segregação e desagregação.

Condomínios e mansões de veraneio, resorts e marinas ocupam as zonas costeiras, interrompem os fluxos de acesso público, instauram espaços exclusivos e universos independentes da cidade.

Nesse entremeio, estão bairros habitados por milhares de pessoas, espremidas e amontoadas em ruas sem respiro. Alguns desses conglomerados são igualmente áreas de circulação reduzida. Mas aqui a restrição é o medo. O tráfico chegou ao paraíso das novelas.

Mais à frente, logo em seguida daquela visão da Enseada da Piraquara, daquela imensidão de mar, vem a Usina Nuclear, outra zona interdita.

Avisto, então, Tarituba, vila de pescadores e cirandeiros. Desperto para o fato de que hoje meu coração não quer se deter em disputas e misérias. Hoje é dia de adentrar outros estratos, é tempo da partilha e do sagrado.

Não posso deixar de mencionar, portanto, que quilômetros atrás passei pela entrada da Aldeia Sapukay dos índios guaranis, seres de tantos saberes.

Mais adiante está o caminho para o Quilombo do Bracuí, terra cortada pela estrada e pelos grileiros. É naquele sítio cheio de ancestralidades que no 20 de novembro, mulheres com saias de chita coloridas entram rodopiando na Igreja com Santa Rita nas mãos ao som dos tambores do jongo.

Volto ao trajeto presente e estou em São Gonçalo. A casa da família do Zé Roberto resiste na praia, como uma marca do povoado que ali um dia existiu e que migrou para a parte de cima da BR.

No Sertão do Taquari, na mata adentro, fica a casa de Zé Ferreira, agricultor, filho de raizeiro, que vive da agroecologia em meio à água e ar puro da Bocaina. Alimenta-se, respira e banha-se sem venenos. Um corpo e uma alma livre de toxinas, uma mente lúcida, visão acurada.

Prossigo e chego à Várzea do Corumbê, lugar de feição rural localizada às margens da rodovia e cerca de quatro quilômetros do centro histórico de Paraty. As poucas ruas de asfalto se somam aos caminhos de terra batida. Nos pequenos botecos de feitura improvisada, há sempre uma mesa de sinuca e uma sofrência no repertório musical. A Igreja consagrada à Santa Cruz se situa em frente a Assembleia de Deus. Casas sem muros, casas muradas, mas com portões abertos, crianças pelos caminhos, há ainda uma relação de confiança entre a habitação e a rua. Conforme se sobe em direção ao morro, as residências se tornam mais dispersas, a vegetação se adensa e observamos cercas e portões de sítios.

A chuva deu uma trégua.



Encontro Gerson próximo ao portão. Ele me conduz a sua morada. Dois amigos conversam à varanda. A família está na cozinha, concentrada no preparo do almoço. Edriane e Dona Olímpia se dividem na feitura dos pratos, Dona Izete e Dona Cleusa apoiam nas mais diversas tarefas – a lavagem da louça, a organização dos utensílios para pôr à mesa. Além da ladainha à noite, quando um número maior de pessoas acorre, Gerson e Edriane, sua esposa, costumam oferecer um almoço para os amigos mais próximos. São cerca de 11h e ainda faltam uns últimos acabamentos.

No cardápio, galinhada, pirão de galinha caipira, arroz, macarrão e batata. As galinhas são do galinheiro do quintal. O sabor especial também vem do cozimento lento e constante do fogão a lenha. Há uma cozinha específica para o forno e fogão a lenha, desenho e obra do Gerson. É desse espaço que sairão as comidas ofertadas aos convidados.

Gerson e Edriane, anfitriões dos mais acolhedores, me fazem sentir parte daquele grupo. Satisfeitos, conduzem-me pela casa, mostrando os doces e bolos já preparados para o banquete da noite. Cada porta que se abre, um novo aroma toma conta do ambiente. Do quarto, emanam os de bolos de chocolate, cenoura, fubá, aipim. Os tabuleiros estão dispostos sobre a cama, por falta de mais mesas e bancadas para acomodar tantos quitutes. Da geladeira, vem o cheiro de outros tempos, doce de laranja da terra – na minha época de infância, Dona Jorgina,



Gerson e quarto do casal, tomado de formas de bolo

velha anciã, presenteava meu pai com essa receita todos os meses de maio e junho, época do fruto. Gerson congela as laranjas até dezembro especialmente para os doces de Nossa Senhora. Cocadas, doces de banana e abóbora completam as sobremesas.

Aos poucos, o povo vai chegando para o almoço. Vinicius, filho do casal anfitrião, e sua esposa completam o grupo. Padre Milton e Padre Luís se fazem presentes. José, Nestor, Paula, Francisco, Newton, Maria Helena e mais outros se acercam cada qual em determinado momento, aumentando a mesa ou ocupando os lugares vagos por aqueles já satisfeitos pela refeição. Comemos na varanda. O ar cheira terra molhada. Muitos repetem o prato, saboroso, afinal, galinha caipira no fogão a lenha é uma iguaria nesses tempos no qual o ritmo urbano acelerado pautava a vida. Sucos, refrigerantes e vinho são oferecidos como acompanhamento. A bebida alcoólica é consumida de forma comedida. E, por último, os doces caseiros são apreciados em pequenas porções. Dessa forma, pode-se experimentar um pedaço de cada. O doce de laranja da terra é o mais concorrido. Gerson e Edriane são os últimos a se servirem, certificam-se antes de que todos estão alimentados.

A conversa corre solta, agradável, natural. Bob, o cachorro, regala-se num canto da varanda com os vários ossinhos de frango que lhe chegam à panela.

A ladainha do Gerson é realizada há dezessete anos. Mas o oferecimento do almoço só aconteceu depois – pela lembrança do casal, de uns onze anos para cá. O dia da ladainha é sempre de intensa preparação e trabalho. A família e alguns amigos se reúnem para as arrumações. Quando chegava a hora do almoço, sempre ficava aquele lapso. Era preciso providenciar comida. Comprava-se um peixe ou um frango para alimentar a todos. O almoço, então, passou a ser planejado. E além daqueles que já estão na casa para os preparativos, o casal também chama mais alguns amigos. Nesse ano, eles convidaram cinquenta. Compareceram umas trinta pessoas.



Doce de laranja da terra e cocadas cremosas

Edriane conta que, no Taquari, era o seu avô quem recebia os foliões e devotos do Divino para o almoço em sua casa. Enquanto, a Bandeira corria outras residências, a refeição era preparada. Porcos e galinhas eram abatidos para alimentar os peregrinos.



Saio para uma volta pelo quintal – pequena horta com ervas, mudas de árvores, frutíferas já adultas, laranjeiras, pé de mamão, maracujá, limoeiro, flores, galinheiro repleto – uma riqueza. Gerson foi criado por seus avós, que eram agricultores nessa mesma terra na Várzea do Corumbê. Parte dela lhe foi dada por seu pai-avô, por ocasião de seu casamento. Gerson, por sua vez, legou ao filho Vinicius e sua esposa outra porção desse mesmo terreno para a construção da casa do jovem casal. Gerson lavrava a terra junto com os avós. Na época das bodas com a Edriane, foi buscar trabalho de “carteira assinada” na cidade. Atualmente, é motorista de uma loja de material de construção, mas nas

horas de folga, é ao manejo das plantas que se dedica. Aliás, o seguidor de N.S. da Conceição é homem de muitas ocupações, especialmente as devocionais. É ministro da palavra na Igreja Católica da Várzea do Corumbê e integrante das Folias da cidade, toca na temporada de Reis e também na tradicional Festa do Divino. Edriane conta ocasião em que ela, sua mãe Dona Olímpia, o marido e o filho voltavam de uma celebração noturna na capela do bairro. No trajeto, ouviram som de Reis na residência do Seu Zezé. Edriane e a mãe foram direto para casa. Gerson e Vinicius, como bons foliões, foram atrás da música. Ela imaginou que eles tardariam a chegar e recolheu-se para o quarto. Horas depois despertou assustada com som de folia na sua porta. “Meu Deus, já passa da meia noite, eu não acredito que o Gerson trouxe a folia aqui para casa. Não tenho nada para oferecer”, foi o pensamento da Edriane, que logo correu ao quarto da mãe. Dona Olímpia também se preocupou, pois lembrou que não havia nem café, nem um

bolo, nada preparado para receber os foliões. Edriane apreensiva não queria abrir a porta. Sua mãe a exortou a abrir, pois onde já se viu não receber os Reis. Ela foi então para a entrada e lá estavam o Gerson e o Vinicius numa cantoria danada, simulando um monte de gente, mas estavam sozinhos, esperando a dona da casa abrir a porta, conforme o costume.

Gerson e Vinicius também estiveram juntos na reinauguração da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios no Corumbê. A capela completará cem anos em 2021 e está localizada à beira-mar. Na ocasião, a construção passou por reformas e, na cerimônia de reabertura, os padres da paróquia pediram ao Gerson que



Igreja N. Senhora dos Remédios do Corumbê

conduzisse a tradicional ladainha em latim. “Eu cantando ladainha com meu filho e os padres paramentados no altar. Coisa que nunca se viu. O padre Roberto disse: ‘faça como era’. Aí, nós fizemos. E o povo respondendo a ladainha, a mesma daqui de casa.” Gerson disse que “as pessoas cantavam aquilo de coração” e foi a essa a razão dos sacerdotes terem aberto espaço para a manifestação genuína de fé da gente da zona rural como marco de reinício daquele templo.

Aos poucos, os convidados do almoço se dispersam, alguns com a promessa de retornar para a ladainha da noite. Além da família residente, permanecem certamente Dona Olímpia que tem papel fundamental no preparo do banquete, sua irmã Cleusa e a sua sobrinha Fátima e Dona Izete. Ainda há muito para aprontar.

Gerson foi moer a cana na moenda do vizinho, pois a sua está danificada. Enquanto isso, as mulheres se engajam no corte da linguiça e couve para o caldo verde. Dona Olímpia dá as instruções, nós acolhemos. É ela quem junta os insumos e adiciona os temperos.

Com a garapa em mãos, Gerson coa o café que permanecerá aquecido no calor constante da lenha. Parte, então, para o arremate da paçoca de banana da terra. As bananas já foram cozidas pela manhã e o



Preparo da paçoca de banana da terra

bacon cortado em pequenos pedaços pelas mulheres. O trabalho árduo é amassar a fruta e misturar os ingredientes na grande panela. Pronto, mais um quitute finalizado.

No decorrer da tarde, vizinhos e amigos chegam, outros se vão. Uns auxiliam em alguma tarefa, outros trazem um aipim, um biscoito, um bolo ou uma bebidinha para o festejo de Nossa Senhora. “Eu não peço, mas eles oferecem com boa vontade e eu recebo com alegria”, explicou Gerson sobre as contribuições. Majoritariamente, porém, os pratos são feitos pela família. Grande parte dos insumos, inclusive, é de produção própria.

Edriane lidera a arrumação da mesa das comidas na sala de refeições. Ela chama o marido para deslocar o móvel do centro do cômodo para a parede ao fundo, ponto mais adequado ao fluxo das pessoas, cada um dos dois segura em uma extremidade. Eles nem se dão conta, mas acabam de performar um ato carregado de simbolismo. Ali juntos, simetricamente posicionados, deram início a composição da mesa do banquete. O casal forra a mesa – primeiro com uma toalha branca de cetim, depois uma toalha rendada, guardada anualmente para a ocasião, e, por último, com uma cobertura em plástico transparente. Em vários momentos do dia, Edriane, em sua dedicação cuidadosa na preparação de cada detalhe, no afeto com que recebia cada convidado, comentou o quanto aquele evento é importante para o Gerson. Ela, companheira, toma para si o mesmo sentimento de deferência. Edriane e Gerson, habitantes daquele lar, juntos são responsáveis pela santificação da morada. A instauração do sagrado terá início com a reza. Mas é com o oferecimento do banquete que eles compartilham as graças e bênçãos recebidas para toda uma comunidade.

Começou, então, o corte dos bolos, daqueles tabuleiros que estavam no quarto. Pequenas fatias foram organizadas em grandes travessas, separados por sabores. O povo poderá se servir daquele que mais lhe apetecer. O meu preferido é o manê de bacía, um bolo feito com melado de cana que só em Paraty se desfruta. Salgados, tortas e empadões se somam às delícias. A mesa gradativamente se enche, a ponto de não caber mais pratos. O caldo verde ficará em uma mesa lateral.

O trabalho é constante, mas não há correria, nem afobação. O ritmo é calmo e fluido. A cada hora, um a um ou dois a dois fazem uma pausa para um lanche. Padre Milton volta para o café da tarde, mas não estará presente no período noturno. Os padres não costumam frequentar esses cultos domésticos. Eventualmente, por convite ou por amizade ao anfitrião, comparecem. Esse recolhimento dos sacerdotes se dá por uma postura de respeito a uma prática na qual reconhecem a genuinidade da fé, mas a entendem como uma manifestação do povo, independente da igreja. Os cantos e orações vem da liturgia católica. Porém, trata-se da homenagem do devoto ao seu santo protetor, a entidade que vive com ele as agruras e alegrias do cotidiano. Por isso, o devoto faz questão de um rito sem mediação e não institucional, preparado por ele e por sua família.

A sala da entrada está sendo organizada para a reza. O altar já está enfeitado desde a manhã. Caprichosamente, uma mesa foi coberta com toalhas brancas, bordada e rendada nas pontas. Nossa Senhora da Conceição está posta ao centro, circundada com rosas, abertas em pleno florescimento. Duas velas iluminam o oratório, cheio de esmero. O sofá foi retirado para abrir mais espaço no pequeno cômodo. Um projetor foi montado para exibir na parede os cantos da ladainha.

A imagem em escultura da Imaculada Conceição permanece na sala de entrada durante todo o ano, zelando pela morada. Esta pertenceu aos pais-avós de Gerson. As imagens de São Joaquim e Nossa Senhora Santana também estão presentes na casa.

São sete da noite. Ainda está claro por conta do horário de verão. A Ladainha está marcada para as oito. Lá no portão, aponta o senhor Cláudio, que se aproxima em passos vagarosos, com seu pandeiro a tiracolo. Não é



Seu Cláudio

parte de nenhuma folia, mas mistura-se a elas com seu instrumento. Mais um ano comparece para louvar Nossa Senhora. Ficamos eu e ele na varanda, aguardando a hora chegar. Chapéu panamá, pele negra, voz baixa, pouca fala, mas eloquente em seu silêncio e descrição. Gostaria de saber desenhar para registrar a presença desse ser tão cheio de sentidos ocultos e lirismo. Disfarçadamente, faço uma foto. Mas a fotografia se mostrou demasiada real para capturar a poesia daquela existência.

Em conversas posteriores, contam-me que Seu Cláudio é devoto de São Benedito. Todos os anos, na festa do santo, ele se veste tal como o franciscano e acompanha a festividade por inteiro. Caminha lado a lado ao andor, durante as procissões e, eventualmente, nas missas é convidado pelos padres a sentar-se ao altar.

Logo chegam mais pessoas. Cumprimentam-se os anfitriões, abraços são trocados, quase todos velhos conhecidos. A casa se preenche. Pontualmente, às vinte horas, tem início a ladainha em louvor a Nossa Senhora da Conceição. A sala do altar é pequena e acomoda a família, os mais idosos, os cantadores da ladainha e os mais devotos. A varanda está repleta e há gente acompanhando pelas janelas. Lembrarei dessa cena meses depois quando Regina Antônia rememorava as ladainhas na casa do Manoel Torres: “cheguei a ir a umas ladainhas na casa do Seu Manoel Torres, ali perto da praça da Matriz, tinha um corredor, nunca dava para chegar na sala, ficavam lá os velhos cantando, a gente era mais nova e ficava do lado de fora.” Seu Manoel Torres é o homem que mais viveu em Paraty, faleceu aos 102 anos e realizava a ladainha ao Bom Jesus, em seu aniversário dia 6 de agosto. Foi um dos capelães mais ilustres da cidade, puxava a reza em várias casas, também era benzedor.

Gerson é o capelão na ladainha em sua morada. Ele também é a voz chamada para as celebrações em outras casas paratienses, como o foi Manoel Torres. Ele diz que seu filho tem o conhecimento para conduzir a reza, mas não o faz ainda.

A reza para Nossa Senhora da Conceição seguiu o rito tradicional. A estrutura da ladainha consiste em uma sequência de orações cantadas e algumas poucas orações faladas (uma ou duas).

O canto começa com uma saudação a Santíssima Trindade:

Capelão: Deus vos salve, filha de Deus Pai.

Povo: Deus vos salve, mãe de Deus filho.

Capelão: Deus vos salve, esposa do Espírito Santo.

Povo: Deus vos salve, templo de sacrário da Santíssima Trindade.

Capelão: Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.

Povo: Se puderem em princípio é de nunca em sempre e de século em seculorem. Amém.

O capelão é a voz dominante e primeira. O povo entoava sua parte em coro, em resposta. Em alguns momentos, as vozes mais altas das mulheres se sobressaem. Já presenciei ladainhas em que o capelão contava com o acompanhamento de uma segunda voz e com o auxílio de um puxador que prenunciava o verso a ser cantado pelo povo. Não foi o caso no dia de hoje. Ao capelão, seguia a voz do povo.

Prosseguiu-se com o Pai-Nosso e a Ave-Maria da roça, cantados. Em seguida, veio a ladainha. Esta costuma ser proferida em latim. Mas aqui, no Gerson, a reza foi feita em português. Gerson explicou que a ladainha que ele conheceu no bairro, no passado, não se rezava em latim. Resolveu seguir a tradição conforme foi vivida por ele. Ele também diz que, em português, o povo interage mais.

Capelão: Santa Maria, Santa Mãe de Deus, Santa Virgem da Virgens, rogai por nós.

Povo: Mãe de Jesus Cristo, rogai por nós.

C: Mãe da Divina Graça, mãe puríssima, mãe castíssima, rogai por nós.

P: Mãe Imaculada, rogai por nós.

C: Mãe Intacta, Mãe Amável, Mãe Admirável, rogai por nós.

P: Mãe do Bom Conselho, rogai por nós.

C: Mãe do Criador, Mãe do Salvador, Virgem Prudentíssima, rogai por nós.

P: Virgem Venerável, rogai por nós.

C: Virgem Louvável, Virgem Poderosa, Virgem Bendigna, rogai por nós.

P: Virgem Fiel, rogai por nós.

C: Espelho de Justiça, Sede de Sabedoria, Causa da Nossa Alegria, rogai por nós.
 P: Vaso espiritual, rogai por nós.
 C: Vaso honorífico, Vaso Insigne de Devoção, Rosa Mística, rogai por nós.
 P: Torre de Davi, rogai por nós.
 C: Estrela da Manhã, Saúde dos Enfermos, Refúgio dos Pecadores, rogai por nós.
 P: Consoladora dos aflitos, rogai por nós.
 C: Auxílio dos Cristãos, Rainha dos Anjos, Rainha dos Patriarcas, rogai por nós.
 P: Rainha dos Profetas, rogai por nós.
 C: Rainha dos Apóstolos, Rainha dos Confessores, Rainha das Virgens, rogai por nós.
 P: Rainha de Todos os Santos, rogai por nós.
 C: Rainha concebida sem pecado original, Rainha assunta ao céu, Rainha do Santo Rosário, rogai por nós.
 P: Rainha da paz, rogai por nós.
 Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo.
 P: Perdoai-nos, senhor.
 P: Ouvi-nos, Senhor.
 P: Tende piedade de nós.
 C: Ora pro nobis Santa Dei Genitrix.
 P: Ut digne ficiamur promissionibus Christe.
 C: Aleluia.

A repetição, os rogos reiterados, o tom do canto constante remetem à vibração de um mantra. Nesse momento, é como se abrisse um portal do alto para a sacralização da morada. Nossa Senhora é divina, mas guarda a proximidade e acolhimento de uma mãe. Ela não falha a nenhum dos chamados.

Após os versos da ladainha, é feita oração falada em latim, seguida pela tradução em português. Vem, então, o “Salve Rainha”, o “Credo”. A reza dura cerca de trinta a quarenta minutos. A postura dos presentes é de respeito e uma combinação contrastante de recolhimento na fé e expressão no canto, de introspecção na comunicação com o divino e de compartilhamento de uma oração coletiva. Embora o canto, parece haver silêncio. Há quietude. Alguns olhos se fecham e esse é um momento privilegiado para enxergar as pessoas essencialmente. Grande parte daqueles versos são conhecidos, proferidos há anos, pela tradição católica, pela tradição familiar.



O capelão e os devotos

O anfitrião agradece a presença dos amigos e renova pedidos de bênçãos e graças. São lembrados os devotos falecidos, numa ligação aos que, em tempos passados, também louvaram a Imaculada. O canto final é o hino a Nossa Senhora da Conceição, acompanhado ao violão pelo Vinícius, filho dos anfitriões. É o ponto alto, quando a voz sai mais forte e veemente.

Um dia em Nazaré, sonhou contigo José
E o anjo anunciou: Serás Mãe do Salvador
E hoje esta é a nossa missão: fazer feliz nosso irmão.

Refrão: Maria Imaculada, Senhora da Conceição
Nas lutas da caminhada, é nosso o teu coração!

Um dia lá em Belém, sinal para Jerusalém
Nasceu Jesus, Deus menino, e o humano se torna divino
E assim esta é a nossa missão: fazer feliz nosso irmão.

Um dia lá em Cana, a mãe vê o vinho faltar
Revela o caminho da fé: Fazer o que Jesus disser
E ainda esta é a nossa missão: fazer feliz nosso irmão.

Um dia em Jerusalém, a força de Deus que nos vem,
No Espírito Santo desceu, e o mundo se converteu.
E, enfim, esta é a nossa missão: fazer feliz nosso irmão.

A reza é finalizada com exclamações de Viva a Nossa Senhora da Conceição e Viva a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Terminada a reza, as portas e janelas da casa são fechadas e as luzes apagadas. Pelo lado de fora, a Folia de mestre Zizi começa o canto em homenagem à santa. A temporada de Reis do grupo se inicia nesse instante, na casa do Gerson, na Ladainha a Nossa Senhora da Conceição.

Levantei de madrugada,
Fui varrer a Igreja da Conceição
Encontrei Nossa Senhora,
Com raminho na mão.

Eu pedi o seu raminho
Ela me disse não
Tornei a lhe pedir
Ela me deu seu cordão

O cordão era tão grande
Que do céu vinha no chão
Ainda dava sete voltas
Ao redor do coração.

Uma era de São Pedro
A outra de São João
No meio tinha um letreiro
Da Santa Conceição

Bendito louvada seja
Senhora da Conceição
Basta o nome dela
Para nos dá consolação.

O meu peito é um palácio
Tem vento, tem céu, tem lua
Tem ilha, tem céu, tem mar
Diversas moradas sua.

Querer é muito bom
Faz a gente enlouquecer,
Cria ferida por dentro,
Por fora ninguém vê.

(Mestre Amélio Vaz)

O grupo do Seu Zizi é formado por mais ou menos cinco pessoas – ele, seu sobrinho, Moacir Cruz, Aldair do taxi, Seu Ditinho. Nas jornadas, um ou outro se incorpora ao violão, cavaquinho, triângulo, pandeiro e sanfona. É o caso do Seu Cláudio, mencionado antes e que, animado, foi o primeiro a chegar com seu pandeiro. Vinícius do Gerson também se reuniu à turma.

Tempos depois conversei com Seu Zizi em sua casa na cidade. Artesão talentoso, além de mestre da folia, tem um grupo de ciranda. O pai foi folião. Dois de seus irmãos também são foliões e cirandeiros. Seu Zizi toca nos eventos domésticos e nas festas católicas, como a de São João no Jabaquara, Nossa Senhora da Conceição na Barra Grande, São Pedro em Tarituba. O grupo foi uniformizado, com uma camisa da folia em que se lê “Velha Guarda”. Ninguém aparenta ter menos de sessenta anos.

Meses depois também conversei com Seu Moacir Cruz, na Ladainha de Santo Antônio no Corisquinho. Na reza, ele tirava o chapéu e rezava recolhido e respeitoso em um canto. Ele se destacava no meio do povo, emanando fé e devoção. Enquanto a maioria dos presentes, acompanhavam a reza pelo papel, ele seguia pelo coração e pela memória. Na festa, ele estava de cirandeiro, tocando alegre com o grupo do Fernando Alcântara. Seu Moacir tem 71 anos. Há algumas semanas foi cavalgando de Paraty a Aparecida do Norte, pelos caminhos da serra, junto com mais 22 cavaleiros. “Cavalgávamos de dia, cantávamos à noite. Na volta, pusemos os cavalos em um caminhão, para não maltratar os bichos com tanta andança.”

Ao fim da primeira música, as luzes se acendem. Gerson abre a porta de entrada e convida a folia a entrar. Os foliões se posicionam de frente ao altar de Nossa Senhora, em semicírculo e entoam mais uma canção de bênção ao lar que os recebem.

Deus salve a casa santa onde Deus fez a morada,
Onde mora o cálix bento e a hóstia consagrada
De Gesse nasceu a vara, da vara nasceu a flor
Da flor nasceu Maria, de Maria o Salvador



Louvção da Folia do Mestre Zizi

A atmosfera ganha novos humores. À devoção circunspecta se junta a louvação jubilosa. O som das cordas e da percussão enchem a casa. A tradição oral nos ensina que o toque da caixa da Folia do Divino espanta pestes e doenças. Um efeito similar se dá com a alegria do canto e dos instrumentos da Folia de Reis em devoção à Imaculada Conceição. A música sacode os resquícios de estagnação e renova a energia do lar para o novo ciclo anual.

A última porta fechada se abre e todo o povo adentra. A casa simples e acolhedora do Gerson e Edriane recebe dezenas e dezenas de convidados. Tem início o banquete. Alguns se encaminham logo para uma cumbuca de caldo verde na noite especialmente fria. As crianças escolhem primeiro os bolos. Outros preferem as empadas e salgados. Os frequentadores costumazes já sabem que no fogão à lenha, lá nos fundos, acha-se o café de caldo de cana e se dirigem para um gole da bebida preferida e para uma conversa mais sossegada longe do povo e da música. Os foliões, após se servirem, retomam a cantoria. Ouve-se acordes de ciranda. A varanda estreita não é impeditiva para as danças. Outros estilos se alternam no repertório – da tradicional Calix Bento aos sambas consagrados. Os instrumentos e as vozes são revezados para além do grupo, para outros que se acercam para compartilhar a roda dos músicos. Lá está novamente o Vinícius com o seu violão, ouvindo e aprendendo com os mestres.

Perpasso os cômodos da casa, em silêncio, tentando a invisibilidade para observar, sem interferir, as cenas que se desenrolam. Grupos espalhados pelos corredores e pela cozinha, amigos de longa data, conversam. Um deles fala das dietas contra a diabetes ou o colesterol que foram subvertidas pelo açúcar dos doces ou pelo bacon da paçoca. “Antigamente, não se tinha nada disso. A gente comia comida refogada na banha do porco.” Detenho-me na sala do altar, agora esvaziada, habitada somente pelas crianças, digo, as meninas. Elas comem doces, dançam, brincam. Sento-me com elas um pouco. Saio pelo quintal escuro, à meia luz e lá estão os meninos, correndo. Alguns adultos também estão por lá, fumando um cigarro, mirando a roda de música ao longe. As cadeiras e tendas montadas no terreiro nem foram usadas, por conta da chuva e do frio. Entro novamente pela varanda e encontro Bob, um pouco ressabiado pela multidão que ocupa seu lar usualmente tão calmo. Mais à frente vejo o rosto familiar de uma mulher. É a Cláudia, moradora do bairro, da Várzea do Corumbê. Ela e o marido Fabiano promovem uma ladainha a São Jorge. Vejo-a sempre nas rezas, aqui no Gerson, no São João da Família Mello, na Santa Cruz da Generosa.

As pessoas presentes são das mais diversas localidades de Paraty - Corisco, Ponte Branca, Corumbê, Graúna, Campinho, Taquari. Há aqueles de outras cidades também. A tia da Edriane, Dona Cleusa e sua prima Fátima vem da cidade do Rio de Janeiro. Elas frequentam o evento há anos.

Quase nem vejo Gerson e Edriane. Eles estão em toda parte, zelando pelo bom funcionamento de tudo, conversando com os convidados, repondo os pratos. De vez em quando, Gerson se aproxima para apreciar a música. Hoje, ele não toca.

A varanda está tomada por outro encantamento. A ladainha que se inicia com a comunhão da reza, com a partilha do banquete desemboca agora na festa, em um momento de expansão e alegria comunitária concedido pela ciranda. Diferentemente da reza que tem um roteiro pré-estabelecido, a festa é marcada pelo imprevisto. Os músicos tanto podem retomar versos de folias quanto emendar versos de cirandas entre seus variados gêneros – arara, caranguejo, canoa.



Ai morena
Moreninha meu amor
Nas tranças do seu cabelo
Corre águas e nasce flor

Ou então:

Sai pavão
Sai de cima do telhado
Deixa a moreninha dormir sono sossegado

Sai pavão
Sai de cima do fogão
Não deixa a moreninha magoar meu coração

Ou ainda:

Quando eu tinha quinze anos
Uma morena deu pra mim
Um casal de canarinhos
Pra cantar no meu jardim

É quase meia noite quando Gerson e Edriane sentam-se ao sofá na varanda, exaustos e satisfeitos. Todos os convidados se foram. Dona Olímpia já se recolheu. Vinicius e a esposa se retiraram para a casa aos fundos. O silêncio paira no ar. Do casal, o sentimento que se sobressai é o de gratidão.

A ladainha a Nossa Senhora da Conceição acontece religiosamente há dezessete anos. Apenas uma vez, por ocasião do falecimento de uma amiga próxima, o festejo não ocorreu. Mas a reza não deixou de ser feita. A família se reuniu para uma oração.

Gerson afirma que iniciou a ladainha para manter a tradição: “Estavam se acabando as ladainhas da roça, da zona rural, a gente quase já não ouvia mais. Conversando com a Edriane resolvemos retomar em nossa casa. Começou pequena, começou com pouca gente, com dez, vinte pessoas. Mas depois com o passar do tempo, um vai avisando para o outro.”

Cerca de duzentas pessoas estiveram presentes a ladainha nesse ano de 2018. Muitos que estavam sendo esperados, não compareceram, possivelmente, por conta da chuva ou do frio. Os anfitriões convidam poucas pessoas, mas aqueles que compareceram uma vez e que apreciaram, retornam no ano seguinte trazendo mais amigos. A rede se expande para além do controle dos donos da morada. A hospitalidade, o acolhimento afetuoso e a amizade espontânea, porém, são extensivos a todos que cruzam a porta de entrada. Em todos esses anos, a despeito da indeterminação quanto ao número de convidados, milagrosamente nunca faltou comida. A fartura sempre foi constante, mas nunca com desperdício. Quando há sobras, presenteia-se os vizinhos. Existe um equilíbrio natural no fluir na ladainha.

As ladainhas em Paraty são um fenômeno da zona rural. Até hoje nos chega o relato das devoções na Fazenda Boa Vista, na Fazenda Catiferro, na Fazenda do Fundão, nos sítios do Corisco. A reverência a Nossa Senhora da Conceição era conhecida na Barra Grande e no Corumbê. Gerson afirma que comparado aos dias atuais, havia uma quantidade muito maior de ladainhas nas roças. Não se conhecia todas. As raízes da Ladainha a N.S. da Conceição realizada pelo Gerson, porém, estão além da tradição do bairro e da cidade. Seu bisavô e sua bisavó eram “rezadores” no norte do Brasil, “pessoas que eram chamadas para

entoar os ofícios de Nossa Senhora nas casas, aos sábados”. Gerson explica que a devoção a Imaculada Conceição no Norte é muito forte. É uma herança que também é compartilhada pela comunidade de Paraty. Mesmo os devotos de outros santos reservam a Nossa Senhora veneração destacada. Ela tem muitos nomes, variadas manifestações – Aparecida, dos Remédios, da Conceição. Seus codinomes e adjetivos foram reiteradamente declamados na ladainha.

Despedi-me, não sem antes receber uma rosa do altar.

Segui meu rumo, mas ouvia ainda as conversas, os risos, os cantos. Eram sons de alegria e de vida, uma alegria inteira e presente, uma alegria não eufórica, mas suave. Perguntava-me: o que há neles? É a fé no sagrado, é a serenidade frente ao imponderável, é a plenitude de quem tem Deus?

Muitas indagações, vislumbres, intuições, sentimentos se misturam após a vivência na Várzea do Corumbê. Há, ali, a fonte de uma outra forma de existência, que se instaura a cada 8 de dezembro. É a reafirmação de um ethos que perdeu espaço no mundo contemporâneo, regido por relações objetivas e impessoais.

No início do cristianismo, poucos anos após a morte de Jesus, quando a religião católica não era institucionalizada e não havia templos, os primeiros cristãos reuniam-se nas casas. Diz-se que os praticantes dessa nova fé se destacavam pelas ações de caridade que empreendiam e por seu caráter humano e solidário.

As populações caiçaras tradicionalmente se organizavam em pequenas comunidades. Viviam em relativo isolamento dos centros urbanos. A presença das autoridades eclesásticas era rara. Isso fez com que se engajassem de forma independente na realização de seus cultos. Louvavam seus santos de devoção em seus lares, como os primeiros cristãos.

Os devotos das ladainhas de Paraty assumiram um compromisso com o sagrado. Realizam a reza todos os anos, até a sua morte. Há casos em que o filho ou sobrinho assume a ladainha após o falecimento do pai ou tio. Há um senso de comprometimento. Não se trata de um compromisso individual entre Deus e o devoto apenas. Tem a ver com uma promessa de legar a um mundo em dispersão valores de afeto, cuidado, de unidade, partilha. Esses sentimentos são partes essenciais do ritual da ladainha.

Paraty está, hoje, dentro do mapa do turismo internacional. Suas paisagens naturais, culturais e até mesmo seus modos de ser e fazer se tornam ativos de produtos turísticos e culturais.

As ladainhas continuam, devotamente, em casas como a de Gerson, restaurando e renovando a cada ciclo anual uma promessa. É uma reafirmação. É resistência. É uma potência. É a expressão da força ritual em trazer de volta ao mundo um pouco do que ele ainda é e também do que não é mais.

No domingo, em Paraty, pela manhã, já fazia sol e calor, a despeito da chuva torrencial e do frio do dia anterior. Faço a mim a mesma a pergunta de “Profundamente” de Manoel Bandeira. Onde estão todos que ontem sorriam e cantavam? Mesmo que dispersos e silenciosos pelo mundo, dia 8 de dezembro, no horário marcado, todos se reunirão mais uma vez.

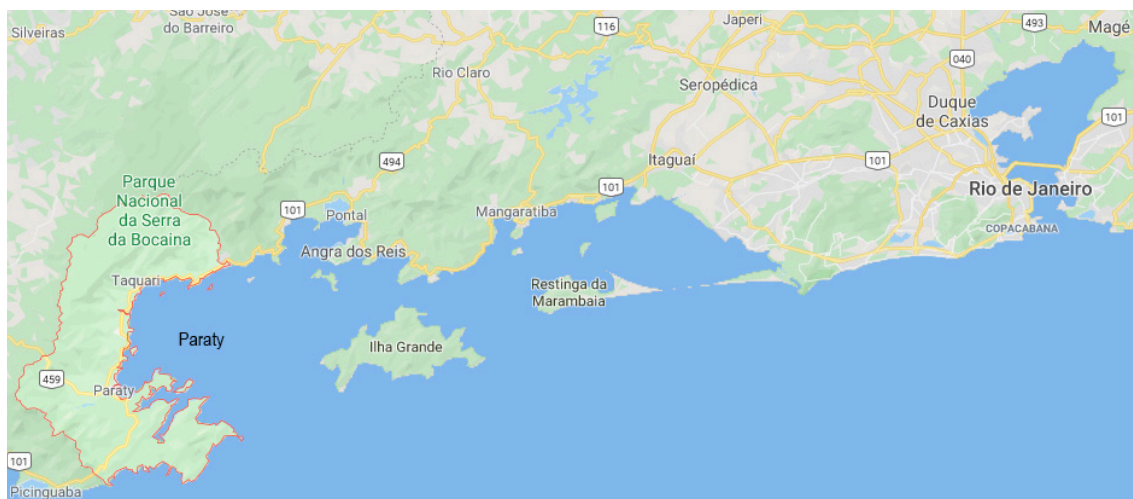
CAPÍTULO II: ESTRUTURA E ELEMENTOS DAS LADAINHAS EM PARATY

As ladainhas

A ladainha é uma forma de oração, que pode ser cantada, de vinculação católica, na qual se roga a intercessão e a proteção dos santos, reiteradamente. Encontram-se versos nas línguas vernáculas e em latim. Essa modalidade de prece era proferida em procissões, vigílias e cultos familiares.

Em Paraty, o termo “ladainha” se expandiu para além dos versos contritos. É uma prática cultural e religiosa, realizada em âmbito doméstico. No tempo passado, era um evento eminentemente da zona rural. Chega à cidade, aos poucos, à medida que o povo da roça migra para os bairros urbanos. No momento dessa pesquisa, treze ladainhas são cultuadas no município, em variadas localidades.

Santo de devoção	Data	Devoto	Bairro
São Jorge	23 de abril	Cláudia	Várzea do Corumbê
Santa Cruz	3 de maio	Marcel	Gragoatá
Santo Antônio	13 de junho	Regina Antônia	Corisquinho
São João	24 de junho	Família Mello	Cabral – Fazenda Coqueiro
São Pedro	29 de junho	Júlio Cesar	Fazenda Catiferro – Rio dos Meros
Santana	26 de julho	Maria Teixeira	Chácara da Saudade
Santana	27 de julho	Mauriceia (Theia)	Parque Imperial
Bom Jesus	6 de agosto	Lucília	Fátima
Bom Jesus		Júlio Cesar	Fazenda Catiferro
São Roque	16 de agosto	Rita	
Santos anjos	6 de outubro	Élcio	Gragoatá
N.S. da Conceição	8 de dezembro	Gerson	Várzea do Corumbê
São Sebastião	20 de janeiro	Alza Gama	Chácara da Saudade



Mapa da região de Paraty / Localização das Ladainhas (base Google)

Alguns indivíduos, por motivo de pagamento de promessa ou tradição familiar, promovem anualmente uma celebração em homenagem ao santo de devoção. A data é de acordo com calendário católico. No dia 8 de dezembro, por exemplo, Gerson realiza em sua casa a ladainha a Nossa Senhora da Conceição. A Família Mello a cada 24 de junho comemora o dia de São João com festa e oração. Rita Luísa o faz em prol de São Roque.

Marina de Mello e Souza (2008, p.136-137), em seu estudo sobre as festas católicas de Paraty, faz referência a essas práticas:

“Eram festas realizadas pelas famílias, que em mutirões de trabalho preparavam toda a comida e bebida a ser servida, contratavam os músicos, montavam a grande fogueira, encomendavam os fogos, armavam o altar, organizavam a ladainha e recebiam os amigos com hospitalidade, tudo para louvar seu santo de devoção e, talvez, arranjar casamento para as filhas. Com as transformações por que passou a cidade, deixaram de ser feitas nos terreiros urbanos, mas nunca desapareceram completamente. De qualquer forma, sempre tiveram como principal característica serem festa na roça, sem qualquer envolvimento com a Igreja. Eram altares montados para aquela data, as ladainhas eram rezadas em frente as imagens por “capelães”, enquanto estes existiram, e depois o chiba, ou ciranda, entravam pela noite adentro, até o amanhecer, enquanto as crianças se divertiam em volta da fogueira, antes de desmaiarem de sono em algum canto.”

Portanto, em Paraty, a ladainha não é apenas uma reza, é um evento, é um ritual. A estrutura central se mantém, embora cada cerimônia seja portadora de características especiais. Cada devoção, cada casa, é uma experiência única. Pode-se dizer que, tradicionalmente, as ladainhas em Paraty são compostas de três momentos principais – a reza, o banquete e o festejo. Em algumas dessas celebrações, não há festejo com dança e música. Mas a reza, os comes e bebes e a conversação são elementos presentes e constantes.

A reza

As ladainhas são marcadas para o período da noite, geralmente entre sete e oito horas. Chama-se os familiares e amigos mais próximos por telefone, mensagem ou pessoalmente. Esses chamados são reforçados em eventos sociais – no encontro na saída da missa de domingo, ou na ladainha antecedente. De toda forma, a maioria já está prevenida quanto a realização do evento, pois trata-se de um compromisso anual, realizado sem falhas. Às vezes, acontece de uma frequentadora esquecer a data. “Ah, Lucília, eu esqueci”, uma senhora lamenta ter perdido a ladainha a Bom Jesus. “Você não é católica? Não sabe o dia de Bom Jesus?”, brinca Dona Lucília. Ou seja, os convites são fluidos, não há formalidade, nem rigor. Não é necessário ser nominalmente convidado para a reza. A casa é aberta a todos, sem exceção. “Uma chama o outro, vem quem quer”, explica Dona Lucília.

Não se costuma atrasar o início da ladainha, salvo quando o capelão chega tarde. Os minutos que antecedem a hora combinada são preenchidos com conversas entre os velhos conhecidos presentes.

O primeiro momento é inaugurado com o chamado do capelão ou do devoto anfitrião que convoca todos a se posicionarem em torno do altar doméstico, localizado na sala ou na varanda. O anfitrião dá as boas-vindas. Algum familiar ou amigo lê um histórico, no qual se conta as origens da devoção ao determinado santo ou no qual se lembra o surgimento e continuidade da ladainha em questão. No tradicional São João dos Mellos, por exemplo, ouve-se os relatos dos festejos na antiga Fazenda Boa Vista, de propriedade da família e de como a imagem de São João foi encontrada no mar durante uma pescaria pelos lados de Mambucaba. Na Santa Cruz da Generoza, não pode faltar a história de fundação da capela, construída em homenagem ao negro Theodoro, morto afogado no Rio Pereque-açu. Na casa da Rita, conta-se a história de São Roque, peregrino com poderes de curar enfermidades. Logo após a contextualização, o canto é puxado pelo capelão.

O primeiro deles é a “Santíssima Trindade”.

Capelão: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Povo: Amém

Capelão: Deus vos salve, filha de Deus Pai.

Povo: Deus vos salve, mãe de Deus Filho.

C: Deus vos salve, esposa do Espírito Santo.

P: Deus vos salve, templo e sacrário da Santíssima Trindade.

C: Glória ao Pai e ao Filho e o Espírito Santo

P: Se puderem em princípio é de nunca em sempre e de século e seculorem, amém.

Capelão e povo se revezam nos versos, conforme a marcação, algumas palavras em latim são salteadas nas últimas linhas. A voz do capelão é solitária e do povo entoada em coro. Às vezes, o capelão conta com o auxílio de uma segunda voz em momentos da reza. Mas é raro, a depender de haver pessoas com conhecimento e habilidade no canto.

Em seguida, vem o “Pai Nosso”. Embora a letra seja semelhante a oração falada, aqui a oração é cantada:

Capelão: Pai Nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu.

Povo: O pão nosso de cada dia nos dai hoje, e perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos senhor do mal, amém.

É cantado, em seguida, o “Credo”, oração também conhecida do repertório católico. A voz solo do capelão e o coro do povo geram um efeito bastante interessante.

C: Creio em Deus Pai todo poderoso

P: Criador do Céu e da terra

C: Em Jesus Cristo, um só seu filho

P: Nosso senhor, o qual foi concebido

C: Do espírito santo, nasceu de Maria Virgem

P: Padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos

C: Foi crucificado, morto e sepultado

P: Desceu aos infernos, ao terceiro dia ressurgiu dos mortos

C: Subiu ao céu, subiu ao céu, está sentado a mão direita

P: De Deus Pai todo poderoso

C: Onde há de vir, a julgar os vivos e os mortos

P: Creio no espírito santo, na santa igreja católica

C: Na comunhão dos Santos, na remissão dos pecados

P: Na ressurreição da carne, na vida eterna, amém.

O quarto canto é o “Ave Maria”. Entre os devotos, costuma-se chamar essa música de Ave Maria da roça ou Ave Maria Paratiense. Segundo eles, trata-se de uma melodia típica de Paraty. Costumava ser cantada somente na zona rural, sobretudo em eventos domésticos. Atualmente, em datas festivas, escuta-se essa versão na Igreja da Matriz no Centro Histórico.

C: Ave maria, cheia de graça, o senhor é convosco, bendita sois senhora, entre as mulheres, bendita é o fruto do vosso ventre, nasceu Jesus.

P: Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores e agora e na hora de nossa morte amém Jesus.

C: Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.

P: Se puderem em princípio, é de nunca e sempre.

C: É de século e seculorum

P: Amém.

A “Ladainha” cantada em latim, finalmente, toma lugar. Nesse instante, aparece o apontador da ladainha, aquele que se antecipará a voz do coro, para ajudá-lo a lembrar o verso a ser cantado. Por exemplo, o capelão canta: “Sancta Maria, ora pro nobis”, o apontador se antecipa: “Sancta dei genitrix”, o povo responde: “Sancta dei genitrix, ora pro nobis”. Essa função era especialmente útil quando não se contava com folhetos, quando os versos eram guardados na memória e repassados pela tradição oral.

C: Kyrie, Eleison

P: Christe, Eleison.

C:Christe, Audi nos.

P: Christe, Exaudi nos.

C: Pater de Coelis Deus, miserere nobis

P: Fili, redemptor mundi, Deus, miserere nobis

C: Spiritus Sancte, Deus, miserere nobis

P: Santa trínitas, unus Deus, miserere nobis

C: Sancta Maria, ora pro nobis

P: Sancta dei genitrix, ora pro nobis

C: Sancta virgo virginum, ora pro nobis

P: Mater Christi, ora pro nobis

C: Mater divinae gratiae, ora pro nobis

P: Mater puríssima, ora pro nobis

C: Mater castíssima, ora pro nobis

P: Mater inviolata, ora pro nobis

C: Mater intemerata, ora pro nobis

P: Mater amabilis, ora pro nobis

C: Mater admirabilis, ora pro nobis

P: Mater boni consili, ora pro nobis

C: Mater creatoris, ora pro nobis

P: Mater salvatoris, ora pro nobis

C: Virgo prudentissima, ora pro nobis

P: Virgo veneranda, ora pro nobis

C: Virgo praedicanda, ora pro nobis

P: Virgo potens, ora pro nobis

C: Virgo clemens, ora pro nobis

P: Virgo fidelis, ora pro nobis

C: Speculum justitiae, ora pro nobis

P: Sedes Sapienciae, ora pro nobis

C: Causa nostrae laetitiae, ora pro nobis

P: Vas spirituale, ora pro nobis
 C: Vas honorabile, ora pro nobis
 P: Vas insigne devotionis, ora pro nobis
 C: Rosa mystica, ora pro nobis
 P: Turrus davidica, ora pro nobis
 C: Turrus eburnea, ora pro nobis
 P: Domus aurea, ora pro nobis
 C: Foederis Arca, ora pro nobis
 P: Janua Coeli, ora pro nobis
 C: Stella Matutina, ora pro nobis
 P: Salus infirmorum, ora pro nobis
 C: Refugium peccatorum, ora pro nobis
 P: Consolatrix afflitorum, ora pro nobis
 C: Auxilium Christianorum, ora pro nobis
 P: Regina angelorum, ora pro nobis
 C: Regina patriarcharum, ora pro nobis
 P: Regina prophetarum, ora pro nobis
 C: Regina apostolorum, ora pro nobis
 P: Regina martirum, ora pro nobis
 C: Regina confessorum, ora pro nobis
 P: Regina virginum, ora pro nobis
 C: Regina Santorum Omnium, ora pro nobis
 P: Regina sine labe originali concepta, ora pro nobis
 C: Regina Sacratissimi rosarii, ora pro nobis
 P: Regina pacis, ora pro nobis.

C: Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, parce nobis, domine
 P: Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, exaudi nos domine
 C: Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, Miserere nobis.

C: Ora pro nobis, sancta dei genitrix.
 P: Ut digni efficiamur promissionibus Christi

Após essas longas rogações, o capelão faz uma oração falada, ainda em latim, seguida pela tradução em português. Eventualmente, ele delega essa leitura ao anfitrião ou a um familiar próximo a este.

C: Oremus: Gratian tuan quesumus domine, mentibus nostris unfunde, ut qui angelo nuntiande, Cristie. Fili, tui incarnatione cognovides, per passionem et just et cruceam ad resurrectiones, gloriam perducamor per, undem Criste, dominum nostrum.
 P: Amém.

Oremos: Infundi Senhor como nos pedimos a vossa graça em nossas almas, para que nós pela Anunciação do anjo viemos no conhecimento da Encarnação de vosso filho, pela sua paixão e morte de cruz sejamos conduzidos à Glória da Ressurreição. Pelo mesmo Jesus Cristo Nosso Senhor Amém.

A reza cantada continua, com o “Glória” e depois o “Salve Rainha”. Pode acontecer de haver troca na sequência de ambos.

Gloria

C: Glória da Virgem, suprema nas estrelas

P: O Criador criaste no peito da pureza

C: Quando Deus filhos nos deste qual os criou Eva

P: Que a gente redimida com as premissas grandezas

C: Que no alto reino de entrada a sala de luz suprema

P: Quando nós no céu entrarmos nos dê as portas abertas

C: A Jesus Filho da Virgem sempre a vossa glória seja

P: Creio em Deus Pai, Santo Espírito caridade eterna, amém Jesus

Todos: A Glória seja pai, Glória seja filho, Gloria seja o Espírito Santo, Glória seja o amor de Deus, amém.

Salve Rainha

C: Salve rainha mãe de misericórdia

P: Vida doçura e esperança nossa

C: Salve a vós brandamos

P: Os degredados, degredados filhos de Eva

C: A vós suspiramos gemendo e chorando

P: Nesse vale, neste vale de lágrimas

C: Eia, pois advogada nossa

P: Esses vossos olhos misericordiosos

C: a nós volvei e depois

P: Deste desterro, deste desterro nos amostre

C: A Jesus, Bendito é o fruto

P: Do Vosso ventre, vosso ventre ó clemente

C: Ó piedosa, ó piedosa e doce

P: Sempre sois, sempre sois virgem Maria

C: Rogai por nós santíssima mãe de Deus

P: Para que sejamos dignos

C: das promessas de cristo

P: Para sempre amém Jesus.

A reza se aproxima do final. Até esse ponto, os versos são praticamente iguais a todas as ladainhas, independente do santo homenageado. Pode acontecer, como citado anteriormente, uma pequena mudança na sucessão das músicas e a supressão de um verso em uma dada versão da ladainha em latim. É comum também variações na grafia das palavras na língua antiga de um folheto para outro.

Chega hora, então, do hino em louvor ao santo amigo do anfitrião. Portanto, a cada ocasião, há um cântico específico. Como exemplo, coloco o hino a São João.

“Cântico de São João”

Bendito louvado seja
São João por aqui está
Só vós tivesse a dita
De Jesus vos batizar

Todo mundo em ti se alegra
São João no vosso dia
Até o sol quando nasce
Vem dançando de alegria

Filho de São Zacarias
E de Santa Isabel
Batizaste Jesus Cristo
Por nome de Emanuel

João batizou Jesus
Jesus batizou João
Ambos foram batizados
No Rio de Jordão
Todo mundo se alegra
No vosso dia João
Acendem fogos em geral
As plantas brotam do chão

Após o hino, o anfitrião agradece o comparecimento dos devotos e amigos, pede bênçãos a casa e aos presentes. Em todas as rezas, lembre-se dos falecidos que um dia também louvaram aquele santo. E finalmente é entoada a oração “Santíssimo Sacramento”.

C: Bendito é louvado
P: Seja o santíssimo sacramento
C: Da imaculada da Conceição
P: Da virgem Maria Senhora Nossa
C: Concebida sem pecado original, amém Jesus

Todos: Rogamos à Deus por todos os falecidos, familiares amigos e por nós mesmos para que possamos sempre juntos caminhar nessa peregrinação de orações.

C: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.
P: Para sempre seja louvado, amém.

Para marcar o fim da reza, o capelão exclama um sonoro “Viva” aos santos e ao Nosso Senhor Jesus Cristo, ao que é respondido pelos presentes: Viva!

Nas ladainhas de São João, da Família Mello e de São Pedro, do Júlio Cesar Dantas, fogos são estourados em momentos específicos da reza.

O banquete

Finalizada a reza, a ladainha avança para seu segundo momento – o oferecimento do alimento. Os devotos anfitriões se encarregam pessoalmente de preparar em casa os pratos. Faz-se questão de manter a tradição quanto aos tipos de comida. São aquelas comumente consumidas na roça paratiense – canjicas, caldos, bolos de fubá, chocolate, aipim, manuê de bacia, cocadas, paçoca de banana com bacon, café com cana, quentão. Há salgados como empadões e, na cidade, aparecem eventualmente merengues, pães recheados e até pizzas. O cardápio pode variar conforme o período do ano. A quantidade e variedade dependem do evento, a antecedência dos preparativos também.

Na ladainha a Nossa Senhora da Conceição no Gerson, o núcleo familiar se engaja na preparação quase uma semana antes. O ritmo de trabalho se intensifica nos últimos dias precedentes. Gerson colhe a laranja da terra do quintal no mês de maio e congela para fazer doces para o almoço do dia, em dezembro, ou seja, o pensamento e o planejamento para a ocasião perpassam a mente do devoto durante todo o ano.

De uma forma geral, as ladainhas são eventos pequenos reservados a um pequeno grupo de amigos e conhecidos. Observa-se, inclusive, algumas redes de convivência comuns a algumas delas. Senhor Bom Jesus na Lucília, Santana na Dona Maria e na Theia, São Roque na Rita – percebe-se os mesmos devotos nessas casas, senhoras amigas de longa data, variando de quinze a trinta pessoas, concentradas na sala ou na varanda. Nesses casos, o banquete é modesto, mas igualmente apetitoso, servido na mesa da cozinha, feito no mesmo dia pela devota.

Há aqueles que levam um prato de doce ou salgado para compor o lanche de confraternização. Há, inclusive, trocas firmadas. Dona Lucília diz que todos os anos a sua queijadinha é esperada pelo Gerson. Em contrapartida, ele sempre comparece ao dia do Senhor Bom Jesus com cocadas cremosas.

Na casa da Regina Antônia, observa-se que além dos pratos trazidos por convidados, uma espécie de mutirão de amigos se junta para auxiliar nos afazeres. Dona Maria, do Alambique Corisco trouxe sua cachaça e seu saber para preparar o quentão. Além da garapa e da aguardente, o caldeirão foi gradualmente preenchido com cascas de laranja, pedaços de maçã, gengibre e capim limão em fogo a lenha. A irmã e a amiga Solimar se encarregaram dos caldos, a vizinha chamada Antônia Regina a presenteou com um estandarte e auxiliou na decoração, padre Milton emprestou mesas e cadeiras. Os bolos ficaram por conta da própria devota, vários, de fubá, chocolate, aipim, laranja. Regina passou o dia na cozinha, iluminada pelo sol, a bater as massas, enquanto sua neta raspava o fundo das bacias buscando os resquícios da mistura que não foram para o tabuleiro. Os preparativos já são parte do ritual.

Dona Maria da Baiaia diz que não existe a obrigação de se oferecer comida. “É mais um agrado para as pessoas.” Segundo ela, esse costume veio da zona rural. “Nas roças serviam café de caldo de cana, serviam um bolozinho, uma banana cozida, um aipim, uma paçoca de banana, um biscoitinho, biju.”

Regina Antônia também se lembra do cardápio das casas do campo. “Cantava-se a ladainha, tinha um café, não é como agora que tem um monte de bolo, antes era um café com milho, um café com aipim, café com batata doce, fazia aquele cural do milho, sempre faziam broa de milho, cuscuz de farinha

de milho, eu me lembro muito que eles faziam biju, tinha um que se chamava paspalhão que era biju diferente, um grosso e a tapioca, biju de tapioca, era uma mesa com produto da terra.”

É bom lembrar que em décadas passadas, os trajetos eram feitos a pé, a cavalo ou a remo. A merenda certamente reacendia as forças para o caminho de volta, após a noite de louvação e festejo.

Essa imagem de fartura faz parte das lembranças do estudioso Diuner Mello, paratiense conhecedor das histórias pretéritas. Na década de 1960, ainda criança, acompanhava a mãe e os irmãos à Fazenda Boa Vista, de propriedade do tio José Mello e da tia Santa, para os festejos de São João. A ladainha e a festa eram realizadas todos os anos e era uma das mais badaladas da região. A cidade ficava vazia, pois o povo havia atravessado de canoa para a Boa Vista. O festejo se estendia até o amanhecer. Além dos comes e bebes habituais, havia o almoço para quem chegava mais cedo e estava engajado nos preparativos e o café da manhã para quem ia embora no dia seguinte.

Na extinta Fazenda do Fundão, a ladainha era a São Pedro, realizada pelo pai de Dona Maria Thereza, chamado Pedro. Muita gente comparecia. Por isso, a variedade de alimentos era menor. Maria Thereza rememora: “Naquele tempo, não se usava nessas festas, pelo menos nós, não tinha essas coisas de dar comida, o que eles faziam era a ladainha, fazia o xiba³ e eles usavam muita rosca. Comprava não sei quantos sacos de rosca e no meio da madrugada servia o café, tipo assim duas horas da manhã e depois outro de manhã. E usava batata-doce na fogueira, banana, tudo isso era só diversão. A não ser os da família que ficava para jantar, não dava comida para todo mundo, não era assim não, também se fosse dar, vou te contar, era muita gente.”

O costume de servir o almoço perdura em algumas ladainhas atuais, mas assim como na Fazenda do Fundão, a refeição mais completa é oferecida

³ “A expressão Xiba tem, em Paraty, um duplo significado. Genericamente, designa qualquer baile da roça ‘puxado a viola’, encerrado já com o dia claro, com a dança da tonta. Em sentido estrito, Xiba é o nome de uma dança hoje rara, onde estão presentes o canto e o sapateado, executado com tamancos de salto de laranjeira”. Cf. MAIA, Thereza, MAIA TOM. Paraty: Encantos e Malassombrias: guia cultural, história, festas, folclore. Guaratinguetá, SP, Edição dos autores, 2018.

para um número menor de pessoas, geralmente aos familiares e amigos que chegam mais cedo para ajudar nos afazeres. Já é tradição no Gerson o preparo da galinhada caipira. Júlio Cesar também serve almoço. Ambos são moradores da zona rural.

Alguns devotos são célebres por uma, duas ou várias habilidades culinárias. Já se destacou nesse texto a cocada cremosa do Gerson. Seu doce de laranja da terra também é celebre, sobretudo pela raridade desse quitute na atualidade. O manuê de bacía, tão particular de Paraty, atinge a perfeição nas mãos do irmão do Júlio Cesar – macio, com a umidade certa e a doçura em equilíbrio. Em certos lugares, esse doce de melado é seco e demasiado doce. Os pães caseiros da dona Lucília em homenagem ao glorioso Senhor Bom Jesus são de comer rezando. Tem alma e sabor, diferente dos alimentos processados que nos deparamos por aí. O quentão da cachaça Corisco com ingredientes especiais da Dona Maria feito para Santo Antônio é também notável.

Os anfitriões não se referem a esse momento como banquete. “Vamos tomar um caldo.” “Venha tomar um café.” “Quer uma canjica?” “Convido a todos à mesa, tem café e bolo”. Eis algumas formas de chamado⁴. Mas ao iniciar as etnografias das ladainhas, o termo surgiu naturalmente. Há fartura, mas não pomposidade. É uma refeição doméstica, compartilhada com os amigos. Nos eventos em que há folia ou ciranda, os comes e bebes são consumidos durante a música. Quando não há, a merenda é degustada com conversa ao sofá, na cozinha, nos corredores ou na varanda. Mas embora a simplicidade, há uma aura ritual no ato. O alimento é preparado pessoalmente e manualmente, nada se compra ou se encomenda no comércio local. O seu oferecimento é uma dádiva.

O festejo

O terceiro momento da ladainha se inaugura com a música. Os cultos que contam com essa hora festiva são os de Nossa Senhora da Conceição (Gerson), Santa Cruz (Marcel), Santo Antônio (Regina Antônia), São João (Família Mello), São Pedro (Júlio Cesar) e sobretudo São Sebastião (Alza Gama).

⁴ Nas cidades nordestinas, em especial no círculo do Cariri (CE), em alguns encontros entre devotos, quando há o oferecimento de alimentos, é comum se referir a esse momento como “o café do santo”.

A forma de expressão se alterna entre a folia e a ciranda. A temporada junina de Santo Antônio, São João e São Pedro é animada por grupos de cirandeiros. Já as casas do Gerson e da Alza Gama recebem a Folia de Reis. A temporada de Reis, inclusive, é inaugurada na ladainha de Nossa Senhora da Conceição, dia 8 de dezembro e encerrada com São Sebastião, dia 20 de janeiro. Na verdade, não existe muita separação entre cirandeiros e foliões, ambos se mesclam nos dois papéis. A ladainha de Santa Cruz, realizada pelo Marcel na Capela da Generosa, é um caso à parte que será explicado mais à frente.

O som é acústico, a performance é feita em roda, em algum canto da casa ou terreiro. A sonoridade vem da viola, violão, rabeça, pandeiro, sanfona, triângulo e do bumbo. Jovens cirandeiros e mestres consagrados se unem para a música. Fernando Alcantara, Mestre Zizi, Gerson, Seu Moacir Cruz, Seu Verino, Seu Ditinho e outros mais. No meio da cantoria, o povo costuma dançar. Vários pares abrem roda no quintal e espantam o frio da noite. Risadas, erros nos passos das danças, logro do cantador que disse que era para direita para em seguida mandar para a esquerda.

Esse costume de misturar rezas e festas vem desde as ladainhas antigas das roças. Dona Lucília brinca que na roça sempre tinha um rastapé depois das rezas, “botava um bocado de biju na esteira, o pessoal tanto comia, como dançava, dependendo do lugar ficava para dormir”. “O nosso passeio na zona rural era coisa de Igreja”, conta Regina Antônia, “eram as ladainhas, eram os Reis. A gente ficava ansioso para chegar a hora, era uma forma de sair de casa. Eu lembro que o meu pai ia, minha mãe com os sete filhos, sempre com um no colo. Todo mundo a pé, ia para casa do Seu Nenê Carneiro, tinha que atravessar uma cachoeira e lá ele fazia a ladainha. Depois da reza, a gente comia e aí começava o baile que era a ciranda até de madrugada. Eu tinha uns cinco ou seis anos.”

Além da música e da dança, a confraternização também se dá pela conversa, contação de histórias, memórias conjuntas. Esse momento permeia o festejo e o banquete. Regina Antônia lembra: “O que mais me fica de lembrar, tinha todo aquele respeito diante de São João, de São Bom Jesus, Santana que depois sentava aquela roda na sala e começava os causos. Tinha as coisas picantes, tinha as coisas não picantes, começava as piadas,

principalmente das mulheres. Eu me lembro muito disso. Dona Benedita Torres e Dona Milotinha eram assim amigas. Elas começavam a lembrar do tempo delas. Eu me lembro muito disso, da ladainha, daquele respeito, ‘vai começar a ladainha’, parava tudo, todo mundo vai rezar, depois vai comer, depois vai contar causo, depois vai embora.”

Os versos cantados no passado e no presente, em sua maioria dos mestres locais, são um deleite à parte, em uma mistura de lirismo e humor.

Amanhã quem perguntar
 Chora lírio chora
 Quem foi que cantou aqui
 Chora lírio chora
 Diga que foi caçara
 Chora lírio chora
 Morador de Paraty
 Chora lírio, eu vou embora

No salão que dança quatro
 Chora lírio chora
 Dança cinco dança seis
 Chora lírio chora
 Dança sete e dança oito
 Chora lírio chora
 Cada um por sua vez
 Chora lírio, eu vou embora

Namorei mulher casada
 Marido estava de olho
 Me escondi no galinheiro
 Saí cheio de piolho
 Tô tocando essa canoa
 No meio de tanta gente
 Tanta boca tanto olho
 Tanto nariz tanto dente
 Cadê o meu companheiro
 Que me ajudava a cantar
 Meu companheiro morreu
 Deus lhe ponha em bom lugar
 Me ajude companheiro
 Que eu não posso cantar só
 Eu sozinho canto bem
 Com você canto melhor

Essa casa tá bem feita
 Por dentro por fora não
 Por fora um pé de rosa
 Por dentro manjericão

Esta casa tá bem feita
 Amarradinha de cipó
 O café tá demorando
 Com certeza não tem pó⁵.

O festejo coloca em cena outros aspectos da sociabilidade que não podem ser efetivadas unicamente pela reza. O galanteio pelos passos da dança, a música de enamoramento e comicidade, a evocação dos ritmos da natureza em gêneros como a canoa, a arara, o caranguejo, a cana-verde e a ciranda enlaçam os espaços do profano e do sagrado como algo que não pode ser compartimentado. Em sua fruição, localizados nos extremos do rito da ladainha, a reza, instaurada no início e o festejo, demarcando o fechamento se encontram e se tocam no contorno maior da celebração⁶.

Alguns outros elementos

A ladainha se realiza pela reza, pelo banquete e pelo festejo. Porém, estes não são momentos estanques, segmentados rigidamente. São acontecimentos fluidos, mesclados uns aos outros.

Cabe aqui anotar alguns outros elementos e personagens que constituem esse circuito devoto, entre eles, as vozes, os versos e os altares.

5 Versos cantados pelo grupo do mestre Zizi.(transcrição feita por Fernando Alcântara)

6 A Ciranda pode tanto se referir a um ritmo específico quanto a um conjunto deles – canoa, arara, caranguejo, cana-verde e a própria ciranda. O termo também é utilizado como sinônimo de xiba ou baile da roça. A ciranda é uma manifestação cultural notável em Paraty, os principais grupos são “Os Caiçaras”, “Os Coroas Cirandeiros”, “Grupo de Danças Folclóricas de Tarituba”, “Grupo Sete Unidos Cirandeiros de Paraty”, “Grupo Cirandeiro de Paraty” e mestres como Amálio Vaz, Mestre Zizi e cirandeiros que tocam em diversos grupamentos livremente. Para mais informações a esse respeito: <https://cirandacaicaradeparaty.wordpress.com> e NASCIMENTO, Antonio Eugenio do; BULHÕES NETO, Pedro José de; BULHÕES, Simone Ferreira. Vamos indo na Ciranda – Mestre Chiquinho de Tarituba: de bailes e histórias. São Paulo: DP&A Editora, 2004.

Vozes

Três vozes que se ouvem durante a reza – a do capelão, do apontador e do povo. Embora o termo capelão seja cunhado dentro das hierarquias da Igreja, no contexto popular, o capelão não faz parte do sacerdócio, é um leigo, homem ou mulher com habilidades de canto e que conhece o texto e ritual das celebrações domésticas. Atualmente, Gerson é o capelão mais requisitado para realizar as rezas. Além de reger o canto em sua própria casa, conduz a oração nas ladainhas de Santana – em casa de Dona Maria Teixeira (mais conhecida como Maria da Baiaia) e na escola da Theia, no São Roque da Rita, no São João da Família Mello, no Santo Antônio da Regina, no São Pedro do Júlio Cesar. Na ladainha a Santa Cruz, o anfitrião Marcel é o próprio capelão. Ele também presidiu a reza na casa de Dona Lucília, ao Senhor Bom Jesus e na ladainha aos Santos Anjos, promovida pelo Élcio. Nos anos de 2018 e 2019, período dessa pesquisa, não foram observadas mulheres na condução principal do canto. Porém, elas também exercem essa função. Maria Baiaia, Maria da Baiaia filha, Lucília, todas já assumiram essa posição em diferentes ocasiões.

Quando a família Mello se desfez da Fazenda Boa Vista, Dona Milotinha, uma das filhas de Seu José Mello (patriarca da família), conduzia a ladainha a São João em sua casa no centro histórico. Diuner Mello, seu sobrinho, conta que vez ou outra fazia o papel de “pega-em-baixo”. O pega-em-baixo era um sinônimo para “puxador”, ou seja, era aquele que antecipava o verso seguinte a ser entoado pelo povo. O capelão se localizava mais próximo ao altar e o pega-em-baixo se misturava ao povo para auxiliá-lo com a letra. “Eu fiz de pega-em-baixo muitas vezes. A Milotinha começou a fazer aqui na cidade, ela era a capelã. Aí, um dia ela disse ‘ó, você pega em baixo’, e disse assim ‘e aprende direitinho para quando eu me for, você subir para o meu lugar’. Por muito tempo, depois que ela morreu quem puxava a ladainha era eu.” O puxador ou pega-em-baixo varia a cada ladainha – Élcio o faz com relativa frequência, Regina Antônia, entre outros.

Eventualmente, o capelão pode contar com o auxílio de uma segunda voz. Não é sempre, mas nas ocasiões que se dispõe de uma voz afinada, esse ajudante acompanha o capelão em um tom mais agudo. A segunda voz alivia o esforço vocal do capelão, pois nesses casos não precisa projetar o canto com tanta veemência. Fernando da Rabeca vez ou outra performa essa função.

A voz do povo se dá em coro, em resposta ao capelão. Geralmente, o timbre feminino se sobressai. Acontece, às vezes, alguma desafinação. Os devotos logo percebem, olham-se e recompõem-se. Na maioria das vezes, tudo é muito harmônico. A combinação das vozes traz um resultado estético tocante. É uma louvação aos céus. Dona Lucília Cananeia confessa que não é adepta de algumas novas práticas da igreja, movimentos carismáticos, nos quais se batem palmas e se fazem gestos. Ela prefere algo mais tradicional. Os hinos antigos “pareciam que elevavam a gente a Deus”.

Até hoje esse efeito de vozes emociona Dona Maria Thereza quando ela rememora as ladainhas na extinta Fazenda do Fundão na década de 1960.

- “Essa era a Ave Maria da roça, que agora eles cantam na cidade, ninguém conhecia. Então, era assim:

[cantando] ‘Ave Maria, cheia de graça, o senhor é convosco, bendita sois senhora entre as mulheres, bendito é o fruto, do vosso ventre nasceu Jesus’.

Esse, as mulheres cantavam junto com o capelão. Aí, entrava o coro dos homens. Aí que o negócio pegava.

[cantando] ‘Santa Maria’ menina, era comovente, aqueles homens com aquela voz... ‘rogai por nós, pecadores, e na hora de nossa morte, amém, Jesus’.

[chorando] Gente, comovia a gente. Eu sempre quando eu ouço, eu choro. Era uma coisa muito bonita. Me emociono. Eu vejo eles direitinho. Eu vejo a nossa família, eu choro. Quando eu lembro do Fundão, não tem jeito”

Dona Maria Thereza tem uma narrativa potente. Enquanto ela me relatava essas lembranças também pude enxergar aqueles homens e mulheres simples e solenes. Essas e outras histórias são contadas em dois livros de memórias que ela escreveu sobre a vida da Fazenda do Fundão. Em um trecho, ela nos conta um episódio que é recorrente no repertório de causos em Paraty:

“A ladainha era rezada em latim, e por falta de conhecimentos daquela gente, muitas vezes saia algum disparate assim: ‘Regina partiu a cara’ em vez de ‘regina patriacorum’; ‘enverga o pote’ em vez de ‘virgo potens’ ou ‘enverga o pé de cana’ em vez de ‘virgo predicanda’” (ERMLICH, 2010, p. 26-27).

Na Fazenda do Fundão, o capelão era Seu Manoel Albino, morador vizinho. Se na atualidade, cabe ao Gerson celebrar na maioria das casas, nas décadas pregressas havia um número maior de rezadores. Cada qual se incumbia das suas redondezas. Seu Manoel Torres e Dona Maria Baiaia foram alguns dos mais ilustres.

Mas na zona rural, temos notícia de Benedito Elisiário do Coriscão e Antônio Olímpio do Corisco. Foi seu Moacir Cruz que me contou sobre eles. Antônio Olímpio, além de rezador de ladainha, era folião de Reis e cantador de Ciranda. Louvava a Santo Antônio para, em seguida, cirandar a noite inteira. É comum, no passado e no presente, os capelães exercerem a voz da oração e a voz do festejo.

Versos

Os versos entoados nas rezas estão hoje impressos em folhetos que são distribuídos antes do início do culto e recolhidos ao final para serem novamente utilizados no ano seguinte. Mas tempos atrás, os cantos eram feitos de memória, auxiliados pelo capelão e o puxador. No decorrer do tempo, com a intermitência de algumas celebrações, alguns dos hinos e orações se perderam. Quando a ladainha era, então, retomada, se fazia necessária uma verdadeira arqueologia de versos. E a pesquisa e guarda dessa tradição foi realizada sobretudo pelas mulheres, que buscavam esses cânticos na memória e em folhetos amarelados armazenados em baús familiares e, em seguida, por meio de uma relação de amizade e convivência, estabeleceram um sistema de troca de versos e trechos que haviam se extraviado no passado. Gerson afirma que aprendeu o repertório das ladainhas com “as senhorinhas lá da cidade”, dona Maria da Baiaia, Lucília, dona Célia Pádua e a falecida dona Vera. Dona Milotinha e dona Dita Torres também faziam parte desse grupo de escavadoras de cantos.

Mesmo entre as celebrações já consolidadas, realizadas há mais de uma década, a procura e a troca por versos antigos não cessam. Sempre há uma estrofe esquecida que se ouve de alguma anciã ou conhecedor. Os devotos das ladainhas estão sempre atentos por onde passam, convertem-se em arqueólogos de cânticos antigos. Uma rede de intercâmbio é estabelecida. Dona Lucília esteve no Quilombo do Campinho da Independência em uma celebração a Santa Cruz. Lá foram cantados versos desconhecidos na cidade. Na ladainha a Santa Cruz realizada pelo Marcel, cantava-se duas ou três estrofes. Nessa ocasião, Lucília descobriu “uma porção de versos, uma folha cheia”. “Nós cantamos só dois versos e daqui não saímos, eles têm a continuação. Perguntei ao rapaz, ‘posso levar uma folha dessa?’, ‘pode’.” Imediatamente, ela repassou a novidade para o Marcel.

Altaires

Os altares domésticos estão presentes na casa de todos os devotos. Eles saltam aos olhos, em uma profusão de imagens de santos, de diferentes cores, procedências, eficácias e antiguidades. São nesses locais onde se acendem velas, se proferem as orações diárias, se tecem os pedidos íntimos. E nessa combinação entre a expressividade estética das esculturas e a força espiritual emanadas da energia da prece se formam pequenos santuários. Localizados na sala, nos quartos ou dispersos pelos cômodos, organizados ou não junto às fotografias de família, os santos figuram pelos lares zelando por seus moradores. No dia da ladainha, o homenageado ganha destaque, em um altar próprio, forrado de toalha e circundado por flores e velas.

Continuidades, descontinuidades e retomadas

As ladainhas são iniciadas com o voto perpétuo de continuidade. Após o falecimento do devoto, elas podem ser continuadas por familiares ou amigos. Nem sempre, porém, a tradição tem seguimento. Alguns encaram a manutenção do culto realizado pelo pai, mãe, tio, marido, esposa como um compromisso. Outros sentem a repetição daquele rito como uma lembrança dolorosa, pela ausência do ente querido. Muitas ladainhas morrem com seus devotos. Dona Geisa não quis levar à frente a ladainha de São João, por luto ao esposo João Ramiro. Seu Jorge, após o falecimento da mãe, também não quis reverenciar o dia do mesmo santo.

Mas até mesmo quando uma ladainha é continuada, pode haver uma interrupção de alguns anos até que se passe o luto.

E há os cultos que surgem por novas promessas e devoções. No ano de 2019, Regina Antônia iniciou a ladainha a Santo Antônio em sua morada.

As devoções domésticas, eventualmente, se expandem ao ponto de fundarem uma capela. Seu Bento, do bairro do Jabaquara, promovia o São João assiduamente. Há cerca de uma década, uma igreja dedicada ao santo foi fundada. O mesmo aconteceu no bairro rural do Cabral, as ladainhas a Santana foram a motivação para a construção da igreja em louvor à mãe de Maria. Nesses casos, as festividades domésticas deixam de existir e dão espaço para as comemorações da paróquia.

CAPÍTULO III: DIMENSÕES DA LADAINHA COMO FENÔMENO AMPLO

No capítulo anterior, procedeu-se a uma descrição das estruturas formais das ladainhas. Ensaia-se, agora, gradualmente, um movimento para tratar dos alcances de suas manifestações nos âmbitos comunitário, cosmológico, epistêmico e político. Para tal, realizou-se um recuo interpretativo em relação a essa prática, como forma de escavar e reconhecer outros aspectos que expressam suas implicações com a territorialidade.

Inicialmente, cabe também ressaltar que ao se utilizar o termo fenômeno – e aqui remontando à tradição fenomenológica – busca-se o sentido daquilo que “se mostra”, “se revela”, ou se “dá a ver” em seu contexto mais originário e amplo⁷.

Esse procedimento auxilia também a superar a exiguidade e o estereótipo que cerca o termo “ladainha”, como um algo restrito a uma “oração repetitiva”, figuradamente, como uma “falação insistente e monótona”⁸. Ao se valer da designação fenômeno amplo, quer-se, pois, tratar de outros alcances que se encobrem quando se reduz à acepção do senso comum.

Outrossim, essa pesquisa não poderia deixar de apontar essas outras dimensões nas quais o alcance de suas manifestações se realiza a partir de sua ampla inscrição. Ao se distinguir quatro dimensões não se deve supor que estas se mostrem separadas ou estanques, mas de outro modo compreendendo como angulações e variações de um mesmo mundo.

Consideremos então cada uma dessas esferas.

A dimensão comunitária: as ladainhas enquanto rede e expressão da dádiva

As ladainhas não se constituem enquanto eventos isolados. Não consistem em atos individuais de conexão com o sagrado. São, antes de tudo,

7 Nesse ponto, recorre-se a argumentação do conceito de fenômeno expressa por Martin Heidegger em “Ser e Tempo”, como um “mostrar-se”, “o que se revela, o que se mostra em si mesmo”. Ou ainda, “chamamos de aparecer, parecer e aparência a esse mesmo mostrar-se”. Heidegger distingue ainda fenômeno de manifestação, sendo o primeiro o próprio movimento de mostrar-se e o segundo seu produto. “Desse modo, fenômenos nunca são manifestações, toda manifestação é que depende de um fenômeno”. (HEIDEGGER, 1989, p. 58-59)

8 Recorrendo-se aqui, propositalmente, ao senso comum. Conferir, entre outros, Dicionário Caldas Aulete (2007).

ocorrências de sociabilidade. Organizam-se enquanto um sistema disposto no território, distribuídas em um calendário ao longo de um ciclo anual. Essa rede é amparada em um espírito de solidariedade, afeto e reciprocidade em que se articulam devotos e santos.

Essas celebrações domésticas perpassam os meses do ano, de abril a janeiro. São inauguradas com o São Jorge em casa de Cláudia e com a Santa Cruz da Generosa em maio, passando por Santo Antônio, São João e São Pedro em junho, Santana em julho, Bom Jesus e São Roque em agosto, Santos Anjos em setembro, Nossa Senhora da Conceição em dezembro. O ciclo se encerra em casa de Alza Gama com a celebração a São Sebastião em janeiro para novamente recomeçar após a quaresma. Os quarenta dias que antecedem a Paixão de Cristo são guardados pela comunidade católica como tempo de recolhimento e oração. Os foliões silenciam os instrumentos, as danças e festejos são interrompidos.

Nessa distribuição temporal, observa-se poucas repetições. Baiaia e Theia realizam culto a Santana, porque ambas têm uma história familiar de conexão com a mãe de Maria. Ainda assim, há uma combinação entre elas de forma a não coincidir o dia da reza. Baiaia promove a celebração no dia 26, dia oficial, e Theia no dia 27. Lucília e Júlio Cesar rezam a Bom Jesus, como continuadores da devoção de Manoel Torres, o ilustre capelão que viveu mais de cem anos e cantava nas casas e benzia crianças. Regina Antônio iniciou a ladainha a Santo Antônio, por uma razão ligada ao seu próprio destino. Nasceu dia 13 de junho, seu nome homenageia o santo. Pensou em fazer a São Pedro, mas declinou ao refletir que já havia culto ao protetor dos pescadores em outra casa. São Benedito é uma figura muito popular em Paraty, louvado e preferido de muitos. É surpreendente não haver um culto doméstico em seu nome. Mas o fato pode ser explicado pelas festividades oficiais da paróquia. Quando há uma grande festa na cidade, promovida pela Igreja, como é o caso da Festa de São Benedito, Festa do Divino Espírito Santo, Festa de Nossa Senhora dos Remédios, o povo se concentra nesses eventos. Há, portanto, um acordo tácito entre os devotos que garante um calendário organizado e articulado. Nesse sentido, as ladainhas não só formam um sistema em si, elas também se conectam com um sistema cultural mais amplo, no qual fazem parte outras manifestações populares de Paraty.

Cada um desses cultos é realizado no espaço de um lar, localizado no centro da cidade ou em algum recôndito recanto da zona rural, desenhando um mapa no território pontuado por devoções. Para acorrer a ladainha, o devoto participante se desloca pela cidade, percorre ruas de pedras, asfalto e estradas de terra. Antes, na Boa Vista, atravessava-se o mar.

E mesmo com chuva ou com o cansaço das atribuições do dia, o compromisso não é quebrado. A rede de participação que se forma em torno das ladainhas garante a sua existência e perpetuação.

O anfitrião abre a porta de sua morada e recebe as pessoas com afetuosidade e hospitalidade. Naquele momento, ele louva seu santo patrono, agradece os dons recebidos e renova as bênçãos e proteção a si e aos seus para o ano vindouro. Esse ritual perpassado pelo sentimento da graça se constitui também como fortificação dos laços de amizade e coesão comunitária.

Quando esse mesmo anfitrião comparece a outra ladainha, como participante, sua posição se desloca. Agora seu papel devocional é assegurar a realização desse rito na santificação das demais casas, na homenagem a outros santos. Pois assim como a presença de outrem confere êxito à sua liturgia doméstica, sua participação tornar-se-á decisiva para a confirmação das demais datas do circuito. Trata-se de um ethos de reciprocidade. A falta de atenção para essa responsabilidade que implique na ausência não justificada pode ser lida como uma espécie de desconsideração. Essa permuta, desse modo, implica uma economia de relações que se estabelece não na forma dura de uma obrigatoriedade, mas segundo um sentido de comprometimento a um ethos. Gerson é às vezes anfitrião, capelão, participante do coro, mestre da folia. Há eventos em que a frequência é maior, como o São João dos Mellos. Há aqueles mais intimistas, compartilhados entre poucos em uma pequena sala, como no São Roque da Rita. Cada qual forma a sua rede de relações, que se interpenetram. Esse grupo se renova a cada ciclo, aumenta, diminui em um constante movimento.

Há diversas formas de reconhecer essa economia simbólica de trocas e coparticipações no âmbito das ladainhas, considerando os três momentos identificados como a reza, o banquete e o festejo. Na reza, cada fiel empresta seu canto e sentimento à experiência religiosa que ali se exprime. O capelão, que para

lá ocorre em atenção ao dono da casa, empresta seu ofício de rezador e entoava os versos, que são respondidos pelo coro. O compartilhamento é completado pela etapa da festa. Os músicos foliões trazem instrumentos e alegria, criando uma atmosfera de confraternização. A celebração ao santo se manifesta pela oração e pela dança em um movimento coletivo.

Mas é no banquete que o sentido dessa reciprocidade atravessada pela partilha e dádiva toma sua expressão mais evidente. O insumo garantido pelo trabalho na terra, em algumas ocasiões colhidos no próprio quintal, é manifestação da riqueza da natureza. A banana, o aipim, a cana, o melado, a laranja-da-terra, a batata-doce conjugam-se ao trigo, ao sal, ao açúcar, ao café e ao chocolate, transformados em quitutes no claro e escuro dos interiores das cozinhas. Esse fazer é coletivo. A família, às vezes alguns amigos, se juntam para a tarefa. Eventualmente, aos tabuleiros de doces e aos caldeirões de caldo que daí resultam, somam-se pratos presenteados pelos devotos participantes. Nada se contabiliza ou se compara e nem mesmo os anfitriões esperam que mais comidas sejam trazidas e integrem a mesa, pois tudo deve se dar por uma disposição espontânea daqueles que são parte. É uma oferta em ação de graças.

Para além da referência a Marcel Mauss em seu “Ensaio sobre a Dádiva”, concebida como uma economia de trocas de sociabilidade, a dádiva enquanto uma relação do “dar-receber-retribuir” (MAUSS, 2008, p.243) é assumida pelos devotos como um ensinamento dos evangelhos: “De graça recebestes, de graça dai” (MATEUS, 10:8). Essa passagem nos foi citada pelo Chiquinho, participante da ladainha do Gerson, presente a casa desde a manhã no auxílio aos preparativos.

Esse sistema de retribuições se estende às esferas supra terrenas, aos santos. Afinal, eles são os entes celebrados. Nesse dia, os versos, as rezas, os cantos, o alimento e a alegria são oferecidos ao ente amigo. É com esse intercessor ou intercessora que o devoto compartilha suas necessidades mais prementes, suas dores mais profundas e os pedidos mais banais do cotidiano. Além da relação com seus protegidos, os santos também cooperam entre si. Cada qual é possuidor de uma eficácia específica. Para as causas urgentes e impossíveis, apela-se a Santo Expedito. São Roque e São Sebastião são chamados para a cura de doenças graves e sobretudo contra a peste e epidemias. São Brás

combate o engasgo. Santo Antônio garante o casamento. Santa Luzia cuida dos olhos. Nossa Senhora se manifesta no atendimento as diversas causas: N.S. do Bom Parto, N.S. do Desterro, N.S. da Glória, N.S. da Piedade, N.S. dos Remédios, N.S. da Paz, N.S. do Tempo e mais uma infinidade de nomes. Eles também se revezam nessa relação de prestação e contraprestação. Nesse sistema são os santos os marcadores das datas do calendário devocional.

Essa rede de reciprocidade baseada na dádiva é possível porque os devotos são atravessados por outras formas de existir no mundo.

A moeda das sociedades contemporâneas, unidade de medida para aquisição de bens, se caracteriza pela impessoalidade e neutralidade. Não importa quem estabelece a relação comercial. O valor da moeda é padrão, o que proporciona dinamicidade nos contratos, possibilitando trocas maciças e numerosas entre anônimos. À medida que o capitalismo avança, essa lógica abrange mais instâncias da vida humana. A economia nos grupos estudados por Mauss é pautada por outras relações. Os bens por eles intercambiados não se resumem a um valor material. “Não apenas os braceletes e os colares, mas também todos os bens, ornamentos, armas e tudo o que pertence ao parceiro é de tal modo animado – se não de alma pessoal, ao menos de sentimento – que participa igualmente do contrato”(219). O autor se usa do termo “fenômenos sociais totais” para nomear as ocasiões em que essas trocas são estabelecidas, nas quais se juntam instâncias jurídicas, religiosas, morais em um evento de amplas manifestações estéticas (vestuário, dança, canto). “Eles trocam não exclusivamente bens e riquezas (...) coisas úteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras dos quais o mercado é apenas um dos momentos” (p.191). Uma vez que a coisa dada é dotada de um espírito, um vínculo espiritual é estabelecido entre doador e donatário. “A finalidade é antes de tudo moral, seu objeto é produzir um sentimento de amizade entre as duas pessoas envolvidas, e, se a operação não tivesse esse efeito, faltaria tudo” (211). Esse sistema abrange sobretudo os deuses. “Antes de cortar ‘sua’ madeira, antes mesmo de limpar ‘sua’ terra, de plantar o poste de ‘sua’ casa, é preciso pagar aos deuses” (p.206).

Nesse sentido, embora a razão do capital abranja níveis cada mais largos da vida das sociedades atuais, a relação guiada pela dádiva não deixou de existir

nos grupos que vivem às margens e também entre alguns outros que mesmo em meio ao cotidiano do centro mantém, de forma residual, o princípio do valor subjetivo e afetivo nas interações com o ambiente e com as pessoas.

Os devotos de Paraty, construtores dessa grande rede de amizades humanas e supra-terrenas, são portadores desse caráter da gentileza, norteados por uma relação perpétua de solidariedade.

A dimensão cosmológica: a sacralização da vida

O indivíduo é um ser múltiplo, vivendo a experiência de habitar um corpo, um lugar, um tempo, engajando-se em uma profissão, desenvolvendo um número limitado de saberes e habilidades. Desde sempre, porém, guarda em si um desejo intuitivo de expansão, simultaneidade e integralidade.

Na contemporaneidade depara-se, de forma cada vez mais predominante, com um mundo em dispersão.

John Dawsey (2005) nos fala sobre a dificuldade que a sociedade pós-industrial encontra para ressignificar o mundo. O indivíduo carregaria hoje a responsabilidade de dar sentido ao seu universo sozinho, ao mesmo tempo em que as expressões simbólicas se descentralizam. Isso porque as relações sociais se dispersam e o ser humano é fragmentado em partes separadas – trabalho, lazer, família.

A medicina é apartada da magia, a ciência se desenvolve em separado da espiritualidade. A vida se desenrola em divisões espaciais e temporais bem demarcadas. Há o expediente de trabalho, de estudos, de lazer. O escritório de trabalho, a habitação, o templo religioso são localizados em prédios separados e específicos. É preciso que cada segmento da vida seja especializado e cumpra sua função utilitária.

A existência não fora sempre assim partida. Em seu livro clássico sobre o tema, Mircea Eliade reflete sobre duas formas de ser no mundo – o sagrado e o profano. Os devotos paratienses carregam a essência do homem religioso descrito por Eliade. Mesmo habitando um espaço em processo de desterritorialização, esse indivíduo “experimenta a necessidade de existir em um mundo total e organizado, em um cosmos”. Sozinho, ele ou ela se dissolve na

fragmentação. Para efetuar essa religação, ele e ela se conectam por essa rede e engendram esse sistema.

O sentido da vida só se apreende na integralidade. O sagrado é integralidade. É a simultaneidade de tempos e a multiplicidade de mundos. Na atualidade, a racionalidade predominante experimenta um tempo histórico e linear e um espaço unitário. Para adentrar esse outro estrato, para instaurar a sacralidade, a totalidade no cotidiano partido, é preciso consagrar as duas formas basilares da vivência terrena – o tempo e o espaço.

A ladainha não se dá no templo, acontece na morada. Eliade lembra a frase de Le Corbusier “a casa é uma máquina de habitar”, isso porque “a casa ideal do mundo moderno deve ser, antes de tudo, funcional,” (1992, p.45) o local que assegura o repouso necessário ao trabalho. Para o homem religioso, a casa é o seu lugar no mundo. “É por essa razão que se instalar em qualquer parte, construir uma aldeia ou simplesmente uma casa representa uma decisão grave, pois isso compromete a própria existência do homem: trata-se, em suma, de criar seu próprio mundo e assumir a responsabilidade de mantê-lo e renová-lo. Não se muda de ânimo leve de morada, porque não é fácil abandonar o seu mundo. A habitação não é um objeto, uma máquina para habitar; é o universo que o homem construiu para si imitando a Criação exemplar dos deuses, a cosmogonia. Toda construção e toda inauguração de uma nova morada equivalem de certo modo a um novo começo, a uma nova vida. E todo começo repete o começo primordial. (...) Mesmo nas sociedades modernas, tão fortemente dessacralizadas, as festas e os regozijos que a acompanham a instalação numa nova morada guardam ainda a reminiscência da exuberância festiva que marcava, outrora, o *inceptum vitae novae*” (1992, p. 50)

Em Juazeiro do Norte, no Ceará, Padre Cícero recomendava aos devotos que a casa, além dos quartos de repouso, deveria conter o altar e a oficina de trabalho. O lar era pensado a partir de uma integralidade – aliando subsistência diária e ligação com a divindade. A casa é concebida como um “cosmos interior”. Leonardo Guelman (2014) discorre sobre a estética e os sentidos desses altares domésticos, associando as noções do espaço do “habitar” e do “devotar”. Segundo o autor, essas habitações conciliam “a exuberância rústica material com a força dos símbolos universais transcendentais” (2014, p.46), consubstanciada nas

imagens dos santos, do Sagrado Coração de Jesus e no Imaculado Coração de Maria. A casa se configura enquanto “santuário”, o altar, posto à sala, serve de entrada a Deus. E é nesse cômodo que mais comumente se instalam os altares nas moradas paratienses. Um santo ou dois ou três deles são dispostos em um móvel junto com fotografias de entes queridos. Eles também se espalham pelo quarto, cozinha e corredores, guardando o aposento do alto de alguma estante ou prateleira suspensa.

Mas a sacralização do espaço se dá, de fato, pela ladainha. A casa em que se dorme, se come, se ri, se chora, se vive cotidianamente se abre e se ilumina no instante do ritual. Há a irrupção do tempo cósmico, o tempo da reza, o tempo da festa. “A festa religiosa é a reatualização de um acontecimento primordial, de uma história sagrada cujos atores são os deuses ou os seres semidivinos. Ora, a história sagrada está contada nos mitos. Por consequência, os participantes da festa tornam-se contemporâneos dos deuses e dos Seres semidivinos. Vivem no tempo primordial santificado pela presença e atividade dos deuses. O calendário sagrado regenera periodicamente o tempo, porque o faz coincidir com o tempo da origem, o tempo forte e puro. A experiência religiosa da festa, quer dizer, a participação no sagrado, permite aos homens viver periodicamente na presença dos deuses” (ELIADE, 1992, p. 88).

Pelo canto e pela reza, os males são expurgados e as bênçãos instauradas. Pela alegria da folia e da ciranda, a alegria e as energias são renovadas. Pelo banquete, a fartura do alimento, a prosperidade da vida e o sentimento de solidariedade são garantidos. A cada ano, esse ritual se repete. Ou seja, o tempo sagrado se reatualiza e o espaço se santifica. A vida do devoto e de seus familiares é consagrada. Sua conexão com o sagrado é fortificada para o ciclo vindouro. E todos aqueles presentes a celebração são beneficiados.

Mesmo finalizada a cerimônia esse sentimento perdura no espaço e no tempo. O homem religioso vive uma “existência aberta”. Ele consagra o seu lar e, por uma relação de reciprocidade, consagra o mundo em que circula, o território sobre qual estão pontuadas as casas-cosmos habitadas pelos participantes do ritual. O seu cotidiano está preenchido desse ethos de devotamento que se manifesta na reverência as mais singelas coisas da vida. O alimento tem sabor mais demorado, as toalhas da mesa do santo são brancas e rendadas, as

frutíferas do terreiro são fartas. O tempo de quem está imerso na integralidade é regido pelo ritmo do cuidado e da atenção. Pois tudo é sagrado – a reza, o festejo, o alimento, o cultivo da terra, a casa, a natureza, a brisa. Cada ato é executado com zelo. As relações são orientadas pela gentileza.

A temporalidade da sociedade urbana e industrial é pautada pela lógica da produtividade. O esmero dá lugar à velocidade e às ações se destituem de significado. Muito embora, haja uma progressiva e preponderante dessacralização da vida, o indivíduo guarda em si uma sede ontológica, de forma que a dimensão sagrada do ser nunca é definitivamente perdida. “A maioria dos sem-religião se comporta religiosamente, embora não esteja consciente do fato. (...) Os festejos que acompanham o Ano Novo ou a instalação numa casa nova apresentam, ainda que laicizada, a estrutura de um ritual de renovação. Constata-se o mesmo fenômeno por ocasião das festas e dos júbilos que acompanham um casamento ou nascimento de uma criança, a obtenção de um novo emprego ou uma ascensão social” (ELIADE, 1992, p.165). O autor ainda se refere as mitologias camufladas dos tempos atuais revelados nos livros e filmes.

A ladainha como ritual propiciatório da instauração do sagrado na vida cotidiana tem como eixo a figura dos santos e santas. Esses mártires um dia foram pessoas comuns que transcenderam sua condição humana, adquiriram um quinhão de divindade e habitam os céus. Tiveram uma história exemplar, constituem-se enquanto modelos. A relação devoto-entidade espiritual se dá por uma identificação a essa trajetória do santo que reflete em sua eficácia simbólica. O fiel se eleva ao modelo cultuado. Mas em um duplo movimento também o traz para mais próximo de si, ao nível da vida terrena, do dia-a-dia doméstico. Há uma relação de amizade íntima entre a imagem e o sujeito. Fernanda Mello oferece uma xícara de café todas as manhãs a São Benedito. Lucília, por sua vez, compartilha com esse mesmo santo amigo as tarefas domésticas. São Benedito é seu ajudante para sovar pães e lavar a louça. Pedidos, acordos e longas conversas são travados, às vezes em voz baixa sussurrada, outras em diálogo aberto durante os afazeres. A interpenetração dos mundos acontece não só pela irrupção do sagrado na existência, mas também por esse intercâmbio contínuo entre os seres celestes e terrenos.

Em outra obra, intitulada “Mito e Realidade”, Eliade reflete que as sociedades antigas tinham uma “necessidade de renovar periodicamente o mundo. Essa renovação consistia em um enredo cultural” (2016, p.48). Isso se dava, entre outros motivos, porque o mundo é vivo, “habitado e usado por seres de carne e osso, submetidos à lei do vir-a-ser, da velhice e da morte. Por isso, ele requer uma reparação, uma renovação, um fortalecimento periódicos” (p. 46). Esse reinício era vivido ritualmente, nas mais diversas manifestações. Essa aceção do mundo é característica de sociedades tributárias de um pensamento mítico. O autor assinala que embora o cristianismo, seguindo os passos do judaísmo, conceba o tempo a partir de uma perspectiva linear e posicione suas histórias, sobretudo a de Cristo, em um tempo histórico, não pode prescindir de se utilizar de várias categorias do pensamento e comportamento mítico. A circularidade do tempo litúrgico é sintoma dessa asserção. “Pode-se mesmo dizer que uma parte da religião popular da Europa pré-cristã sobreviveu, camuflada ou transformada, nas festas do calendário e no culto aos Santos. (...) Muitos deuses ou heróis matadores de dragões transformaram-se em São Jorge; os deuses da tempestade foram convertidos em S. Elias; as inúmeras deusas da fertilidade foram assemelhadas à Virgem ou às santas” (2016, p. 148). Os camponeses, nos tempos iniciais do cristianismo, “devido a seu próprio modo de existir no Cosmos”, configuraram o que Eliade chamou de “cristianismo cósmico” (p. 149), uma concepção pouco afeita a historicidade e modelos institucionais.

A ladainha é um ritual que se insere nessa visão cósmica e concepção popular do catolicismo, caracterizada por uma compreensão não institucional da religião.

A dimensão epistêmica: a ladainha como expressão da religiosidade popular

A presença da Igreja Católica em Paraty é marcante. O primeiro indício é a grandiosidade da Matriz de Nossa Senhora dos Remédios – soberana na praça central e na paisagem. A paróquia conta com 32 comunidades e 29 igrejas distribuídas pelos bairros e zona rural. Três padres residentes se dividem

na assistência a esses núcleos. Nem sempre, porém, essa estrutura foi tão organizada. Houve tempos em que não havia sacerdotes na cidade, sobretudo em alguns períodos do século XX.

Mas independentemente da influência ou não de párocos ou vigários, a atuação do povo foi constante e contínua na esfera do sagrado e da religião. As irmandades exerciam papel notável na realização das festas aos santos e demais datas do calendário como a programação da semana santa e de natal. Trata-se de coletivos compostos de leigos dedicados a um patrono ou matrona – São Benedito, Santa Rita, N.S. das Dores, entre tantos outros – que zelavam pelos seus altares e templos. No final da década de 1950, por determinação da Igreja essas sociedades foram dissolvidas⁹. Embora as irmandades fossem alinhadas aos protocolos litúrgicos, os elementos mais espontâneos das manifestações populares se faziam sentir nos eventos que organizavam. São esses mesmos componentes que ainda hoje se sobressaem nas procissões com andores enfeitados de flores, nas barraquinhas das festas de santo armadas no Largo de Santa Rita e no cortejo de barcos da Ilha do Araújo e Tarituba em comemoração a São Pedro. Mas essa incursão do popular na igreja atinge seu ponto alto na Festa do Divino. Bandeiras e fiéis invadem a Matriz e instauram naquele templo um sentido de sacralidade diverso daquele produzido pela missa nos dias comuns. É uma conexão com a totalidade que se faz a partir da potência gerado pelo outro, pelo compartilhamento. Esse mesmo sentimento e energia são os que transbordam nas romarias aos santuários pelo Brasil, nas ruas e casas de cidades santas como Juazeiro do Norte (CE), nas residências de beatos em Santa Brígida (BA). A ladainha, realizada em âmbito doméstico, é manifestação dessa religiosidade popular.

As relações entre o catolicismo do povo e a oficialidade da Igreja variam de acordo com os diferentes contextos. Há vezes em que são relativamente harmônicas e complementares, outras são conflituosas. Há uma diferença de episteme e de lógicas de pensamento. A Igreja é portadora de um discurso monológico, racional, estabelecidos em concílios e determinações papais. O povo, por sua vez, é composto de uma polifonia, que advém de uma série de sentimentos e interpretações próprias

9 Sobre esse assunto, ver SOUZA, Marina de Mello e. Paraty: a cidade e as festas. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

dos símbolos e narrativas religiosas. Cada devoto assume um papel de narrador do sagrado. Não há a intermediação de um sacerdote para tal. Ele incorpora o ensinamento passado pela Igreja e reelabora de acordo com a experiência que tem do mundo, significa sua devoção a partir de uma mitologia própria. É uma prática mais ligada ao cotidiano, na qual não há nítida separação entre razão e emoção, entre o tempo corrente e o tempo sagrado, entre relatos míticos e versões oficiais. É uma narração que assume um senso de integralidade. As regras canônicas assumidas pela Igreja são muitas vezes obstáculo à interação e intercâmbio com as manifestações locais. Abre-se uma defasagem e uma distância das camadas populares. Os exemplos sobre o tema são fartos.

Na Ilha Grande, povoação próxima a Paraty, as capelas das remotas comunidades se caracterizavam pela numerosa presença de santos. Em altares de madeira, pintados de cor branca, uma profusão de imagens era disposta em dois ou três andares, muitas delas trazidas como ex-votos. O padroeiro figurava no nível mais elevado e nos degraus mais abaixo, um ao lado do outro, os ícones dos intercessores ficavam alinhados. A partir dos anos 2000, o padre, que comparecia duas ou três vezes por ano, passa a ser mais assíduo. Posteriormente, foi criada a paróquia da Ilha Grande e a influência da Igreja se tornou mais sólida. De forma gradativa, os altares foram desmontados e reformados, diminuíram de tamanho, abrigando solitariamente o orago ao centro e Nossa Senhora à lateral. Os moradores, cuja memória afetiva se habituara ao panteão amigo, observaram as mudanças perplexos, mas não questionaram a autoridade clerical. A Vila do Abraão foi uma exceção. As senhoras, que por anos foram responsáveis por zelar pelo pequeno templo local, não se conformaram com a retirada de seus santos e brigaram com o padre. Esse desmonte de altares tradicionais se repetiram em várias igrejas da zona rural.

As manifestações da devoção popular são notórias por seu componente festivo. O compartilhamento pelo canto, pela dança, pelo alimento é parte da religiosidade do povo, fato que se observa nas ladainhas ou cultos domésticos de renovação¹⁰, nas festas de padroeiros e nas folias. A relação dos sacerdotes com

10 Na região do Cariri cearense, são notórias as cerimônias de renovação, realizadas anualmente nas casas de devotos. Trata-se da celebração, como um aniversário, da entronização da imagem do Sagrado Coração de Jesus ou do Imaculado Coração de Maria em determinado lar. De forma muito semelhante à ladainha paratiense, as renovações cearenses contam com

essas celebrações varia de acordo com o grau de entendimento e permeabilidade com que transitam entre as prescrições oficiais e a comunicabilidade com os paroquianos. A Igreja, em algumas ocasiões, considera os ritos devocionais populares como algo à parte da religiosidade, rotulam-no de folclore, em uma nítida tentativa de desautorizar essa prática como componente do repertório católico.

Carlos Alberto Steil, em seu estudo sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, identificou vários momentos em que as formas de expressão da gente do povo são desprestigiadas. Isso se mostra evidente em uma das falas de um dirigente clerical: “O povo é religioso, mas ao mesmo tempo é supersticioso. É religioso, mas não tem formação religiosa. Na romaria a gente vê que esse povo tem uma ligação muito grande com Deus, mas ao mesmo tempo não tem formação autêntica, cristã” (STEIL, 1996, p. 84). Ou seja, a partir de um tipo de religiosidade, define-se o que é religiosidade. O autor emenda algumas observações: “Esta ambivalência aponta para uma visão do catolicismo que, segundo Peter Brown, se originou a partir de um ‘modelo de dois níveis’, dentro de uma mentalidade moderna que busca definir com precisão as fronteiras entre o popular e o erudito. Na ótica desse modelo, o clero se considera potencialmente iluminado para conduzir os romeiros, presos a superstições e credices à verdadeira religião” (p.84).

Há casos de bruscas rupturas. O episódio mais emblemático se deu em Juazeiro do Norte, no célebre acontecimento do milagre da hóstia envolvendo o então desconhecido Padre Cícero Romão e a beata Maria de Araújo. A Igreja do Ceará, não aceitando o milagre, promoveu inquéritos até que se desclassificasse o ocorrido como um “embuste”. A despeito e aquém do “parecer oficial” da Igreja, o relato do milagre ganhou largas proporções no imaginário social, alçando Padre Cícero à figura mítica de santo e profeta popular do Nordeste. O entendimento e proximidade do “Padinho Cícero” com a religiosidade e necessidades do povo levantaram receios no alto clero, que ali enxergou uma ameaça ao poder e influência da instituição, fato que resultou em severa interdição dos ofícios religiosos ao Padre Cícero. Essa situação de desautorização do religioso nos

a reza em frente ao altar, o oferecimento do alimento e o festejo promovido pelos grupos de Reisado.

remete ao olhar e interpretação de Michael de Certeau em “A invenção do cotidiano” quando o autor ressalta que “um uso (“popular”) da religião modifica-lhe o funcionamento” justamente por reutilizar “um sistema que muito longe de lhe ser próprio foi construído e propagado por outros”. A contundente resposta do popular no uso desmedido com o qual sobrecarrega a religiosidade, ameaçando seu cânone e estatuto de poder, é sentido como “excrecências do miraculoso que as autoridades civis e religiosas sempre olharam com suspeita” (2013, p.74). Essa distinção é ainda visível em Juazeiro, nas tradicionais romarias inauguradas pelo Padre Cícero e cujos cultos oficiais são hoje presididos pela Igreja. Há um lapso epistêmico entre os homens da Igreja e a gente do povo manifestado nas vestimentas, nos entendimentos, nas expectativas, nas rezas feitas pelas beatas em hospedarias e cantos entoados por leigos nos pontos de peregrinação e aqueles executados nos microfones das missas campais.

A postura iluminista e racional da Igreja não está imune a concessões. Amistosa ou conflituosa, as relações com as expressões populares vivem em constante tensão e negociação. Ainda sobre os romeiros da Lapa, Steil continua: “Embora o clero tente impor o seu discurso racionalizado aos romeiros, o caráter sui generis da romaria o constrange – como dizia um dirigente – a ‘respeitar as atitudes dos romeiros e não a combater suas superstições’. Ou seja, proibido de esvaziar a densidade mítica da romaria, sob a condição de destruir o próprio culto, acaba contribuindo para reforçar a diversidade dos discursos e práticas que compõe a pluralidade polifônica e multifacetada do catolicismo que se constitui justamente através do diálogo entre o conteúdo mítico da religião e sua expressão racional. Esta divisão entre razão e mito que a modernidade colocou para o catolicismo está distante de se resolver no âmbito dos santuários. Mesmo porque nos cultos de peregrinação, ao lado das tentativas de imposição de uma racionalidade moderna, há a afirmação da densidade mítica que impregna o discurso dos romeiros” (1996, p. 86)

Em Paraty, ao longo da história, esse trato é variável. Na década de 1950, a diocese decreta unilateralmente a dissolução das irmandades, rompendo de forma súbita com organizações comunitárias locais. Na atualidade, os padres mantêm um convívio harmônico, abrem espaço para os elementos populares nas festas, reconhecem a ladainha como uma expressão popular legítima.

A linha de negociação perpassa os dois lados. Embora não mais utilizado nas missas atuais, o repertório de cantos e rezas constantes nos folhetos dos cultos domésticos tem origem na liturgia da Igreja. Há uma intenção de anterioridade e assentimento por parte dos devotos. Ao mesmo tempo, pelo prisma da Igreja, a aquiescência para com manifestações populares como a ladainha tornou-se extremamente estratégica para que a paróquia, diante de um território disperso entre povoados de difícil acesso em meio a vales, enseadas e caminhos de terra, pudesse também estender o alcance dessa devoção assentida, propagada pelos próprios devotos. Instalada, na maioria das vezes, no centro das vilas, que depois se tornaram cidades, a Igreja Matriz, sede da Igreja, com toda sua ornamentação e requinte, preenche parte das expectativas e dos anseios do homem religioso no âmbito das comunidades tradicionais. Os devotos residindo muito distantes daquela centralidade sentem essa distância como um vazio que não pode ser preenchido apenas sazonalmente, mas cotidianamente. Em mais de uma ocasião, testemunhei os padres de Paraty nas ladainhas domésticas, mesclados à gente, assistindo a celebração conduzida pelo capelão, compartilhando ao banquete, em sinal de solidariedade e amizade àquela rede de fé e aquele ethos comunitário. Nos locais onde o povo expressa sua fé, as igrejas se mantêm forte, em um movimento de complementaridade.

Esse caráter próprio do povo de expressar sua religiosidade se alinha ao seu modo de existência, cujas referências são amplas. O contexto das hibridações, tão correntes em todos os aspectos da cultura, não poderia também deixar de se manifestar no âmbito da espiritualidade popular, com seu regime próprio de rezas, benzimentos e receitas curativas baseadas no conhecimento da terra, das raízes e das plantas, todo um complexo de elementos e ritualizações que encontram também centralidade no âmbito dessas comunidades em suas formas de constituir o mundo. Imbricam-se também nesse domínio, heranças indígenas por meio de um profundo conhecimento empírico do ambiente, do regime das marés, dos ventos, do cultivo do solo, do saber do ofício da pesca e do artesanato, componentes e fluxos identitários que desembocam na conformação de um modo de ser caiçara, distinguindo uma presença territorial que se torna a base de uma outra episteme que se procura aqui sublinhar. O ofício das ladainhas é parte

desse vivo sistema de práticas e referências, margem e ponte entre formas distintas de se organizar o mundo que ainda assim segue veloz no curso de suas transformações.

A dimensão política: a ladainha como forma de ser no mundo

A ladainha é uma manifestação religiosa e cultural, perpassada por várias dimensões – comunitária, cosmológica, epistêmica. É expressão de uma forma de compreender o mundo, que se perpetua no tempo, uma prática de tradição, marcando traços identitários em um território.

Na acepção de Hans-Georg Gadamer, “a tradição não é simplesmente um acontecer que aprendemos a conhecer e dominar pela experiência, mas é linguagem, isto é, nos fala por si mesma, como um tu” (2012, p. 467). O autor se orienta em pensar simultaneamente a tradição como linguagem e esta como tradição.

Gadamer alude a Humboldt quando diz que “frente a um indivíduo que pertence a uma comunidade de linguagem, a linguagem instaura uma espécie de existência autônoma, e quando este se desenvolve em seu âmbito, ela o introduz numa determinada relação e num determinado comportamento para com o mundo” (GADAMER, 2012, p. 571-572). O autor prossegue nesse ponto e afirma que “ter mundo significa comportar-se para com o mundo. Mas comporta-se para com o mundo exige, por sua vez, manter-se tão livres, frente ao que nos vem ao encontro a partir do mundo, que se possa colocá-lo diante de nós tal como é. Essa capacidade representa ao mesmo tempo ter mundo e ter linguagem” (p. 572).

Essa linha de pensamento, que perpassa Humboldt, Heidegger e Gadamer, concebe a linguagem em sentidos além daqueles enfocados pela linguística. A linguagem é anterior, é elemento de criação do mundo, e, portanto, é também mundo. O mundo enquanto sentido não é produto de um ente, mas é resultado dessa “força originária de linguagem do espírito humano”. Heidegger torna ainda mais aguda essa compreensão na afirmação modelar de que “a linguagem é a casa do ser. Em sua habitação, mora o homem” (2009, p.24)

Dessa forma, ter linguagem é condição essencial de existir no mundo, de atribuir-lhe significado, de expressar-se, de assumir postura ativa. Ser construtor de sua própria forma de enunciação é condição de autonomia, liberdade e criatividade. Trata-se de um pressuposto do ser plenamente.

Portanto, restringir as manifestações das práticas de tradição, seja pelo desalojamento dos grupos que interagem em um território, seja pela desarticulação de suas formas de sociabilidade é amputar-lhes a autodeterminação. Certamente, Paraty é um território em disputa. A diversidade de expressões é constantemente ameaçada por uma lógica homogeneizadora de significar a vida, conduzida pela ética da capitalização da paisagem. Os ritos, as danças, os cantos são extraídos de seu locus e apresentados como exotismo, folclore e layout de um cenário caracterizado pela multiculturalidade aparente. A aparência não é ser. A integralidade dos modos de ser e fazer dos grupos vai muito além da valorização superficial e interessada que a “indústria turística” exerce. A linguagem e a tradição são mais efetivas em suas rupturas e no fluxo de ser no mundo.

Boaventura de Souza Santos (2010), em seus escritos “Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências”, traz uma importante e urgente discussão sobre esse aleijamento em curso na vida humana. O sociólogo português observa a ocorrência de um grande “desperdício de experiências” no mundo. As forças modeladoras da sociedade de consumo, a partir de uma energia da arrogância e da imposição, estariam imputando um “epistemicídio”. A vastidão de saberes, concepções, sentimentos, existências é encurralada pela ditadura da “razão metonímica”. A ciência moderna e alta cultura se tornam parâmetros de referência. O tempo se torna linear, dentro de uma lógica de progresso tecnológico e científico e “declara atrasado tudo o que é assimétrico em relação ao que é considerado avançado” (p. 103). As diferenças sociais tomam a dimensão de uma hierarquia entre pessoas e grupos, aquele que é apontado como inferior não é visto como capaz ou credível. O global se sobrepõe ao local e a lógica produtivista pauta homens, mulheres e a natureza. O tipo de racionalidade que nos governa estaria calcado em uma compreensão parcial das coisas, transformando interesses hegemônicos em conhecimentos verdadeiros. “A experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante” (p. 94). Os modos de ser diversos a esses

padrões são deslegitimados, constituem “formas irreversivelmente desqualificadas de existir” (p. 104). É dessa perspectiva que saberes milenares de cura se tornam alternativas, que práticas de cultivo da terra em consórcio com a natureza são tidas como obsoletas, que mitologias religiosas são rotuladas pejorativamente como crendices e modos de existência como a caiçara são consideradas improdutivas.

Ao se abordar as diferentes dimensões das ladainhas nos escritos acima, observa-se repetidas vezes as suas características autônomas ao modo de funcionamento da racionalidade capitalista. Os devotos são componentes de uma rede comunitária que assimila também a economia da dádiva, no qual os valores de troca não são homogêneos e impessoalmente monetizados, os valores assumem, na verdade, um caráter de retribuição e singularidade. As ladainhas são rituais nos quais se instauram a sacralidade na temporalidade cotidiana, ao abrir na casa um canal com o mundo supra-terreno. Essas rezas são também expressões da religiosidade apartadas das hierarquias e cânones institucionais, engendradas de forma mais orgânica no interior de comunidades rurais. Porém, os devotos não são indivíduos viventes à parte da sociedade de consumo, eles são perpassados por essa dimensão, são parte dela, mas resistem a ela, na medida que cultivam um ethos ancorado em outras bases e, mais do que isso, comprometem-se a transmitir esse caráter aos seus descendentes.

Quando se destaca a dimensão política da ladainha, é nesse aspecto que se pretende chegar. Os devotos são guardiões de um modo de ser no mundo e eles exercem essa salvaguarda de maneira consciente. Sabem que são a base de uma tradição. Sentem os impulsos das forças que sobrepujam suas rezas, cantos e festejos. Mas decidiram e escolheram que querem prosseguir celebrando, pois os princípios do compartilhamento e da reciprocidade e a sacralidade da vida lhes são premissas inalienáveis. O direito de exercer de forma plena todas as potências e dimensões do ser deve ser garantido. E para tal, é inevitável que se assumam uma atitude política. E eles assumiram.

CAPÍTULO IV: NARRADORES DO SAGRADO

“Ainda que meu desejo mude,
ainda que eu mude de opinião ou inclinação,
manterei.”
Paul Ricouer

As ladainhas formam um sistema que se espalha pelos bairros de Paraty e preenchem um calendário ao longo do ano. Contornam a cidade, tomam lugar no tempo e no espaço. Constituem experiências sociais e manifestação do espírito humano que imprimem seu caráter no território. Embora o ritual siga uma estrutura regular e recorrente, cada casa e cada devoto infunde sentidos próprios a sua celebração. A riqueza e força dessa prática coletiva se alimentam dessa originalidade de suas partes. Cada culto doméstico, portanto, se preenche de singularidades e cada devoto assume uma voz protagonista como narrador do sagrado.

Há muitas maneiras de se contar uma história. Há quem diga que os enredos são poucos, mas são as formas de narrar que se renovam e revelam novas nuances e mundos distintos. Uma das questões essenciais que perpassou esse trabalho desde sua concepção foi entender e encontrar meios de viabilizar a enunciação de múltiplas vozes. Cada visão contempla um novo enquadramento e uma nova linguagem e é parte da complexidade e a multiface do mundo. Quem estaria mais habilitado para expressar a delicadeza imaterial de uma prática como essa do que os próprios participantes? Como fazer para abaixar a minha voz e dar volume a deles nesse contexto de escrita? Trata-se de uma busca em processo.

A ladainha é uma profusão de vozes e linguagens. O capelão direciona o canto para em seguida um coral imprimir força e completude à reza. Os foliões e outros devotos vêm depois com conversas, risos, danças e músicas festivas. A comunicação também se manifesta pela oferta de alimentos e a estetização da casa, com o altar, as flores e toalhas brancas. São os devotos a conduzir suas narrativas de si em conjunção com os santos que os guardam e guiam.

Essas narrativas marcam uma identidade em um território, em um mundo. Paul Ricouer (2010) trabalha a partir do preceito de que não é a identidade que define uma narrativa sobre determinado indivíduo ou grupo,

mas o contrário. A narrativa de si que desvendará a identidade. Essa narração, no entanto, se configura e re-figura ao longo do tempo. Não se trata, portanto, de uma identidade fixa, de uma “mesmidade”. A identidade é aqui entendida como ipseidade, sobre a qual a dimensão da temporalidade tem papel preponderante.

Segundo Ricouer, “a identidade repousa numa estrutura temporal conforme ao modelo de identidade dinâmica oriundo da composição poética de um texto narrativo. Pode-se dizer, assim, que o si-mesmo é refigurado pela aplicação reflexiva das configurações narrativas. Diferentemente da identidade abstrata do Mesmo, a identidade narrativa, constitutiva de ipseidade, pode incluir a mudança, a mutabilidade, na coesão de uma vida” (2010, p. 419). O autor continua “a identidade narrativa de um indivíduo ou de um povo decorre de uma retificação corrente sem fim de uma narrativa anterior por uma narrativa posterior, e da cadeia de refigurações que disso resulta” (p.421). A esse respeito Ricouer se pergunta: “O que justifica que se considere que o sujeito da ação, assim designado por seu nome, é o mesmo ao longo de toda uma vida que se estende do nascimento até a morte?” (p.418) Ao trazer essa pergunta, o autor introduz uma inflexão em sua abordagem e que aqui é valiosa ao deslocar o sentido e a pergunta da identidade do que para o quem – “quem fez tal ação? Quem é seu agente, seu autor?”. Nesse ponto, retomando o questionamento de Hanna Arendt, ele infere que “responder a pergunta quem” implica em “contar a história de uma vida”, na qual “a história contada diz o quem da ação”, o que o leva a arrematar o sentido de que “a identidade do quem não é mais do que uma identidade narrativa” (p. 418).

Utilizando-se desse mesmo pressuposto, o pesquisador Leonardo Guelman, em seus estudos sobre o sertão do nordeste brasileiro, ao dialogar com os mestres da cultura, muitos em idade avançada, lhes propõem segurar uma fotografia na qual figuravam jovens. Uma série de imagens de senhores e senhoras carregando retratos de décadas passadas foi registrada. Então, na visível diferença de rostos marcados pelo tempo surgiram as perguntas: O jovem e o velho, essas duas faces tão distintas são a mesma pessoa? O que as conecta? Seguramente, é uma narrativa.

Nesse sentido, a noção de Narradores do Sagrado aplicado aos devotos paratienses diz respeito a condição enunciativa em que esses indivíduos narram a si mesmos e a suas próprias devoções ao longo do tempo. O que esses narradores informam e comunicam não é algo localizado que se possa destacar do complexo de suas vidas, mas o sentido ampliado pelo qual pautam e norteiam a sua existência.

Orientando-nos por esse entendimento, sob a ótica da identidade narrativa, viver é narrar-se, isso quer dizer que a identidade não impõe ao indivíduo uma tipologia que o encerra, ao contrário, é o próprio curso da vida e do viver que desenha, atualiza e retifica o que cada um se torna.

Todos os anos, os narradores paratienses realizam suas celebrações domésticas obedecendo um mesmo rito. Mas não se pode supor que o capelão Gerson ou a devota Maria da Baiaia realizam suas ladainhas a cada período sob uma mesma motivação e sentido. Esses ofícios sagrados não estão desligados dos fluxos de existência e dos acontecimentos que permeiam a vida de todo e qualquer indivíduo a cada ciclo – a reforma da casa, a saúde de um parente próximo ou de si mesmo, o casamento de uma filha ou filho conciliam-se com a devoção a seu santo em uma conversação íntima e comunhão profunda.

Esse compromisso perene de realização da ladainha é garantido por uma promessa – o voto ao santo protetor de lembrá-lo e celebrá-lo; um pacto consigo mesmo e compartilhado com uma rede comunitária para sacralizar a vida. A prática contínua de devoção dos narradores confunde-se com o próprio exercício da vida que se produz e se lança adiante. A esse respeito vale reconhecer que a promessa para Ricouer (2014) – valendo-se da compreensão de Emmanuel Levinas – estabelece uma espécie de pactuação do indivíduo orientada para o futuro selando-se como uma espécie de manutenção de si mesmo: “Ainda que meu desejo mude, ainda que eu mude de opinião ou inclinação, manterei” (RICOUER, 2014, p.125). A promessa conjuga, então, um duplo sentido - como um juramento para se obter uma graça e como uma orientação para a vida como um todo.

A identidade reiterada pelo tempo, sob o signo da promessa, é um pacto, não é uma obrigação. Essa essência da promessa, envolvendo amplamente a vida, é o que move os devotos narradores, fazendo-os perseverar e cumprir a

cada ano, a cada tempo, a devoção depositada nos santos como uma crença e sentimento do que trazem de mais profundo.

Imagine-se, então, chegando em uma dessas celebrações em Paraty. Quem são as pessoas que estão na sala junto ao altar, congregando-se em rezas, em banquete e em festas? Certamente, estarão o Gerson, entoando com sua voz forte a maioria das rezas e sua esposa Edriane. Outras figuras também são assíduas, compondo a tessitura dessas narrativas que interagem e se interpenetram – Dona Maria da Baiaia e Dona Lucília, guardiãs e arqueólogas de versos antigos; Regina Antônia e Theia, mulheres de fé inabalável; Seu Zizi, experiente folião e Fernando, jovem rabequeiro; Rita de Cássia, espírito contestador; Élcio, conectado aos anjos e sempre presente ao coro; a família Mello, reunida em festa; Marcel e sua mãe Rita; Cláudia e Fabiano, devotos de São Jorge; Júlio Cesar da Fazenda Catiferro; Diuner, que mesmo ateu é exímio conhecedor de assuntos da religiosidade popular; Rita Luísa e seus cachorros. Nas linhas abaixo, tentou-se aproximar o leitor de cada uma das celebrações e das histórias pessoais de alguns desses narradores do sagrado. O fio narrativo se desenrolou a partir dos relatos de cada devoto, cuja voz se ouve diretamente em meio a uma segunda, a da pesquisadora, que se utilizou da experiência vivida nos rituais para compor esses escritos. Esse texto, que se pretendeu polifônico, é ainda processo.

Marcel: Santa Cruz da Generosa e as controvérsias da tradição

Marcel Moraes é historiador e professor. Todos os anos celebra a Santa Cruz. Sua tataravó Maria Generosa de Jesus ergueu uma capela no bairro do Gragoatá, no Beco do Propósito, às margens do Rio Perequê-Açu no ano de 1901. As motivações para a construção da pequena igreja têm início em 1895. Marcel nos conta que “o escravo liberto Teodoro Dias Vilela foi pescar em uma Sexta-Feira Santa. A tradição fala que quando ele joga a tarrafa para pegar o peixe, a tarrafa gruda no botão da camisa, ele vai junto e acaba morrendo afogado”. Segundo o povo, trata-se



Marcel Moraes, no interior da Capela da Generosa.



Capela da Santa Cruz da Generosa, no bairro do Gragoatá

de um castigo por ter desobedecido a regra de guardar os dias sagrados. Dona Generosa se sensibilizou pela alma de Teodoro. O acontecido se dera em área de sua propriedade. “Ela promete pôr uma cruz no lugar da morte, marcando o lugar da tragédia, o que é comum até hoje em beira de estrada quando acontece acidente”. No entanto, de início, ela esquece o compromisso. As histórias que chegaram aos dias de hoje dizem que certo dia caminhando pela margem do rio, Generosa sente um cheiro acentuado de cedro. O fato a fez lembrar o prometido. Imediatamente, providencia uma cruz no local. Gradualmente, as pessoas aderem ao movimento da reza ao pé daquela Santa Cruz. Com a frequência cada vez mais constante de devotos, Generosa resolve erigir a capela. Era uma forma de proporcionar mais comodidade ao povo. O ponto de reza ficava na margem do rio, exposta a maré alta e outras intempéries como vento, chuva e sol forte. Marcel reflete que “quando aquela cruz funerária sai da beirada do rio e vai para dentro da capela, ela ganha uma outra conotação, torna-se a Santa Cruz de Cristo”. As rezas ganham novo significado. Têm início as ladainhas. “A Generosa começa a promover as ladainhas e as festas de Santa Cruz”. Os eventos na Capela do Gragoatá eram frequentados pelos moradores da periferia da cidade. Marina Mello e Souza, em “Paraty – a cidade e as festas”, destaca:

“A 3 de maio, rezava-se uma ladainha para a Santa Cruz na capela do Gragoatá, seguindo-se danças, comidas e bebidas. (...) nessa celebração, a presença do padre não era necessária, sendo suficiente um ‘capelão’. Localizada próxima ao rio Perequê-Açu, a pequena capela, na verdade um altar embutido numa casinha, situava-se no limite da cidade civilizada, não só pela localização, pelas características de construção, como pela presença do ‘populacho’ morador da Patitiba, que dançava chibas e tocava modas de viola, hábitos dos moradores dos sertões considerados atrasados. Mas, acontecendo dentro do perímetro urbano, daquela festa participavam moradores da cidade, que muitas vezes também se dirigiam às festas de Santa Cruz realizadas em muitos lugares da roça. (...) Sem nunca ter sido benzida, ligava-se mais a religiosidade popular, permeada de explicações mágicas, do que aos sancionados pela Igreja, executados conforme as regras da liturgia oficial. Depois da ladainha, comidas, bebidas, músicas e danças completavam as comemorações, que era realizada não apenas nos limites físicos da comunidade urbana, mas num ponto liminar entre o sagrado e o profano, tamanha as diferenças entre essas duas esferas ali presentes” (2008, p. 126).

Além das ladainhas à Santa Cruz, outras rezas esporádicas aconteciam na capela. “Por exemplo, tinha um surto de febre amarela na cidade, o pessoal vinha aqui em casa pedia para minha avó: - A gente pode fazer uma ladainha para São Roque para combater a peste? Aí, abria a capela”. Houve também celebrações a São João (um descendente da família da Generosa era devoto) e a Nossa Senhora da Conceição. Até a década de 1950, esse movimento foi frequente. Ao longo dos anos seguintes, as cerimônias rarearam. Vez ou outra Manoel Cruz pagava uma promessa realizando três dias de ladainha. Ou seu Milton Silva, pai de Diuner Mello, promovia um evento para angariar fundos para a Festa do Divino. Não havia regularidade, porém. Em 1996, a comissão da festa de Santa Rita formada por Júlio Cesar Dantas, Maria da Baiaia, José Cláudio, Terelina, propôs aos descendentes da Generosa a reativação da celebração de Santa Cruz como forma de arrecadar recursos para os festejos de Santa Rita. “A família abraçou a ideia, pois há tempos já queríamos reativar”, explica Marcel. “E a partir de então, não parou mais. Tem ano que a festa é mais forte, tem ano que ela dá uma decrescida, mas graças a Deus, nunca mais parou.” Todos os anos,

uma equipe se reúne para a organização dos festejos a Santa Cruz do Gragoatá. A celebração acontece no período em torno da data de 3 de maio. Esse grupo deu origem a Associação da Santa Cruz do Gragoatá. O objetivo principal da instituição é viabilizar as obras de restauração da capela e melhoramentos do entorno. O templo foi construído por Dona Maria Generosa de Jesus e toda a área em volta pertence à família da falecida matriarca. Mas Marcel reitera o valor do bem para a cidade.

Quando as celebrações foram reativadas na Santa Cruz do Gragoatá em 1996, Marcel tinha onze anos. Naquele período, conversava muito com um tio que “contava das festas antigas e aquilo começou a suscitar vontade”. Atualmente, ele tem trinta e quatro anos e dirige a Associação e a organização dos cultos e festejos na capela. É capelão da ladainha a Santa Cruz que promove. É também capelão da ladainha aos Santos Anjos, realizada pelo Élcio e da ladainha ao Bom Jesus, feita pela Lucília. Conhece a liturgia e é um curioso dos cantos da religião popular.



Folheto de divulgação

Os festejos a Santa Cruz do Gragoatá estão no limiar entre o culto doméstico e a Igreja. A ocasião tem formato das festas populares de santo, como aquelas dedicadas aos padroeiros na zona rural e pequenas cidades – novena, missa, procissão, barraquinhas de comes e bebes, leilão, festejos com música. Porém, no decorrer do mapeamento das ladainhas em Paraty (no âmbito desta pesquisa), os devotos não hesitaram em apontar a celebração do Marcel como componente do calendário de ladainhas. Tradicionalmente, os ritos familiares estudados se realizam em um único dia, no ambiente da casa e do quintal. A celebração à Santa Cruz do Gragoatá, entretanto, acontece ao longo de três dias, inserida em uma festa que interage com outros espaços da cidade e da religiosidade católica, chegando até a Igreja Matriz.

Na quinta, sexta e sábado próximos ao dia 3 de maio, data consagrada a Santa Cruz, um tríduo é realizado na Capela da Generosa. A reza obedece ao formato das ladainhas tradicionais em latim. O pequeno templo e o Beco do

Propósito, onde está localizado, são enfeitados com bandeirinhas, flores naturais e de papel crepom, toalhas com bico de crochê, arcos de bambu e estandartes. Um grupo de mulheres da Associação se organiza na feitura das comidas que serão comercializadas na barraca montada na lateral. Ao final de cada reza, um grupo de música anima devotos e transeuntes que são atraídos pelos barulhos da festa. “O público é da Mangueira, Ilha das Cobras, Chácara da Saudade, Patitiba, o Centro Histórico não tem mais morador. O povo que é ligado à cultura também gosta muito de vir participar.”

“Antigamente, era muito mais fácil fazer essas festas porque a comunidade era menor, o povo vinha, trazia aipim, batata-doce, bolo. O divertimento era a ciranda, o xiba, o jongo, ninguém cobrava para tocar, você não precisava de som”. A ideia de Marcel era “não precisar colocar barraquinha, distribuir as coisas de graça como era antes”. A parte festiva que era composta no passado pelo jongo e depois pela ciranda, abrange atualmente o samba e outros ritmos mais conhecidos. Foi a estratégia utilizada para atrair público. Em 2019, a animação foi conduzida pelos tambores de blocos de carnaval da cidade.

Na alvorada do domingo, às 6h da manhã, porém, são os cirandeiros Fernando e Marcelo Alcântara que puxam o grupo reunido em frente à Capela da Generosa, levando-os pelas ruas do Centro Histórico, em direção à casa de Rita de Cassia. Esse componente da festa acontece há três anos. Na esquina da rua do Comércio com a rua Aurora, Rita e Regina aguardam à porta a chegada da comitiva de devotos. Um farto e delicioso café da manhã é oferecido pela anfitriã, em ação de graças. Os mais animados dançam o caranguejo na sala. Eventualmente, algum vizinho reclama do barulho logo pela manhã. “As pessoas precisam entender as tradições de Paraty”, diz Rita, convicta. A cada passante conhecido, ela convida para entrar para partilhar a dança e o alimento. Nesse dia, mesmo após a dispersão da turma que chegara na alvorada, a mesa de Rita permaneceu povoada de sete mulheres, que me acolheram nesse círculo de memórias. Histórias foram afetuosamente tecidas em um clima de cumplicidade e solidariedade.





À noite, acontece a Missa na Igreja Matriz de Paraty. “A identidade da Santa Cruz é a ladainha. A missa é importantíssima, ela veio a acrescentar”, justifica Marcel. O padre Paulo, amigo de Marcel, de Guaratinguetá, todos os anos participa do evento e celebra o último dia junto com o padre da paróquia. Ao final da missa, os fiéis são convidados a acompanhar a procissão em direção à Capela da Generosa. Além do andor com a imagem de Nossa Senhora Aparecida, Padre Paulo carrega o Santo Lenho, uma lasca da Cruz de Cristo, atestada pelo Vaticano. A relíquia é pertencente à capela. A cerimônia é finalizada no Beco do Propósito, com a adoração à Santa Cruz. Marcel solicita autorização ao Pároco Padre Roberto para realizar esse rito e convidar o sacerdote do município vizinho.

A festa de Santa Cruz do Gragoatá é realizada em uma capela doméstica. As rezas são entoadas pelo capelão Marcel, em latim, como as antigas ladainhas. Ele retoma traços das antigas festas, realizadas desde o início do século XX e adiciona elementos da oficialidade da Igreja, ao inserir a missa como componente do evento. Os devotos integrantes desse sistema da religiosidade popular reconhecem a ladainha de Santa Cruz como parte da tradição, mas não sem ressalvas. A celebração do Marcel teria incorporado rituais muito pomposos para um culto familiar. “Tem missa, padre paramentado, procissão saindo da Matriz”, dizem alguns. Não confrontei Marcel a respeito desses comentários, mas em nossas conversas sobre a festa ou ladainha da Santa Cruz, ele reflete: “a gente tem que fazer concessões, senão a tradição não consegue ir para frente. O tradicional suporta as intervenções do tempo, o conservador não”.



Marcel tem por objetivo empreender as obras de restauro da capela e a construção de alguns outros melhoramentos. As festas que realiza contribuem para esse fim. Dedicar-se meticulosamente ao estudo das características materiais do bem, detalhes do altar, da balaustrada, da cornija, do teto. É ele quem reúne os dados que balizam o projeto arquitetônico. O acervo da capela é vasto, contando com imagens, quadros, oratórios e relíquias. Por isso, um espaço de exposições está sendo pensando, além de áreas de convivência, cozinha e jardim. A ideia é revitalizar a área e valorizar a história e importância da Capela da Generosa. “E outra coisa que o nosso grupo é muito envolvido é com essa parte cultural. A gente acredita que tem que restaurar a capela, tem que revitalizar o entorno, mas você tem que dar uma função social, cultural e sobretudo religiosa a esse espaço. Porque não se justifica você ter esse trabalho todo, se não tem o povo. O que importa nessas festas? É o povo.”

Marcel é historiador de ofício. Imbuíu-se da determinação de zelar por um legado familiar que tem interpenetrações na história da cidade. Mostra-se como liderança em âmbito doméstico e comunitário. “A intenção é que você possa vir, participar e lembrar. Eu prezo muito por essa questão da memória. A minha avó vinha aqui, a minha mãe vinha aqui. Daqui um tempo, nós seremos lembrados por essas festas, o menininho que está vindo aqui hoje de braço dado com a mãe, ele vai falar ‘ó, eu lembro, era o Marcel, a Igreja era enfeitada assim, tinha barraquinha.” Marcel sabe que a permanência da memória requer a interação com a coletividade.

Com a retomada da ladainha à Santa Cruz, desde 1996, e com a participação cada vez mais direta de Marcel na sua realização, vários elementos foram acrescentados à ritualização, em especial, a celebração da missa realizada na Matriz, com a participação de um pároco de outra cidade, e a procissão que então se desloca para a Capela, perpassando e interagindo com espaços centrais da cidade. Estes novos elementos destacados não representam uma alteração trivial, o que nos leva necessariamente a uma reflexão quanto a seus efeitos e desdobramentos no âmbito das práticas da tradição. Para os devotos, ao que nos parece, causa estranhamento o alcance e o porte que a investida tomou. Concretamente, um evento religioso salta do âmbito doméstico – e isso é o aspecto mais visível e mais inquietante para os praticantes das ladainhas – para o âmbito público de alcance em toda a cidade. Acrescenta-se igualmente nessa outra dimensão um efeito de carnavalização próprio à cultura popular e às manifestações religiosas que investem sobre o corpo da cidade, afluindo-o, acendendo-o. Nesse sentido, até que ponto se pode falar, nesse caso, de uma reinvenção da tradição? A tradição não é incompatível com a inovação, mas esta, necessariamente, precisa ser pactuada com seu grupo ou coletivo.

Marcel está consciente do processo de construção do discurso histórico sendo também um agente dessa transformação, mas é inevitável que se reconheça nesse processo um signo de distinção em relação aos outros ritos que se produzem no sistema das ladainhas. Essa distinção não afasta da celebração sua rede de devotos, afinal, a ladainha se constituiu a partir de um espaço regido pela solidariedade e colaboração. Mas avulta nessa celebração e na estetização que a materializa a história de uma família que se adere à própria história da cidade. Em suma, independente dos estranhamentos e inquietações, a realização continuada da festa já produziu uma acomodação na própria recepção de seus celebrantes, ao mesmo tempo que passa a integrar distintivamente o calendário de ritos da cidade.

Marcel é um inventor de tradições. Todos nós o somos em certa medida.

Regina Antônia: A primeira ladainha de Santo Antônio

Regina Antônia tem gravada a devoção no nome. Nasceu a meia noite, na virada de 12 para 13 de junho de 1957. Naquele tempo, era comum consultar o almanaque para se saber qual santo era cultuado no dia. E foi assim que foi nomeada. Por muitos anos, dizia não gostar do seu nome, não lhe soava bem. Mas com o tempo, passou a apreciar.

Em 2019, decidiu iniciar a ladainha a Santo Antônio em sua casa.



O pai José Laurindo, o capelão Gerson, a amiga Lu a incentivaram. “Não é que eu seja devota de Santo Antônio, vou fazer porque confio nos santos. Peço a Santa Rita, peço a Santo Antônio, peço, é o santo do dia, eu peço. Eu tenho vontade de fazer de São Pedro, mas de São Pedro já tem, vou fazer de Santo Antônio”.

Santo Antônio é uma das figuras de maior devoção do imaginário popular português disseminando-se no Brasil desde os tempos da colônia por incontáveis paróquias e povoações. Santo conciliador da família, protetor dos namorados, casamenteiro, mas igualmente restaurador das relações cujos laços se afrouxaram, tornou-se discípulo de São Francisco vivendo sua vida religiosa na Itália. O documento litúrgico “O livro dos milagres ou Florinhas de Santo Antônio de Lisboa” traz a explicação para a representação do santo medieval junto a figura de uma criança. Tendo recebido Antônio abrigo em uma de suas incursões, o fidalgo que o acolhera, espreitando o santo por uma fresta em seu aposento, surpreende-se com a visão do hóspede com um “menino que outro não era senão o Senhor Jesus” – “um menino mui formoso e alegre nos braços de Santo Antônio, e o santo a contemplá-lo o rosto, a apertá-lo ao peito e a cobri-lo de beijos”. É uma representação carismática, quase familiar, cuja celebração inaugura os festejos juninos.

Regina Antônia faz parte da pastoral da música, canta em missas, procissões, casamentos. É católica engajada em várias atividades na Igreja. Ganhou recentemente o primeiro lugar na composição de marchinhas de carnaval

de Paraty e junto com outras cinco mulheres é parte de um grupo de ciranda. Elas versejam modas autorais, inclusive, com temática relativa ao gênero feminino. Ela mora com o marido Luís, no Corisquinho, bairro da zona rural paratiense. Da casa, ouve-se a cachoeira lá embaixo. Aliás, quando se vem da cidade, é perceptível a mudança de temperatura. O ar se torna mais fresco e mais leve.



Entrando no lar do casal, logo depara-se com um oratório na sala com imagem em escultura de Nossa Senhora dos Remédios. A devota possui muitos santos, no andar superior há outro canto dedicado a seus intercessores. O altar para Santo Antônio foi montado na varanda. A imagem do franciscano é emprestada de seu pai. Padre Wagner lhe tinha prometido como presente um Santo Antônio para a data, mas teve um contratempo com a saúde. Entregou-lhe apenas semanas mais tarde.

A casa se agitou para os preparativos da primeira ladainha da anfitriã. Regina cuidou dos bolos, dos mais variados sabores. Preparou canjica, paçoca, doce de banana, gelatina. A amiga Lu preparou cuscuz e o vizinho Amaury lhe trouxe uma grande panela de canjica com amendoim. Sua irmã apareceu com a Solimar para se encarregarem dos caldos. Padre Milton chegou com as cadeiras e mesas, que foram dispostas no quintal, já enfeitado com bandeirinhas em tecido estampado e correntes de lâmpadas. Fernanda, após seu expediente de trabalho, ajudou com a decoração e limpeza da cozinha. Uma moça do bairro trouxe um estandarte de Santo Antônio como presente para a aniversariante, ela mesmo que o confeccionou. Ela, curiosamente, chama-se Antônia Regina. Quando ficou sabendo que uma tal Regina Antônia iria promover uma reza ao santo, não se conteve. Precisava participar da ocasião e conhecer a xará de nome invertido. Antônia Regina recebeu esse nome, pois sua mãe fez uma promessa ao franciscano. Ela não conseguia engravidar e após a combinação com Santo Antônio deu à luz em três ocasiões. Antônia Regina e suas irmãs, durante todos os anos da infância, iam a Festa do referido santo vestidas com as vestes da ordem franciscana.



Nota-se, então, o mutirão solidário que se formou em torno da casa para apoiar a anfitriã. Nesse dia, a neta Nina não foi a escola, ficou pela cozinha enquanto a avó batia os bolos. Dona Maria do Alambique Corisco encarregou-se do quentão. No fogão a lenha ferventou a garapa, enquanto numa panela à parte, caramelizava pedaços de maçã, cascas de laranja e gengibre. Essa mistura foi juntada ao caldeirão do caldo de cana, que também recebeu folhas de capim limão. À noitinha, Lu chegou com cem pãezinhos franceses. As mulheres embalaram um a um em um saco transparente, amarrado por uma fita colorida. Os embrulhos foram arrumados em uma cesta e acomodados no altar. A tradição de se ofertar os pãezinhos no dia do santo aparece como sinônimo de caridade e simboliza uma promessa de fartura.

A ladainha foi marcada para as 20h30 e a casa só se aquietou meia hora antes. Ouvia-se uma sinfonia do mato – sapos, grilos, insetos e luzes de vagalumes surgiam vez ou outra. Logo começaram a chegar os convidados, alguns trouxeram pratos de comidas que se somaram à mesa já bastante farta.

A fogueira foi acesa próxima ao portão, alentando a noite fria. A reza iniciou com certo atraso, à espera do capelão Gerson. Fernando da Rabeca fez a segunda voz. Havia muitos timbres afinados no canto. Bem provável que fossem companheiros da pastoral da música. Os padres da paróquia não costumam frequentar os cultos domésticos, mas dois deles se fizeram presentes na ocasião – padre Milton e o pároco padre Roberto. Eles são amigos próximos da Regina,

mas mantiveram-se diluídos entre o povo, enquanto o Gerson celebrava. Padre Milton foi chamado à frente já ao final para abençoar os pães, que foram ofertados aos convidados.

Embora fosse o primeiro ano da celebração, havia muita gente. Regina é uma figura querida por onde passa, tem energia de articulação. Seus amigos da igreja e da associação de guias de turismo, vizinhos do bairro, cirandeiros e foliões estavam todos. Notava-se que muitos assistiam uma ladainha pela primeira vez, inclusive católicos frequentadores das missas. Seu marido Luís nunca havia estado em uma reza antiga como essa tampouco. No final da noite, quando os convidados já haviam ido embora, ele marotamente comentou que a reza era muito chata. “Quando virou a página ainda faltava muito para acabar”. Ele se referia aos versos em latim que ocupam duas páginas inteiras do folheto. “Subi para comer um doce”, completou. “Regina, ano que vem, precisa dar uma resumida”. Esse mesmo sentimento se expressou na risada abafada de alguns dos presentes no momento da virada de página. Em compensação, havia aqueles que acompanhavam com concentração, usavam as lanternas dos celulares para clarear os versos do folheto, pois a luminosidade do quintal não era suficiente. Mas, em determinado ponto da pequena multidão uma luz de fé e devoção se destacava. Era seu Moacir Cruz que, imbuído de humildade e respeito, tirara o chapéu panamá da cabeça e o segurava junto ao peito. Ele não fazia uso de folheto. Cantava de memória e auxiliado pela antecipação do puxador. Com 71 anos, seu Moacir é um homem simples e cheio de esplendor. Após a reza, tomou seu posto para iniciar a ciranda.





Finalizado o culto, a mesa se abre para a refeição. Os amigos trouxeram ainda um bolo de aniversário para Regina Antônia. Seu Moacir se sentou em uma pedra no quintal, disse que era mais “garantida” que a cadeira, e em volta dele os jovens Fernando e Marcello Alcântara, Cauã Cruz e Maneco Pacheco tocaram canoas, caranguejos e cirandas. Vez ou outra, o Gerson pegava o pandeiro e se juntava à turma. A certa altura, o povo se animou para a dança.

À medida que os convidados se despediam, alguns levavam uma bandeja com pedaços de bolo. Perguntado se desejava levar algo para casa, Seu Moacir Cruz respondeu “Não, minha filha, não tenho coragem”. Por volta das 23h30, todos já haviam se dispersado. Era quinta-feira e havia trabalho no dia seguinte.

Na manhã de sexta-feira, Regina Antônia se levantou tarde. Na noite anterior a ladainha, tinha se deitado às 2h30 da madrugada, engajada nos preparativos do evento. “Dá trabalho, mas compensa”, declara. Luís também estava satisfeito, “o importante é que a mulher ficou contente”, repetia.

A residência do casal é muito agradável, cozinha iluminada pelo sol, quintal amplo, horta, a cachoeira a poucos metros. Mas nem sempre a devota Regina viveu com tanta tranquilidade. Batalhou ininterruptamente desde que sua família deixou o sítio na zona rural e foi viver na cidade na década de 1960. Na roça, viviam do cultivo da terra e não faltavam alimentos. Mas na cidade, em casa alugada, ela, a mãe e os seis irmãos tiveram que viver com um salário mínimo do pai, que passou a trabalhar

no Departamento de Estrada de Rodagem (DER). Naquele período, a estrada Paraty-Cunha estava sendo construída. Regina, criança, coletava mariscos, siris e caranguejos e vendia para o único restaurante da cidade na época, de propriedade do Seu Jaquinzinho, ao lado da Santa Rita. Comercializava cocada para Dona Carminha, pelas ruas da cidade, após as aulas e se engajava no que podia para auxiliar na renda familiar.

Regina atualmente trabalha como guia de turismo e dispõe de ganhos de imóveis alugados que ela própria construiu ao longo da sua vida. Já foi professora, corretora de imóveis, costureira, artesã. Com 62 anos, ela afirma que, embora tenha decidido iniciar o culto a Santo Antônio, é devota de coração de Nossa Senhora Aparecida. Ela observa que a sua prática na Igreja lhe ensinou muito sobre a liturgia, mas que a fé em Deus lhe foi legada por sua mãe. “Essa coisa da fé veio com a minha mãe, que apesar de ela ter vivido tão pouco tempo entre nós, ela passou para gente uma certeza de que Deus existe, que Nossa Senhora existe”. Dona Lourdes era capelã de cultos na roça e rezava o terço junto com seus filhos todos os dias. “Eram sete filhos, são cinco mistérios, cada dia era um filho que rezava o mistério, aí faltava dois, no outro dia começava com aqueles dois. As orações básicas ela fazia, o Creio, a Salve Rainha, mas as Aves Marias eram os filhos, tudo pequenininho”, lembra Regina. A mãe faleceu jovem, aos 35 anos, grávida da oitava criança. Porém, ela já sabia a data de sua morte desde os 15.

“Quando minha mãe tinha 15 anos teve uma doença, um problema no estômago sério, naquela época era curador que fazia benzimento, não tinha médico. Meu avô ia muito em Cunha de mula, era o meio de transporte, subiam a serra por trilha. E um dia o meu avô estava arrumando para ir para Cunha, para levar ela para um curador. De uma noite para outra, ela teve um sonho que ela disse que não precisava levar não, que ela ia ficar curada, que ela teve um sonho com imagem de Maria vestida com um manto branco, por dentro azul, que disse para ela não se preocupar, que ela ia sarar, que ela só ia morrer dali a vinte anos. E aí, do nada ela ficou curada. Quando ela engravidou em 1969, ia fazer vinte anos daquele sonho, ela dizia assim ‘desse, eu vou’. E ela estava bem. Pois no dia 17 de outubro de 1969, ela foi. Quando ela chegou no hospital, ela passou mal, na época era hemorragia, mas foi eclampsia que ela teve. Ela mandou chamar todos os filhos, um por um entrou onde ela estava e ela deu conselho para a gente. Falou com todos, depois que falou com o último filho, ela morreu.”

A figura de Dona Lourdes, o seu exemplo de fé e o seu encontro com o sobrenatural marcaram a vida de Regina. A oração nunca deixou de fazer parte de seu cotidiano e foi seu guia nas conquistas diárias e nos momentos excepcionais de provação. Foi a fé e a rogação concentrada a Nossa Senhora que a acompanhou durante a recuperação de seu filho Vitor, gravemente ferido na cabeça em um acidente de moto, no diagnóstico de esclerose múltipla da filha Camila e no desenvolvimento de um câncer em sua neta Nina de cinco anos. Nesse último episódio, trancou-se sozinha na Igreja de Nossa Senhora das Dores e rezou até esquecer-se do tempo. Ao entrar, tinha uma nuvem de preocupações na cabeça. Ao sair, era pessoa diferente. Meses depois, a Nina estava curada. Em relação a filha, teve sonhos lhe indicando o caminho a proceder. Com o filho, embora a delicadeza do local atingido na queda, recuperou-se plenamente após quarenta dias de tratamento intensivo.

Não muito tempo após o falecimento de sua mãe, o pai de Regina casou-se novamente. A madrasta maltratava a ela e aos seus irmãos pequenos, com agressões e os deixava passar fome. O pai a expulsou de casa quando ela defendeu a irmã menor de um tapa no rosto. Aos 16 anos, a jovem Regina Antônia foi vivendo na casa de um e de outro, arrumando trabalhos, alimentando-se quando havia comida ou algum dinheiro. Casou-se aos 20. O auge do conflito familiar aconteceu quando soube que o pai venderia a casa para viver com a mulher em outro lugar e deixaria os filhos para trás. Seus irmãos e irmãs sempre recorriam a ela. Ela recorreu a Nossa Senhora. Iniciou novena a Santa Maria para que os maus tratos aos irmãos e ameaça de abandono tivesse fim. “Eu comecei a fazer uma novena, essa oração. Todo dia, botava velinha, acendia velinha, rezava, apagava a velinha. Eu ganhei Nossa Senhora Aparecida desse tamaninho. Comecei a rezar, todo dia, seriam nove, no sétimo dia, do nada, chegou um caminhão na porta, eu não acreditei, ela [a madrasta] foi botando as coisas dela toda no caminhão, foi embora para nunca mais voltar. São coisas que aconteceram comigo que eu falei: - Só pode ter sido a intercessão.”

Todos os dias, Regina Antônia ainda faz essa oração a Nossa Senhora, infalivelmente. Segundo suas palavras, são versos poderosos que fortalecem sua coragem e iluminam o seu dia. Para ela, é preciso ter fé para vencer as provações na vida. Ela tenta passar um pouco desse ensinamento aos netos, sobretudo a Nina, “eu vou levar para catequese, ela vai ser pastorinha, para tentar deixar alguma coisa para ela levar para o futuro, o que vida trouxe para ela, ela saber encarar, sofrer, sofre, porém, o que sustenta é a fé”.



No circuito das ladainhas, cultos são suspensos, retomados, extintos ou iniciados, demonstrando a dinamicidade de uma prática viva. A reza a Santo Antônio acaba de ser inaugurada por Regina, em sua aspiração de consagrar a casa e a vida e também em seu anseio de ser parte ativa na rede de devotos promotores das celebrações aos santos. Esse mesmo grupo a encorajou e formou uma teia de colaboração para a fundação do novo rito, agora componente do sistema. A ladainha de Regina já estreia vultuosa, amadurecida, organizada, com canto afinado, banquete farto, festejo animado, convidados numerosos, como se já ocorresse por anos ou décadas. Embora recém inaugurada, fala em sua celebração a linguagem de uma tradição viva que impeliu coletivamente a seus participantes – protagonizados em Regina – a consagrarem-se a mais esse santo de importância destacada no regime cotidiano da experiência comunitária. Não há expressamente na criação dessa ladainha um desejo de inovação ou transformação da tradição como se identificou no caso anterior da ladainha a Santa Cruz da Generosa; o importante aqui é deixar correr e fluir o fio da tradição que se determina em seu próprio movimento, “a linguagem em que nos fala a tradição”(391), como insiste Gadamer (2012), “na medida em que participamos do acontecer da tradição e continuamos determinando-o a partir de nós próprios” (p.389) .

É o espírito da tradição entranhado na práxis, fazendo com que cada ato, ainda que nascente, esteja imbuído de ancestralidade, apuro e maestria. Nesse contexto, Santo Antônio, figura querida na religiosidade popular toma seu lugar no circuito devoto de Paraty.

Família Mello: São João e cachaça

Os Mellos são uma família de tradição em Paraty. Sua trajetória se conecta à cidade.

Essa história me foi narrada por Fernanda Mello, filha de Milotinha. Milotinha tinha o mesmo nome da mãe, Maria Emília, também conhecida como Dona Santa. Dona Santa e Seu José Mello eram o casal anfitrião do São João na Fazenda Boa Vista.



Santa e José Mello

Fernanda reside em uma casa térrea no Centro Histórico, quase em frente à Igreja do Rosário, uma rua com restaurantes e bares, frequentadas por turistas. Vez ou outra, passa um conhecido próximo à janela e cumprimenta quem está na sala. Conversamos em um domingo em que se subiria o mastro da Festa de São Benedito. A Banda Santa Cecília e os Foliões nos cumprimentaram enquanto apreciávamos a passagem do cortejo. O São João também já foi festejado nessa habitação, quando o santo da família estava sob a guarda de Dona Milotinha.

Fernanda tem três filhos. Um deles foi festeiro do Divino em 2019. Sua casa serviu de sede para as bandeiras. Como em quase todos os lares paratienses, há representações do Divino Espírito pelos cômodos. Seu filho Moreno brinca que há São Benedito e Santa Rita pela casa inteira, ao que ela responde: - “Filho, lógico, ainda mais agora sozinha aqui, eu paro em um lugar, falo com um, com outro”. Porém, todas as manhãs, ela conversa especialmente com São Benedito. Faz uma oração que aprendeu com a vó e com a mãe. Serve o café para ele e reza:

“São Benedito, pela graça de Deus, tudo vai bem nesta casa, tenho saúde, amor, carinho, paz, tranquilidade e muita proteção.”

Fernanda observa:

“E por incrível que pareça, você pode ficar até sem dinheiro, hoje em dia o dinheiro falta para todo mundo, mas não falta comida na mesa. Isso aí é o que conta.”

Dona Milotinha era muito devota de São Benedito, foi festeira algumas vezes. Mas a família é conhecida de fato por sua ligação com São João.

Os Mellos contam que a imagem de São João foi encontrada no mar, em ocasião em que os funcionários da fazenda pescavam. A imagem robusta, dentro de um oratório, junto com a escultura de águia se emaranhou à rede. Esse episódio perdido no tempo inaugura os festejos dedicados ao santo Batista na família.

Fernanda relata que “no dia da ladainha de São João na Fazenda, a cidade inteira ia para lá, seis horas da tarde, as ruas estavam um deserto.” Todos atravessavam para a Boa Vista. Compareciam amigos das mais diversas localidades, a cavalo ou a pé, embora a grande maioria chegasse por barco e canoa.

“Era assim, as pessoas chegavam, a vovó recebia a todos, não servia nada antes de fazer a ladainha. Os capelões chegavam, rezava-se a ladainha, aí então que começava a servir. Era doce, essas coisas de roça mesmo, tinha uma ciranda, tinha um pátio imenso, uma ciranda imensa, todos os homens tinham que dançar. Meu avô quando via uma mulher parada, ele tirava para dançar e via o cara parado: - ‘Vem cá, dança aqui com ela’. Não podia haver briga, o primeiro que arrumasse confusão, ele jogava dentro um barco e mandava trazer e jogar aqui no cais.”

As histórias que circulam na memória dos paratienses estão repletas de episódios passados na Boa Vista. A festa se anunciava pelos fogos trazidos por um dos filhos de Seu José, que vinha do Rio de Janeiro, via Itacuruçá, de carona em barco de banana. Quando ele se aproximava da Ilha do Bexiga, já soltava os rojões. Dona Santa iniciava os preparativos três meses antes: “fazia esteira, colcha de retalho, travesseiro de macela para as crianças”. Enquanto os pais se divertiam no xiba, os pequenos eram acomodados no quarto do santo. Dormiam confortáveis nas colchas e travesseiros perfumados. Fernanda explica que “macela é uma planta igual uma erva doce, só que com uma florzinha maior”. A matriarca dos Mellos cortava os galhos e preenchia as almofadas, “dava aquele cheirinho”.

A festividade amanhecia o dia, “as seis horas da manhã, tinha um café, que era o encerramento. Nessa hora, o vovô dava o sinal, parava a dança, servia café de caldo de cana com rosca e os bolos que a vovó fazia e cada um ia para sua casa.”

A Boa Vista cultivava a cana e a transformava na famosa cachaça Coqueiro. Desde o período colonial, Paraty é proeminente pela produção de aguardente. Hoje, os alambiques da cidade comercializam garrafas no mercado brasileiro e estrangeiro certificadas com a denominação de origem, atestando a tradição e qualidade da bebida. Algum tempo após a morte do patriarca José e da matriarca Santa, a fazenda foi vendida. O filho Antônio que lá residia se transfere para a cidade e traz consigo a imagem de São João.

Antônio Mello rareia as ladainhas. Ele aderira a igreja messiânica. Até que um dia a irmã Milotinha é hospitalizada por longos meses por conta de sérias fraturas na coluna. Quando ela retorna para casa, à noite, Antônio adentra sua sala com o santo nos braços: – “A partir de hoje você fica com o São João.” Nesse momento, Dona Milotinha passa a promover o São João em sua casa, a mesma onde Fernanda reside hoje. “Mamãe começou a fazer aqui, mandava tirar os móveis. O povo dançava ciranda na sala, ficava na rua, mas era muita gente, não tinha condição. Eu tinha pizzaria aqui na frente, onde é a galeria, eu fiz uns dois anos ali, mas aí já não comportava e assim foi indo.” Durante alguns anos a ladainha foi realizada na casa do Tainha, irmão de Fernanda. O quintal era grande.

Em 1995, Dona Milotinha falece. “A minha mãe dizia que o São João não era dela, era de todos, aquele que tivesse vontade de fazer a festa, podia pegar o santo e fazer. Aí o Eduardo que é dono da Coqueiro e filho do Tio Antônio falou: ‘Eu tenho vontade de fazer uma capelinha e colocar o São João lá’”.

E assim foi feito. Eduardo, filho de Antônio Mello, reestabelece a produção da Coqueiro na Fazenda Cabral anos após a saída da Boa Vista. Construiu uma capela especialmente para abrigar a imagem. No dia 24 de junho, o engenho se enfeita para celebrar a tradição familiar. Bandeirinhas, fitas coloridas e enfeites semelhantes ao tanabata são pendurados no ar. Estandartes e mastro estão devidamente posicionados ao lado da capela, de cor branca. A fogueira é acesa. Um elevado, onde cotidianamente se empilha canas-de-açúcar, torna-se palco para os músicos



da ciranda. Quase sempre o grupo “Os Caiçaras” é chamado, eles são remunerados para tocar. A preparação da comida é dividida entre os tios, sobrinhos, filhos, netos, cada qual se responsabiliza pela feitura de algum bolo, canjica, pinhão, milho, caldos, arroz doce, cachorro quente. O alimento não é disposto em uma mesa, ele é distribuído em balcões. Forma-se filas para pegar uma bandejinha de bolo ou uma cumbuca de canjica. Há muita variedade e fartura. Os preparativos do evento são divididos em mutirão pela família. Mas a cada ano é eleito, por sorteio entre os Mellos, um organizador, um festeiro. Foi a forma encontrada do ritual ser partilhado por igual por todos, sem precisar migrar a imagem todos os anos. O santo mora na capela da Fazenda Cabral e todos se reúnem nesse espaço. A cada ciclo anual, um núcleo familiar assume a liderança e recebe as bênçãos.

A chegada da família do festeiro dá início a ladainha. Eles vêm em carreata do centro da cidade em direção ao bairro do Cabral. Os fogos estouram enquanto eles se dirigem à capela, com estandartes, bandeiras e uma imagem de gesso em tamanho menor de São João. As peças são simbolicamente entregues ao Eduardinho, o anfitrião, que as acomoda na pequena igreja.



Chegada da família do festeiro



A capela toda branca, construída especialmente para São João, levemente alteada, domina o ambiente que se estende como um largo, feito igreja de cidade antiga. Essa construção singela e especial é parte do cotidiano do engenho, sua presença consagra a rotina de trabalho. Em seu interior, ao centro, destaca-se a antiga e notável imagem de São João, vindo do mar, representado em idade adulta, tendo à mão o cordeiro. Nas paredes, aparecem quadros em foto-pinturas de familiares. Um deles é Seu José e Dona Santa. Pendendo do teto, paira o Divino Espírito Santo. Na parte externa, nas laterais da porta, em flâmulas e estandartes vem a conhecida ilustração de São João, comum ao imaginário das festas populares. Ao pesquisar imagens do santo batista na história da iconografia cristã, encontra-se a figura do profeta maduro, no tempo em que batizou Jesus nas águas do Rio Jordão. Nas festividades do povo, porém, o que se vê é São João menino, trazendo consigo o cordeiro, em referência ao “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. A representação de São João criança se justifica pelo fato de esse folguedo popular celebrar o seu nascimento, diferentemente do que ocorre com a maioria dos santos, cuja celebração demarca a data do martírio e morte. A data de sua festa se liga também aos antigos ritos pagãos do solstício e colheita. No São João dos Mellos, família ligada a terra e a produção, se renova e repete o ritual de graças e fartura - a reza popular, a abundância do alimento, a roda de dança, a alegria expressa no colorido das bandeirinhas, a força da natureza representada no elemento essencial do fogo das fogueiras.

Nessa atmosfera de tradição, tem início a ladainha e os festejos de São João dos Mellos. Na reza, o capelão é o Gérson. O rito usual de versos em latim, Ave Maria da roça e credos é entoado. A família canta dois hinos a São João. O mais antigo era o apreciado pelo seu José. Nesse momento, a emoção transborda entre os netos que choram. A segunda canção foi incorporada mais recentemente. A amiga Regina Antônia a ouviu em suas andanças e mostrou aos Mellos, que a incorporaram ao folheto.

A celebração repetida religiosamente todo 24 de junho renova a fé e a ligação dos membros da família com São João. Quando os filhos de Santa e José foram para a guerra, a matriarca prometeu que se eles voltassem vivos



e salvos, faria uma procissão a pé da Boa Vista até a Igreja na cidade. Pois quando o último deles retorna, de forma improvável após um ano de terminado o conflito na Itália, ela convoca o clã para o cumprimento da promessa. Arrumaram o Batista no andor e seguiram a caminhada. Esse episódio é conhecido no repertório local. Todo núcleo dos Melos traz no nome um João, uma Maria Emília e um Eduardo. É aos pés do santo familiar que se recorre nos momentos de precisão. A cunhada de Fernanda contraiu uma hepatite durante a gestação. O pai do bebê se dirigia diariamente a imagem em oração, às vezes duas ou

três vezes no mesmo dia. “O Caio nasceu foi a maior surpresa, ninguém tem o olho verde na nossa casa. Quando a mamãe bateu o olho nele disse: - ‘Olha o olho, igualzinho do São João’. Então a gente diz que ele é o milagre de São João e ele adora São João, todos nós, eu tenho o meu São João pequeninho, todos nós temos e a nossa história com São João é essa, é de muita fé. São João é tudo para nós.”

O número de convidados é incontável. É, sem dúvida, a maior ladainha de Paraty, algo em torno de quinhentas pessoas. Mellos de Paraty e aqueles que se mudaram para outras cidades se reúnem nessa ocasião. Vizinhos do bairro do Cabral, amigos das mais variadas localidades festejam o santo popular. A roda de ciranda é ampla, animada pelos dançantes de chapéu e roupas quadriculadas. Todo ano, há a presença de um senhor anônimo, que dança consigo mesmo, ininterruptamente, povoa o salão com seus movimentos e ritmos solitários. No



São João dos Mellos, há quentão de Coqueiro, claro. De vez em quando, avista-se Eduardinho levando um amigo para os salões de destilação, para uma dose de algum lote especial, talvez. Eu nunca vi o fim da festa de São João na Fazenda Cabral. Ela perdura pela noite por horas que nunca alcancei. Quando vou embora, ela se mantém animada. “Faz doze anos que o São João está no engenho e assim nós continuamos a nossa tradição”, diz Fernanda. “O Eduardo fala: - ‘Depois que trouxe o São João para cá, tudo ficou melhor na minha vida’. É a fé da gente em acreditar e ele está muito feliz com o São João lá, graças a Deus.”

A ladainha de São João dos Mellos faz lembrar a celebração em outra fazenda, o de Bom Jesus na antiga Fazenda do Fundão, da família Corrêa. As festas nesses lugares são de outra dimensão. Não é o momento privado na escola da Theia ou o aconchego da casa do Gerson. Há a grandiosidade das fazendas, uma mistura visível de classes sociais que não se percebe em outros eventos.

A festa de São João dos Mellos atualiza a cada ano uma comunhão da família que se estende aos convidados como um gesto de generosidade e enlace social, principalmente se reconhecemos o protagonismo que essa mesma família exerce no âmbito da economia local. Mais do que uma estratégia de interação, o alcance do festejo denota a expressão de uma *communitas* em que as distinções sociais se arrefecem no transcurso da celebração que demarca um espaço-tempo sagrado. Ao mesmo tempo, a rede dos devotos que vimos assinalando está ali também toda presente, misturada ao povo e não se distinguindo nesse transbordamento da festa em que a morada e o engenho se transmutam em cosmos.

Maria da Baiaia e Maricélia Pádua: herdeiras de Santana



Dona Maria Teixeira é filha de Maria Baiaia. É, com frequência, chamada de Maria da Baiaia. A mãe “tinha uma voz lindíssima, cantava na Igreja, nas missas, nas ladainhas”. Acompanhava padre Hélio pelas comunidades a cavalo ou de canoa. Maria filha e os irmãos pequenos iam junto. “Mamãe era capelã, rezava em latim sem mesmo saber o que falava.” Presidia a ladainha na Fazenda Boa Vista dos Mellos, puxava a reza na Capela da Generosa.

“Ela era uma pessoa bem popular na cidade. A gente sempre foi muito pobre, nós éramos quatro filhos, filha de mãe sem pai, digamos assim e foi ela que criou a gente com muito sacrifício. Trabalhava lavando roupa para fora na beira do rio, passando, fazendo serviços gerais na casa das pessoas. Ganhava bolsa de mantimento. Ela ia comprar peixe para uma senhora aqui, dona Pequenina Calixto, que só gostava que minha mãe limpasse o peixe para ela. Minha casa lá no centro histórico era uma casa aberta para todo mundo, quantas crianças vinham da roça para nascer lá em casa, ela era comadre de meio mundo, ajudava as parteiras nos partos, quando tinha alguém para morrer, doente em casa, que antigamente não tinha muito essas coisas de hospitais, chamavam ela para ir para lá para ficar com as pessoas. Minha mãe foi uma missionária, acolhia muito as pessoas.”

A narrativa de Maria está permeada das lembranças e do afeto a mãe. O nome pelo qual ela, filha, também se tornou conhecida, o sonoro e onomatopeico ‘Baiaia’, parecendo remontar a balbúcio de criança – ba-ia-ia – era, em verdade, Zenária, que o povo na sua apropriação linguajeira assim transformou. Essa reinvenção do nome só demonstra o quanto a oralidade se mostra ainda mais presente nas relações dessas comunidades. Maria da Baiaia, no conjunto dos devotos, distingue-se como verdadeira personagem: olhar vivo, expressão

firme, fala pausada e sem pressa, calcando seu conhecimento pela força da experiência, conferindo a quem a escuta a plena convicção que está diante de uma mestra.

Maria Baiaia, a mãe, faleceu em 1976. Maria, a filha, tem dois filhos – Isabel e Paulo. Os netos se chamam Gabriel, Ana e Joaquim. Maria, como todos sabem, é o nome da mãe de Jesus. Isabel é prima de Maria, cujo filho é o profeta João Batista. Ana é avó de Jesus e Joaquim, avô. Ou seja, a Sagrada Família nomeia a família Baiaia. Sem contar Gabriel, que foi o anjo da anunciação e Paulo, apóstolo importante na consolidação do cristianismo.

Maria, hoje, com 76 anos, é devota de Santana como a genitora. Realiza o culto no lar desde 1987. Senhora Santana (Santa Ana) é mãe de Maria.

Sua casa se situa ao fundo de uma rua sem saída, na Chácara da Saudade. No dia da ladainha, o portão e a porta da sala ficam abertos. As senhoras amigas da anfitriã aguardam o início da reza, ao sofá, passando o tempo com conversas e lembranças. Aos poucos, a casa se enche. Gerson é o capelão. Ele se posiciona ao lado de Baiaia, que por sua vez, traz a neta Ana bem próxima. As boas vindas, os pedidos e agradecimentos são feitos pela dona da casa. Gerson é a voz que puxa o canto. Ana faz a prece final. Baiaia filha também foi capelã. Agora, o Gerson continua a tradição.

Durante a reza, todos permanecem de pé na sala, na varanda, nos corredores. O canto ecoa pela morada. Trinta pessoas aproximadamente celebram Santana neste dia. São feitos muitos pedidos pela saúde de amigos.



Baiaia e sua neta Ana

Na voz do capelão, vem a oração a santa destacando sua eficácia e seus poderes:

“Senhora Sant’Ana, vós que fostes escolhida para trazer ao mundo a rainha dos anjos, Maria Santíssima, concedei-nos a graça de ter paz em nossos lares. Afastai deles as necessidades, as tristezas, os mal entendidos, a desunião. Protegei todos que habitam sob o nosso teto, fazendo-os prosperarem no seu trabalho, livrai-os das tentações do mundo, fazei com que trilhem sempre o caminho da honestidade e do cumprimento do dever. Isso vos rogamos pela intercessão de vossa filha, Nossa Senhora, junto a Jesus Cristo, nosso senhor”.

Dona Maria da Baiaia conta que nos primeiros anos em que promoveu a ladainha não conhecia o hino tradicional a Santana. “Lá no Cabral, a padroeira é Santana, mas antes de ter a Igreja, a comunidade, a gente diz assim, era rezada nas casas, eu não assisti, mas a Dona Maria Teodora, que era moradora de lá, que era uma senhora antiga, que quando eu quis refazer a ladainha de Santana, eu não tinha os versos, aí ela pegou fez para mim, eu até gravei numa fita que eu não sei onde foi parar, ela cantando para mim, me ensinando a ladainha que são esses versos que a gente canta. Inclusive, as primeiras ladainhas que eu fiz em 1987, 88, 89, 90, até 90 eu não cantava os versos de Santana porque eu não conhecia. A gente fazia uma oração, cantava os versos de Nossa Senhora, coisas assim. Quando foi em 91, ela gravou para mim. [cantando] ‘Ó Viva Santana, Viva São Joaquim’, foi ela quem passou para mim”.

Não só no dia de seu louvor, Santana é chamada. Dona Maria roga sua intercessão em todas as ocasiões da vida.

“Ah já tive graças alcançadas através de Santana. Deus o nosso deus é o todo poderoso, mas ela intercedeu. Inclusive, essa menina [sua neta Ana] teve um problema muito sério de visão, uma coisa horrível, ia perder a vista, a Ana, problema seríssimo, a gente pediu muito para Santana, eu sei que ela atendeu o nosso pedido. E outras e outras, sempre me agarro muito com ela. A gente pega um santo de devoção. Apesar de eu ter o meu São José, que é o meu patrono, meu padroeiro, que eu nasci no dia de São José, 19 de março, mas eu tenho um amor muito grande por Santana. É a sogra de José, né, ele casou com Maria, sua filha, então está tudo em família”.

Ao som do hino final, o filho e nora da anfitriã já acendem o fogão para aquecer o café. Após a louvação, é tempo da partilha à mesa. Bolos, canjicas, caldos são servidos, conforme o costume. Especial menção deve ser feita ao manuê de bacia preparado pelo irmão do Júlio Cesar. Esse bolo de melado é comum em Paraty, mas nem todos tem a habilidade de conseguir o ponto certo. Como se usa o melado da cana, o exagero do ingrediente deixa a massa demasiadamente doce. Diferentemente de outros bolos e broas, a singularidade do manuê se reveste de um sentido de tradicionalidade, que é experimentada como uma forma de liturgia. Não é incomum que ao final da celebração, se queira levar alguns pedaços para ofertá-lo à mãe, à avó ou à tia que ficou em casa, fazendo despertar, como a madeleine de Proust, a memória de outras vivências e gerações.



Manuê de bacia

Maria contou sobre algumas ladainhas extintas na roça e seus rezadores. Mas, em sua casa, a turma que se congregava era de mulheres – Vera, Milotinha, Benedita Torres. Elas puxavam o canto. Elas também ajudavam no preparo dos quitutes da mesa de bolos sempre oferecida aos convidados. As três amigas se foram. Maria segue firme. Vejo-a circulando pelas ladainhas, estava no Gerson e na Lucília e no Reis na casa de Alza Gama. Seus filhos moram em outras

idades do Estado de São Paulo. No evento anual à Santana, comparecem, salvo exceções. São eles que a auxiliam na organização. Sua filha não pode vir esse ano. Mas “seu pensamento está aqui”, afirma. Seus filhos a acompanham em “seu carinho e devoção”. “Não sei como será depois que eu partir, se vão continuar. A minha nora já falou para o meu filho, ‘vocês têm que assumir isso aí da sua mãe’. Aí, eu não sei o que vai ser.”



A ladainha a Santana na casa de Maria da Baiaia acontece a cada 26 de julho. E foi numa dessas noites que Maricélia Pádua, também conhecida como Theia, a vinte e cinco anos atrás, teve a inspiração para realizar seu próprio culto à Santa Ana. Desde então, todos os anos no dia 27 de julho, a ladainha é feita.

No dia seguinte, então, os rostos que estavam na Chácara da Saudade se repetiam na celebração da Theia. Dona Maria não falta a ladainha da Theia e vice-versa. Os devotos entoam as mesmas rezas e os mesmos cantos do dia anterior. Mas a energia é sempre nova e renovada.

A imagem de Santana que está disposta no altar da Theia é uma verdadeira relíquia que ela mesma não consegue ao certo estimar a sua datação. “Ela veio de Portugal, se não tiver uns quinhentos anos, tem quase isso”. Nas iconografias usuais, a avó de Jesus é representada como uma senhora de idade avançada, coberta de túnica e manto na cabeça, com Maria ao lado. Em outras imagens, figura também ao lado de São Joaquim, seu esposo, compondo os dois a cena arquetípica de avós de Jesus e todos os cristãos. Nessa escultura talhada em madeira, ela parece mais jovem, traça um vestido e destaca-se com um resplendor, retomando uma cena clássica das narrativas religiosas, na qual ela ensina a filha e menina Maria o teor das escrituras. Foi essa peça o ponto de partida para a história da Theia com Santa Ana. A imagem estava sob a guarda de sua avó Marília. Desde criança, Theia admirava aquele ícone. Embora os muitos santos arrumados no quarto, aquele lhe chamava a atenção em particular. Pediu a avó que lhe legasse a santa.



“Eu falava para ela: ‘Vó, quando você morrer, você me dá essa santa?’ Minha vó falou que tinham várias imagens, mas que eu falava dessa santa. Eu fui crescendo e minha vó dizia: ‘essa santa é sua, porque você sempre falou’. O porquê eu não sei. Um dia, ela já estava lá com os seus setenta e pouco aninhos, ela falou ‘minha filha, leva essa santa para você’, ‘vó, desculpa eu ficar falando, de repente, quem morre na sua frente sou eu’, ela ‘não, imagina, você vai levar essa santa, porque eu posso morrer a qualquer hora e essa santa tem que ser sua’.

No mesmo ano em que recebeu a imagem, Theia acompanhou a mãe à ladainha da Maria da Baía. Sentiu que também deveria promover o culto devocional em sua casa. No segundo ano de realização, pediu ao amigo Edinho que fizesse um arranjo floral para oferecer no altar. Foi então que a sua trajetória com Santa Ana, que seguia um fluxo intuitivo, começa a ganhar significado.

“No dia, ele [Edinho] começou a fazer ikebana e falou assim para mim ‘Theia, você sabe quem é Santana?’, eu falei ‘não tenho ideia, Edinho, eu faço porque eu achei bonito e eu quis fazer essas ladainhas, eu comecei faz uns dois anos mais ou menos’. Ele falou ‘Theia, você está vendo que ela tem um livro nas mãos ensinando Maria? Ela é protetora dos educadores’. Nossa, eu falei ‘Meu Deus, nunca pensei nisso, não sabia disso’. Então, olha como eu desde pequenininha já tinha uma missão, porque para mim eu falo que é missão trabalhar com educação, eu sou apaixonada pela educação hoje e Santana veio nas minhas mãos”.

Desde os 17 anos, Theia dirige uma escola de Ensino Fundamental. Iniciou com duas salas e hoje conta com mais de trezentos alunos.

Junto a Santana, no altar da ladainha, está a fotografia do bisavô de Theia, Jango Pádua. Ele foi cidadão paratiense ilustre, eleito prefeito em duas ocasiões, empreendeu feitos importantes na cidade como a construção do Colégio Cembra, da ponte do Pontal e do cemitério. A bisneta o descreve como um espírito bondoso, auxiliando os vizinhos e comunitários menos favorecidos com alimentação e remédios. Theia, que não o conheceu em vida, passou por episódios extraordinários envolvendo sua figura. Enxergou-o em sua escola, com vestes brancas, em meio a aromas de alfazema, abençoando o ambiente. Experienciou uma visão, no qual ele aparecia segurando uma coroa.

“Vô, o que você quer dizer para mim?”, ele veio para frente e era uma coroa, mas aí eu perguntei: ‘mas por que essa coroa?’, aí veio na minha mente ‘é a coroa de Santana que está com você’. Era da minha família, essa santa veio de Portugal, ela foi entalhada na madeira com pó de ouro, ela veio de Portugal para a família dele. E ela não tinha o resplendor, nem a Maria. Mas eu falei assim ‘mas porque a coroa?’, ‘ela não tem força, sem a coroa, ela não pode te ajudar’. Aí, eu comprei uma coroa.”

Theia, então, ao colocar o resplendor em Santana e a coroa em Maria, se deu conta que ambas tinham um orifício no alto da cabeça. As peças, possivelmente, foram perdidas. Ela averiguou que a imagem foi do bisavô Jango, que legou a sua filha Marília (avó de Theia), que finalmente transmitiu à sua guarda.

“Então, é isso, a minha história é essa. Eu tenho o maior respeito por ela, eu sei que é ela que comanda aqui dentro, sabe. Cuida das crianças, ela que protege, ela que dá as intuições. E todo ano, faça chuva, faça sol, eu faço a ladainha dela. Eu abro mão de qualquer coisa, deixo de viajar nas férias, para fazer a ladainha. É por isso que eu faço na escola porque depois que eu soube que ela é protetora dos educadores, nunca mais ela saiu daqui, é sempre na escola e a foto do meu avô sempre do lado durante a ladainha porque ela era dele, eu não sabia. É uma herança de família, que eu saiba, eles não tinham a cultura de fazer as ladainhas para ela. Então, ela veio para mim e eu comecei a fazer as orações”.

Por dois anos, a ladainha acontecia na casa de Theia. A partir de então, a celebração se dá em seu educandário. Na noite da ladainha, a foto do Jango e a imagem de Santana se destacam no pátio da escola, em um altar com toalhas brancas, arranjos florais e velas. Mas ao longo do ano, as duas figuras centrais repousam sobre dois altares no escritório da escola da Theia. São Cosme e Damião e uma estátua de Buda também compõem esses espaços sagrados. Theia é católica e também dedicada a um culto japonês – a seicho-no-iê.

“Eu vejo isso como proteção, como se eles me orientassem, me protegessem, me iluminam. Eu falo para Deus assim: ‘essa escola não é minha, essa escola é do Senhor, eu sou o seu instrumento, então, por favor, me dê as intuições como que eu devo agir, como que a gente deve cuidar dessas crianças, porque são mais de trezentas almas aqui dentro’. Eu sempre falo, é um trabalho muito bonito, não é só educar, aqui é muito amor, sabe. A gente emana muito amor para as pessoas.

Theia é educadora, pedagoga, professora. Uma mulher que transmite força e fortaleza. Não hesita em momento algum em significar a vida pela narrativa do sagrado. Sua profissão é uma missão. As comunicações divinas se processam cotidianamente por meio de sua sensibilidade lapidada por uma vida de orações e conexões com a espiritualidade. A santa protetora lhe guia o trabalho. Os desafios enfrentados constituem para ela provas a sua fé e formas de ensinamento.

No ano de 2020, será festeira da Festa do Divino Espírito Santo, que livrou sua filha de uma doença na adolescência. O mesmo Divino Espírito abençoou o ventre dessa mesma filha anos depois para a concepção do primeiro neto. O pequeno Heitor traz consigo o gérmen da devoção. Carrega, durante as festas, uma pequena bandeira vermelha, confeccionada especialmente para ele, vibra com a Folia e exclama entusiasmado a cada vez que identifica alguma iconografia ou objeto devocional da festa: “ivino”, “ivino”. É o divino. Diante de tanta empolgação, os amigos já preveem: “Esse menino será festeiro um dia.”

Theia é uma mulher que muito me impressionou. Impossível sair ilesa após sua narrativa, dentro daquela escola tão caprichosamente e carinhosamente cuidada. É uma vida de amor e devotamento. É uma existência preenchida de sentido. No

momento de nossa conversa, ela passava por sérios problemas de saúde. Ela não esmorece. O sagrado Ihe significa a vida e as experiências. Ela confia. Ela tem fé.

“A gente tem uma devoção muito grande e a gente acredita muito nessa força. Acho que todo ser humano deveria ter a sua fé inabalada, porque triste daquele que não acredita em Deus, porque sofre muito. Eu vejo muitas pessoas ‘ah não, não acredito em Deus, a gente veio aqui e daqui a pouco a gente morre e acabou’. E não é assim, né. Eu não acredito nisso”.

Maria da Baiaia e Maricélia Pádua realizam duas ladainhas em consagração a mesma santa. São duas mulheres com histórias diferentes e origens sociais distintas que se visitam mutuamente. Baiaia é filha de uma lavadeira humilde que criou os filhos sozinha. Acompanhava a mãe nas rezas, incorporou e compreendeu o sentido da devoção a partir da vivência. Theia é bisneta do prefeito, que nomeia ruas da cidade e dirige uma escola de sua propriedade. Ela vem de uma família espírita e se dedica a doutrinas de base budista. Será festeira do Divino. Maria e Theia compartilham a mesma devoção. Qual o sentido que Santana assume para cada uma delas? Ambas são herdeiras de uma linha de ancestralidade que se imprime nas histórias familiares. Baiaia segue os passos da mãe missionária, que percorria pontos distantes para exercer seu ofício de capelã, e assim, no aprendizado direto da experiência, ela também se constituiu como devota. Foi nesse espaço que o arquétipo da sagrada família ganhou corpo e cor própria pela via de mulheres incansáveis e batalhadoras, que tomam a vida nos braços e vivem a religiosidade com essa energia de mulher negra, com o timbre afinado da voz, escavando a lembrança de cantos e versos quase perdidos. Theia segue outros caminhos, a devoção também Ihe chegou pela família, mas investiu-se de outro alcance a partir de sua própria vivência. A devoção à Santana tornou-se fruto de uma descoberta em si mesma que a reconecta à linhagem ibérica dos antepassados, e tudo eclodindo pela força de uma imagem que a inquietou desde sempre. Os ecos de Santana e da sagrada família, em sua circularidade contínua alimenta cada um desses solos e suas linhas de tradição, reconectando o devoto a seus antepassados e projetando-os na linha de filhos e netos que os seguirão.

Lucília Cananéia: Ladainha a Bom Jesus, milagre de São Benedito



Lucília Cananeia é paratiense, nascida no Jabaquara e criada no Pontal. Hoje, aos 72 anos, reside ao lado da Santa Cruz das Almas, uma espécie de altar aberto à beira da rua, alinhado às construções do quarteirão, onde fiéis, de passagem, acendem velas e rogam pedidos. Sua casa integra um conjunto de moradias em um vasto quintal, habitado por ela, o marido Jorge, os filhos e suas respectivas famílias. Nesse pátio interno, Dona Carminha, sogra de Lucília, realizava a ladainha de São João.

“Eu continuei a festa, eu chamava violeiro, tocava ciranda, dançava ciranda aqui. Não tinha grama, fazia fogueira, meus filhos soltavam balão daqui para fora correndo, aquela farra.”

Seu Jorge não quis seguir com a tradição após a morte da mãe.

Lucília, porém, não deixou de consagrar sua morada. Desde 2008, promove a ladainha ao Bom Jesus de Iguape. Antes dela, a data era festejada por Manoel de Jesus Torres, desde 1906. O ilustre capelão celebrava o Bom Jesus e o seu aniversário. A reza perdurou até 1983. Após a sua morte, sua filha Benedita Torres retomou o culto em 1985 e o realizou até 2004, quando também falece. Lucília, homenageia sua amiga continuando a tradição.



No dia 6 de agosto, seja domingo ou segunda-feira, Lucília realiza a reza: “no dia 6 que cair, é no dia 6 que se faz”. Monta o altar na varanda dos fundos e posiciona bancos ao longo das paredes. Muitas pessoas comparecem sobretudo suas velhas amigas, companheiras de geração – Dona Maria da Baiaia, Gracinha, Filinha, Ditinha, Leda, Magnólia, Nilda, Teresinha. Havia muita cumplicidade no ambiente. Gerson, Edriane, Marcel, Élcio, devotos de outras ladainhas também estavam presentes. Marcel foi o capelão. Embora houvesse o folheto escrito, Élcio foi o apontador da fala do povo. Às 19h30, teve início a celebração ao Bom Jesus.

A referência ao Bom Jesus se faz marcar muito pelo flagelo e pelo sofrimento, o Jesus na cruz ou representado nos momentos que antecedem o martírio, Jesus contido, amarrado e resignado como aquele que vemos à mesa de Lucília. A devoção chega no período colonial trazida em muito pela gente simples de Portugal que inundou a colônia de crenças e também de aspirações religiosas e messiânicas. O culto que em Paraty faz menção ao Bom Jesus de Iguape (SP) encarna uma das manifestações religiosas populares de maior expressão no país, como o do Santuário de Bom Jesus da Lapa (BA), incrustado em rochas e grutas.

Quarenta minutos se passaram de orações cantadas e hinos de louvor, ininterruptos, um terço desse tempo de versos em latim, a mesma reza puxada por Dita Torres e, antes dela, por Manoel Torres e por outros antes dele. Dona Lucília era muito amiga de Dona Dita, mulher engraçada, que apreciava histórias e piadas, ela anotava em um caderno tudo que vivia e via na cidade. Sua intenção era imprimir esses escritos em uma gráfica. Mas faleceu antes disso e os papéis foram perdidos. Dona Lucília diz que quando reza o latim, a imagem de Dita lhe chega límpida à memória. Dona Dita não pediu a Dona Lucília que continuasse seu culto a Bom Jesus. Mas Dona Lucília sentiu que deveria continuar. A velha amiga não teve filhos.

A ladainha termina com um estrondoso viva ao Bom Jesus. À mesa posta ao lado do altar, são trazidos caldo verde e canjiquinha de galinha quentes, acompanhados por pães caseiros. Esse é o momento das conversas e confraternizações. Mais tarde, descobriu-se uma cocada cremosa na cozinha, trazida pelo Gerson. O doce saboroso, como poucos, completou a noite leve de agosto.

Dona Lucília está satisfeita, mais um ano cumpriu com seu ritual devoto. Seu Jorge e seus filhos a apoiam, estes sobretudo prestam os auxílios na oferta do alimento aos convidados. Por volta das nove e meia da noite quase todos já se dispersaram.

A habitação de Dona Lucília é morada aberta. Quando fui visitá-la, dias depois, para uma conversa, o portão estava destrancado e ela sovava pães na mesma varanda, que se louva ao Bom Jesus. Todas as terças e sextas, ela e o filho André preparam pães para vender para os conhecidos – doces, de ervas, recheados com queijos e linguiças. A todo momento, chegavam pessoas para buscar suas encomendas, trocavam alguns minutos de prosa, perguntavam da reza da noite. Foi nesse ambiente movimentado, aquecido pela temperatura do forno e aromatizado pelo cheiro das massas que ela me contou sobre sua vida no coral da Igreja, suas andanças em serestas pelas ruas da cidade e em Folias de Reis pelas roças. E branca, muito branca, os óculos pesados, traduz em muito o sentido do próprio nome – Lucília, “pertencente ao brilhante, da natureza do iluminado” – e com a fala rápida, disparando, vai tecendo histórias saltando pelas palavras, mas de tempo em tempo, parando, como a esperar que aquele que a escuta possa prosseguir nesse caminhar. Guardiã de hinos, emenda um trecho em outro, enquanto cantarola com a energia de sua voz doce e segura.

De São Roque, ela diz:

“São Roque Bendito
De Deus sois querido
Livrai-me da fome
Se Deus for servido”

E de São João:

“Bendito e louvado seja
É João por aqui está
Só vós tivesse a dita
De Jesus a batizar”

Lucília que se consagra a ladainha do Bom Jesus, partilhando a devoção a outros santos é, em verdade, devota primeira de São Benedito, santo preto, que lhe salvou a vida e depois a socorreu em muitas ocasiões. Às vezes, fala como se cochichasse alto, chamando para perto e a voz logo se alteia, parecendo uma cabocla, preta velha na pele alva numa eclosão de sabedoria e da graça concedida por São Benedito. Inclusive, o próprio São Benedito é seu ajudante na preparação dos quitutes e no trabalho doméstico.

“Eu tenho um ajudante.

- Tem Lucília?

Tenho, o ajudante meu é São Benedito.

Eles dão risada. Eu faço tudo, menina. Eu trabalho sozinha em casa mesmo, roupa, louça, casa, comida.”

Sentamo-nos a uma mesa no quintal, com café e pães, e conversamos como se nos conhecemos de longa data. Dona Lucília promove a ladainha ao Senhor Bom Jesus, realizou no passado festejos a São João, mas São Benedito é seu santo de devoção desde criança, legado de sua avó e sua mãe.

“Aqui em casa nós somos devotos mesmo de São Benedito, a família toda é São Benedito, a gente tem uma fé, demais, demais, demais. Minha mãe levou quarenta anos limpando a Igreja de São Benedito. Ela era forte, morreu com oitenta e nove anos, faz poucos tempos, tem uns dois anos. Aí, ela ia, levava as colegas dela para limpar, passava cera naquela igreja todinha, na base do escovão, a gente entrava na Igreja e sentia aquele perfume de limpeza. E as toalhas naquele tempo não tinha máquina de lavar, lava tudo em casa, tudo a mão”.

Ela, inclusive, foi salva pelo santo negro quando criança.

“Mamãe contava que eu nasci forte, bonita e saudável. Quando eu comecei a mamar, vomitava. Me batizaram às pressas, com três dias de nascida, com essa coisa de eu começar a vomitar, dava comida e nada. Mamãe disse que nesse dia deu um temporal de chuva tão grande, tão grande, tão grande. Naquele tempo, não tinha médico, leva nesse, leva naquele, aparece um, aparece outro, aí um dia apareceu um médico, chamava Doutor Derlin, todo mundo em Paraty conheceu ele”.

A família de Dona Lucília nem mais acreditava que ela sobreviveria. Mas o médico indicou medicamentos e porções homeopáticas de leite.

“E nesse meio tempo a minha vó me entregou para São Benedito. Eu não morri, sarei, não tive mais nada, garota. Vivi a minha vida toda boa”.

Há poucos meses, Lucília teve mal estar e vômito. Foi ao médico, fez exames e nada foi diagnosticado. Porém, uma coisa extraordinária se revelou:

O médico falou assim: ‘olha, a senhora, não tem nada, o seu estômago está bom. Mas a senhora foi operada alguma vez?’ ‘Não, que eu saiba não, doutor, nunca fui operada, os meus filhos foram tudo normal’. ‘É porque a senhora tem uma cicatriz’. Quando ele falou assim, parecia que eu saí um palmo da cadeira. ‘Tem uma cicatriz entre o seu estômago e a uma pecinha que se chama piloro’, que eu não sabia, hoje eu sei, que passa a comida, do estômago que vai para o intestino, ali teve um corte, aquilo ali se opera para poder dar passagem para a comida. Naquele tempo, em Paraty nem sabia o que era operação, eu já estou com setenta e dois anos, imagina. Eu falei ‘não, doutor, tem certeza que o senhor viu isso?’

Foi o milagre de São Benedito, fora ele que com mãos invisíveis operara seus órgãos na primeira infância.

“A vovó contava para mim, já era adulta, a vovó falava ‘nós somos devotos de São Benedito por causa disso e disso. E aí, foi passando, o que tem de Benedito na família, você morre de rir. Todo mundo tem uma Benedito na família, meus primos, todo mundo, os mais velhos, tudo”.



Embora se trate do relato de uma experiência extraordinária, Dona Lucília narra o ocorrido com naturalidade e humor. Sua relação com São Benedito é familiar, ele lhe acompanha nas tarefas domésticas. Ela lhe promove festas, lhe prepara doces, lhe oferece cantos, louva seu nome, limpa sua igreja. Há devoção e cumplicidade.

Lucília foi festeira de São Benedito em mais de uma ocasião. Seu amplo jardim e cozinha costumavam ser o ponto focal dos preparativos e da venda de doces da Festa. As mulheres para lá se dirigiam e cozinhavam os bolos, pudins, cocadas, arrumavam as mesas. Quando a missa acabava, o povo encaminhava-se para a casa em cujo portão aberto se pendurava o estandarte do santo. A devota, aliás, ficou espantada com o fato de eu nunca ter ido à festividade.

“Você nunca viu a Congada de São Benedito? Nunca veio aqui? Nunca veio na Festa de São Benedito? Ah você precisa ver, vê rei, rainha. Por quê? Não dá para você vir? Vem agora em novembro.”

Trata-se de uma celebração importante em Paraty, “a Festa do Divino dos Pretos” é como se referem.

Lucília sempre foi afeita a celebrações, ela e as irmãs também foram festeiras de Nossa Senhora dos Remédios. Só não se arriscou a organizar a Festa do Divino, pois o marido Jorge ficou receoso de não dar conta de um evento de tão grandes proporções. Hoje, ela está mais recolhida. Mas sempre envia uma torta de limão para todos os santos que são celebrados nas igrejas da cidade.

A devoção de Lucília nos ajuda a perceber o quanto ela mesmo consagrando-se ao Bom Jesus não deixa de estar ligada e relacionada ao culto de outros santos. No intrincado panteão do catolicismo popular, sua irreverência não deixa de assinalar: “Todos nós somos devotos de Jesus. Ele que me desculpe, mas em casa, nós somos devotos mesmo é de São Benedito”.

Cantora, seresteira, guardiã de versos e padeira. A alegria e a leveza se sobressaem nessa devota de 72 anos.

Rita Luísa Pádua: São Roque curador

São Roque foi o primeiro padroeiro de Paraty, quando esta era uma vila no alto do Morro do Forte. Anos mais tarde, com a expansão do vilarejo para a outra margem do rio Perequê-Açu, a proteção da cidade ficou sob a tutela de Nossa Senhora dos Remédios.

São Roque não foi esquecido. Seu Zuzu e a esposa Dona Zilar, donos da padaria da rua do Comércio, realizaram ladainha para o santo peregrino até o fim da vida. Rita frequentou uma ou duas vezes essas rezas por insistência de sua mãe.



Rita Luísa nasceu em Paraty, mas viveu parte da infância em Petrópolis. Voltou aos 11 anos de idade. É neta do notável Jango Pádua, prefeito da cidade em tempos passados. É prima da Theia, devota de Santana. Reside em casa térrea, aos fundos de uma loja de ração animal, nas imediações da rodoviária da cidade. O comércio pertence ao seu marido. Um dos filhos é veterinário. Três cachorros compõem a família: Cristal, Leão e Estrela.

Rita promove a ladainha a São Roque em sua morada. O culto se repete, pequeno e simples, a cada 16 de agosto. Cerca de quinze pessoas preenchem a sala. Gerson é o capelão. Edriane, Baiaia, Élcio, Lucília estavam presentes. Senhoras acompanham a reza pelo folheto, algumas apenas pelo ouvido. A toada dos versos da ladainha em latim difere das outras celebrações, é em ritmo mais acelerado.

Após a reza, conforme o ritual, é oferecido uma mesa de quitutes. O povo se reúne na cozinha, de pé conversando, experimentam os salgados e bolos. Tudo foi preparado pela Rita e a prima no dia anterior. Quando viva, era sua mãe quem mais lhe auxiliava.

“Minha mãe tinha um prazer enorme de fazer isso. Vinha de lá do Centro Histórico, carregando peso na rua do comércio, idosa, tabuleiro de bolo, tabuleiro de não sei o que. Começava chegar perto da hora, primeira a chegar e sentar era ela, esperando.”

Foi Dona Maria de Lourdes, sua mãe, que há vinte anos introduziu a celebração na casa de Rita. “Um belo dia ela veio com a imagem de São Roque”:

- Ah Rita, minha filha, eu trouxe isso aqui para você.

- Que isso, mãe?

- É São Roque. Você começa a fazer a ladainha, você está com problema de saúde, você vai ver só como ele vai te ajudar, ele que ajuda nos problemas de saúde’.

- Tá bom, vamos fazer.



Rita tem enfermidades crônicas, mas naquele momento acabara de descobrir complicações sérias. Dois dias depois de ter recebido a imagem, é visitada pela amiga Angélica. Ela tivera um sonho e viera ver Rita, desesperada, perguntando por sua saúde. Ficou impressionada por se certificar que a amiga, de fato, passava por doença. Surpreendeu-se mais ainda quando viu o santo. Ele tinha uma perna ferida. No sonho, Angélica também tinha o membro inferior machucado e sua missão era ajudar Rita. Para a devota, esse foi um sinal de confirmação da entrada da proteção de São Roque em sua vida.

“Confesso que nos primeiros anos, eu não entendia muito bem as coisas. Depois eu fui tomando o jeito, fui entendendo direitinho o que era ladainha”.

Rita tem algumas imagens em sua casa que repousam em um móvel em seu quarto. Além de São Roque, há Nossa Senhora Aparecida, Menino Jesus de Praga e São Judas Tadeu. O Judas Tadeu era de sua mãe. Quando Rita era criança, ela fizera uma promessa pela saúde da filha: “de todo ano, em meu aniversário, ter uma missa e uma mesa de doce e ela cumpriu essa missão até morrer”. Dona Maria de Lourdes era muito católica, “fez várias festas do Divino, de São Benedito, de Nossa Senhora dos Remédios”. O Menino Jesus de Praga pertenceu a sua avó, que também foi muito religiosa: “Ela era católica demais, todos os dias seis horas da tarde, ela fazia uma oração Ave Maria, acompanhando pelo rádio, fazia um pedido e ela conseguia tanta graça.” Os santos e a devoção em Rita vêm de família, a partir da linhagem de mulheres – sua avó, sua mãe.

Contam as histórias que São Roque partiu em peregrinação à Roma. No decorrer da viagem, passou por cidades assoladas pela peste e prestou

assistência aos doentes. Aconteceram, então, curas milagrosas. Em determinado momento, acabou contraindo a enfermidade. Ele se afastou da cidade e viveu em uma choupana. Diariamente, um cão lhe visitava, levando um pão para alimentá-lo. Por isso, São Roque é representado com a ferida na perna, resultado da peste, e um cão ao seu lado, segurando um pão. O santo é evocado para cura de doenças e para proteção dos animais.

A narrativa de Rita está repleta de simbolismos que se entrecruzam com o sentido da vida de seu santo de devoção. Seu estado de saúde, sempre requerente de atenção, é delegado aos cuidados de São Roque. A ladainha que promove a cada agosto é a reafirmação dos laços com aquele que lhe guarda o bem-estar. Curiosamente, a devota não gostava de cães. O filho, que anos depois se tornou veterinário, a persuadiu a aceitar um animal em casa. “Ele apareceu com dois. Resumindo, eu tive de aprender a respeitar pelo menos. São as coincidências da vida, como que esses cachorros vieram parar aqui, como é que São Roque veio parar aqui, não sei.” No caso de São Roque foi o animal amigo que assegurou sua vida com a provisão diária de alimento.

A devota de São Roque se recolhe minutos antes da ladainha para uns instantes de introspecção. “Eu sentei aqui, fiz meus pedidos, minha meditação primeiro para depois começar a receber as pessoas. Tem que ter esse momento. O homem não pode viver sem religião. Misericórdia! Nos dias de hoje ...”

Rita fez parte da comissão de trabalho da Festa do Divino de 2019 e já está escalada para os preparativos do ano seguinte.

“Quando chegou o dia, todo mundo de uniforme, todo mundo na porta do festeiro, a entrada na igreja ... eu chorei a missa inteira. Assisti as onze missas, eu acho que chorei em todas. Mas no primeiro dia, aquela entrada, o povo esperando a gente, que luz, que vibração dentro da igreja, gente! Uma moça que tem sensibilidade comentou: ‘você precisava ver a luz do espírito santo curando, cuidando, tratando, muito forte, muito forte’. A festeira do ano que vem é uma prima minha, eu já estou na comissão de novo e eu não estou podendo fazer nada com essa perna, para ir ali é um sufoco, hoje eu fui ao mercado, cheia de dor.”

Rita circula pelas ladainhas, em casa de Baiaia, Lucília, Theia. No culto ao seu São Roque, a rede de devotos lhe retribui a participação. Seu núcleo familiar ainda é reticente.

“Meu filho de Volta Redonda só participou uma vez porque ele sempre está por lá de plantão. Uma vez eu fiz em um sábado, fora da data, para ele assistir. Esse meu filho que voltou chega sempre no final porque não tem paciência. E Osmar [marido] fica cuidando do cachorrinho lá em cima, e só vem quando está acabando. Quem fica sou mais eu, essa é a verdade. Meu neto nem vem, a mãe é evangélica, não criou esse hábito de igreja católica. Mas minha mãe e minhas irmãs sempre foram participativas. Tomara que mais tarde alguém siga. Da minha família, não acredito não. O meu filho é muito ligado a Nossa Senhora Aparecida. O meu outro filho é ligado a São Francisco porque é veterinário. Os netos não sei. Aí já tem mãe e pai para ver.”

Nesse circuito das ladainhas, constata-se diferentes energias e humores. A casa de Rita nos leva a uma experiência mais densa e fechada. Diferente de outros eventos em que a interação dentro-fora é mais fluida, na celebração de São Roque o ambiente se restringe ao interior da morada. Assim como na Santana da Baía e da Theia, o São Roque da Rita não é marcado pelo momento do festejo. O caráter de recolhimento, contudo, não deixa de se acompanhar daquela reciprocidade sem a qual não se mantém a rede de ladainhas, onde cada acontecimento se reveste de uma aura própria e suscita emoções distintas nos devotos participantes.



Alza Gama: São Sebastião e o encerramento do ciclo de Reis

Alza Gama é devota de São Sebastião. A cada 20 de janeiro abre a sua casa para receber a Folia e os amigos. Nesse ano, o encontro foi marcado para o dia 18, sábado, às 20h30. Sua residência é ampla, de portas largas e abertas para a varanda e o quintal, criando uma integração do espaço interno e externo. O bairro é a Chácara da Saudade, quase vizinha a Dona Maria da Baiaia.



Na esquina, a Folia de Reis liderada pelo Gerson aquece os instrumentos. As pessoas chegam pouco a pouco à casa de Alza. De repente, em cortejo, os músicos adentram pelo portão e se posicionam de frente ao presépio, iluminado por luzes de natal, onde também está a imagem de São Sebastião. A profecia é entoada em canto e acordes:

Meu senhor dono da casa
 Dá licença de eu chegar
 É o Reis de São Sebastião
 Que veio lhe visitar

Glorioso Sebastião
 Foi general do exército
 Morreu e virou santo
 Para o mundo em progresso

Meu santo Sebastião
 Todo afrontasse na terra
 Livrai da morte repentina
 Da fome, peste e guerra

Santo Sebastião
 É um santo da lei divina
 Livra da fome, peste e guerra
 E da morte repentina

Deus do céu lá nas alturas
 Vendo tanta ingratidão

Enviou uma mensagem
Ao soldado Sebastião

Para proteger os pobres
E todos que fosse cristão
Combateu o rei tirano
Homem sem religião

A partir desse momento
Sebastião se transformou
Adorava a Deus no céu
Que a missão lhe confiou

Mas o rei sabendo disso
Por vingança condenou
General Sebastião
Que a Deus se dedicou

Quase louco enraivecido
Que falou o rei maldito
Eu sou Deus aqui na terra
Em nada mais eu acredito

General Sebastião
Com os olhos no infinito
Eu só conheço um Deus no mundo
É o pai de Jesus Cristo

Com a resposta que deu
No mourão foi amarrado
O seu corpo quase
Pela flecha foi varado

Hoje é um santo milagroso
Por Deus foi glorificado
E conhecido no mundo inteiro
São Sebastião abençoado

E no mais adeus adeus
Até o ano que vem
O senhor fica com Deus
Que com Deus vamos também.



Alza é professora e diretora de uma escola de ensino privado em Paraty. Foi catequista do Gerson. Ao fim do canto, dá as boas-vindas aos foliões e aos convidados, faz uma preleção sobre o significado da vida de São Sebastião e as correlações com a nossa. Em certo ponto ela diz:

“Hoje, nós só podemos celebrar de portas abertas porque São Sebastião e tantos outros mártires se sacrificaram pela disseminação da fé cristã e o nosso direito de professá-la.”

O santo foi morto pelo Império Romano. Na primeira tentativa, amarraram-no numa árvore e o cravaram de flechas. Sofreu o martírio em silêncio e com um sorriso. Foi recolhido por uma senhora que o cuidou. Recuperou-se e em dia festivo do império, 20 de janeiro, ele se levanta e se posta de frente ao Imperador, que o supunha morto: “O Senhor restituiu-me a vida para que pudesse vir acusá-lo do sofrimento que inflige aos cristãos” (MACCA, 2003, p. 12). Após proferir essas palavras, Sebastião é morto pelos guardas.

Nesse período de perseguição ao cristianismo, os primeiros fiéis se reuniam em casas, de forma secreta, para difundir a palavra de Jesus. Os devotos de Paraty continuam a reunir-se em suas moradas, agora de forma livre, reafirmando os votos de solidariedade.

Gerson, capelão das ladainhas, hoje é o mestre da folia e conduz a sequência de cantos. Repertórios da liturgia usual e versos populares se alternam – “Obrigado Senhor”, “Deus Trino”, “Ave Maria Paratiense”. A última canção é autoral, composta pelo Tininho, que a performou com zelo e apuro.

Alza retoma a fala em agradecimento. As luzes se acendem. O povo concentrado em torno do altar se espalha pelo quintal e se acomoda nas cadeiras dispostas em torno de mesas.

No decorrer do mapeamento das ladainhas, foi-me apontada a de São Sebastião, em casa de Alza Gama. Imaginei, portanto, o formato de reza, banquete e festejo. Ao fim dessa etapa devocional, no entanto, fica visível que se trata de um ritual diverso. Edriane, esposa do Gerson pondera: “Aqui é só Reis.”

Ao pensar na classificação ladainha / não ladainha e sobre a adequação de incluir o rito a São Sebastião nesse escopo de estudos, foi preciso ampliar a perspectiva. As ladainhas de Paraty formam um calendário, organizado por um sistema de devoções, em que cada culto e devoto se inter-relacionam. Esse sistema está contido em um conjunto

maior, um complexo cultural composto de folias, festas de santos, cirandas e dezenas de outras manifestações. A celebração em casa de Alza é um culto doméstico, no qual vários elementos constitutivos das ladainhas estão presentes, não em termos formais, mas em seus significados. Não há a reza bem demarcada, os versos em latim, a voz do capelão. Aqui o elemento festivo se sobressai e as etapas se mesclam de forma mais intensa. A louvação já se inaugura pela folia, pelos acordes de violas e batuques de pandeiros. Mas como nas ladainhas, há devoção ao santo, consagração da vida e renovação dos laços de amizade. Há a mensagem subliminar tantas vezes expressa – o mundo vem se tornando um lugar estranho. Temos o dever de nos reencontrar e manter vivo o valor que queremos legar aos nossos filhos.

A oferta do alimento também difere da tradicional mesa de bolos e caldos. Alza oferece um churrasco, junto com uma mesa de acompanhamentos – arroz, farofa, saladas, molhos. A bebida alcóolica é farta. Cervejas e vinhos podem ser retirados diretamente de um isopor.

Os músicos da folia, após o ritual devocional de frente ao altar, se organizam em roda. Tocam cirandas, caranguejos, sambas, marchinhas do carnaval paratiense. A cada momento, um deles assume o protagonismo na performance. No grupo, estão personagens conhecidos e queridos como seu Moacir Cruz, Bodoque, Fernando Alcântara e Marcelo.



Enquanto os foliões se revezam no canto, o povo se anima na dança em ritmo crescente, conforme a inspiração da bebida e o aumento da intensidade do clima festivo. O destaque da noite ficou por conta do professor Marquinhos e da septuagenária Dona Conceição. De vestido branco rodado, na altura anterior aos joelhos, ela dança a noite inteira de forma jovial, alegre e contagiante. Outra figura chama a atenção – Dona Áurea, uma negra alta, de um porte real. Ela domina a roda com a força de uma dignidade que se expressa orgânica e silenciosamente.

O clima segue leve. A conversação corre fácil. Alza diz que faz poucos convites. Ela abre a casa e deixa a cargo da providência atrair aqueles alinhados às energias do dia. É de interação natural, amorosa, uma verdadeira anfitriã devota que se sente grata por receber pessoas. Alza domina o dom da fala, suas palavras são assertivas, reveladoras de uma mente arguta e desperta.

A temporada de Reis tem início na ladainha a Nossa Senhora da Conceição na casa do Gerson e Edriane e é encerrada em casa de Alza Gama com o culto a São Sebastião. Nessa rede de rituais e amizades, portanto, o São Sebastião de Alza é parte do circuito das ladainhas. Finaliza a temporada de Reis e também o calendário de ladainhas, que será reiniciado após a semana santa, com a Santa Cruz do Marcel e mais recentemente com o São Jorge na casa da Cláudia, configurando a circularidade do tempo sagrado. Nada mais apropriado que esse ciclo seja arrematado nesse absoluto clima de confraternização e celebração.

À meia noite, os músicos cantam:

Companheirada
 É hora da partida
 Deu meia noite
 E galo já cantou
 Eu vou cantar e dar a despedida
 Eu vou me embora que o dia já clareou
 Adeus querida eu vou me embora
 Querida não chora, querida não chora
 Adeus querida eu vou me embora
 Querida não chora, querida não chora
 Essa é a despedida,
 Adeus, Adeus querida
 Essa é a despedida,
 Adeus, Adeus querida.



Mais algumas palavras, mais alguns narradores

Nesse circuito de devoções, inúmeros são os narradores. Nesse primeiro momento de pesquisa e escrita, não foi possível dar conta de muitos. Fui a ladainha de Santos Anjos, mas não tive oportunidade de conversar com Élcio em momento posterior para melhor entender as motivações de sua prática. Travei interessante conversação com Júlio César, mas não presenciei a ladainha de São Pedro. Naquele ano de 2019, as fortes chuvas deixaram a estrada de acesso a Fazenda Catiferro intransitável, o que inviabilizou a realização do evento. Também não pude comparecer ao São Jorge em casa de Cláudia. Por esses lapsos do trabalho de campo, não dispus dos elementos necessários para mediar essas narrativas. Mas reforço aqui a importância desses devotos na rede de celebrações.

É imprescindível igualmente destacar todo um conjunto de homens e mulheres de fé que circulam por essas rezas e festejos, cujo papel é basilar na existência e manutenção da tradição. Dona Gina, devota do Divino Espírito Santo, sobrevivente de uma adversidade por conta de uma promessa de sua vó, que se veste com as insígnias da festa durante toda a temporada de Pentecostes; Dona Lindalva, cuja idade lhe trouxe alguma debilidade física, mas nunca esmorecimento para comparecer aos cultos; Seu Moacir, da Ilha das Cobras, antigo agricultor do Sertão do Taquari, que nunca falta à ladainha de Santa Cruz; Rita de Cassia, com quem conversei longamente, mulher forte, que reclamou com Nossa Senhora por nunca ter recebido uma visão e foi abençoada com uma chuva de bençãos; Seu José Laurindo, antigo apontador das ladainhas a São João, morador do Corisquinho, que abre a janela todas as manhãs para o sol entrar e se posta de frente ao altar doméstico para as orações diárias; Biba, filho do falecido Seu Bento que realizava ladainhas à São João e graças a sua devoção fundou uma Igreja ao seu patrono no bairro onde mora; Dona Aricléia, que conheci na celebração aos Santos Anjos e que, ao final quando todos permaneciam nos bancos para uma conversação, tecia histórias e mais histórias, remedando Manoel Torres rezando ladainha; Dona Louvânia, que visitei em sua casa térrea na Barra Grande e que me cantou cantigas de São Benedito.

E há os mestres, foliões e cirandeiros que sacralizam a vida com a energia da alegria. Gostaria de ter tido espaço para contar mais sobre o mestre Zizi, do cuidado com que se dedica ao grupo de folia e sobre Fernando Alcantara, um jovem de pouco mais de vinte anos, o único tocador de rabeca em toda Paraty, que se dedica com afinco aos ensinamentos dos mestres e “coroas”, impulsionando a tradição com renovada vivacidade.

Gostaria de ter mediado a narrativa de cada um deles e de tantos outros. Fica aqui registrada uma promessa de continuidade, de cumprir esse compromisso em futuros desdobramentos desse trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vários momentos dessa trajetória de pesquisa, uma mesma pergunta me ecoava na cabeça, como a me remeter ao princípio das coisas. Qual o motivo que me levou a escolher esse tema de estudos? Não há, logicamente, uma única resposta.

A mais imediata das explicações é intuitiva. Celebrar a sacralidade da vida, em meio a um ambiente de afeto é uma experiência de integralidade. Naquele instante, o indivíduo sente-se um com uma coletividade. Rezar em ação de graças, festejar com alegria simples, compartilhar a comida e a bebida – poucas vivências são tão singelas e ao mesmo tempo imbuídas de um sentido tão profundo. É um ritual de preenchimento do ser com a energia do cosmos. A vida partida que nos perpassa na contemporaneidade passa a ser habitada por um senso de presença e inteireza.

A resposta seguinte diz respeito a riqueza sutil presente nas expressões do que se convencionou chamar de popular. O “erudito” se revela a partir da manipulação de múltiplas referências, sobrepondo códigos e complexificando sentidos. A manifestação do popular acessa camadas mais elementares do saber, possibilitando uma inventividade singular. Mircea Eliade, em “Mito e Realidade”, se refere a ritualização da cosmogonia por sociedades antigas, como forma de renovação da vida e de cura de doenças. A origem das coisas estaria imbuída da força da criação, capaz de instaurar um novo mundo e de restabelecer a saúde. O autor se refere, inclusive, a arte moderna que, ao romper com as formas anteriores, almejava chegar “a uma modalidade germinal da matéria” para fundar uma nova linguagem. A representação popular, ainda que fortemente embasada na tradição e por isso mesmo, mantém essa essencialidade primordial, potencialmente original.

A terceira razão se relaciona ao que Walter Benjamin chamou de “desperdício de experiências” e Boaventura enfatizou como “epistemicídio”. A região da Costa Verde, onde Paraty se localiza, é um território invadido. O ethos de grupos que imprimem suas marcas e espíritos naquelas serras e costas se esvaem ou se silenciam, no entanto, resistem. Suas expressões são até promovidas, mas admitidas em espaços determinados. Os devotos reafirmam

seu compromisso de sacralizar o mundo todos os anos em seus rituais. Eles narram suas vidas cotidianamente em suas práticas. Eu, que tanto aprendi ao ser acolhida nessas casas e nesses quintais, também aspirei incorporar esse entendimento da vida na minha práxis e na minha narrativa.

O grande desafio desse trabalho foi justamente chegar a essa narrativa. É uma busca em processo. Desde a concepção do projeto de pesquisa, essa questão assumiu posição preponderante. Perscrutei a história oral, em suas experiências em construir um discurso permeado de vozes de outrem. Sondei o trabalho de Vicent Carelli, em sua longa trajetória com comunidades indígenas, não para discorrer sobre essas populações, mas para mediar os instrumentos que possibilitaram a eles uma expressão audiovisual própria. Timidamente consultei Bakhtin e seus escritos sobre a polifonia em Dostoievski e o quanto os personagens das histórias russas adquiriam vozes autônomas. Embora se enriqueça com o conhecimento dessas investidas, cada processo é singular. Minha travessia nessa dissertação se finda aqui, mas esta é etapa numa série de reflexões e aprofundamentos ainda necessárias para adentrar a esfera do sagrado e sua irrupção na vida cotidiana e sobretudo materializar uma forma de língua capaz de compreender esse universo. Os devotos conceberam sua linguagem em rituais, ethos e prática de vida. Boaventura, ao estudar a multiplicidade das experiências sociais em curso no mundo, pondera que esses saberes jamais poderiam ser explicados por uma teoria geral. O autor propôs uma “teoria ou processo de tradução, capaz de gerar uma inteligibilidade mútua entre experiências possíveis e disponíveis” (SANTOS, 2010, p. 95). A procura desse meio de comunicabilidade é condição necessária para a coexistência das diversas formas de ser no mundo, sem submissão ou preponderância de uma existência sobre a outra.





BIBLIOGRAFIA

ABREU, Cassio Veloso. Urbanização, Apropriação do Espaço, Conflitos e Turismo: um estudo de caso de Angra dos Reis. Niterói, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na idade média e no renascimento. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

_____. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BENJAMIN, Walter. Magia técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BITTER, Daniel. A bandeira e a máscara: a circulação de objetos rituais nas folias de reis. Rio de Janeiro: 7Letras; Iphan/CNFCP, 2010.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: Crítica Social do julgamento. São Paulo: UduSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.

CAVA, Ralph Della. Milagre em Joazeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2014

CERTEAU, Michel de. A cultura no plural. Campinas: Editora Papyrus, 2012.

_____. A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

COTRIM, Cassio Ramiro Mohallem. Villa de Paraty. Rio de Janeiro: Capivara, 2012.

DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DAWSEY, John C. Victor Turner e Antropologia da experiência. In Cadernos de Campo N° 13, 2005

DIEGUES, Antonio Carlos (org.). Enciclopédia Caiçara, v.1: O olhar do pesquisador. São Paulo: Hucitec/USP/NUPAUB, 2006.

_____. Enciclopédia Caiçara, v.5: festas, lendas e mitos caiçaras. São Paulo: Hucitec/USP/NUPAUB/CEC 2006

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ERMLICH, Maria Thereza Corrêa. Lembrou-se, Xiba e Zepelim: Histórias da antiga Fazenda do Fundão em Paraty. Paraty: Edição da autora, 2010.

_____. Histórias Frutíferas: Lembranças da Infância na Fazenda do Fundão nos anos 40-60 no século XX no Saco do Fundão em Paraty. Paraty: Edição da autora, 2010A.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método. Petrópolis: Vozes / Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1989.

GUELMAN, Leonardo; AMARAL DOS SANTOS, Juliana; GRADELLA, Pedro de Andrea. Prospecção e capacitação em territórios criativos: desenvolvimento de potenciais comunitários a partir das práticas culturais nos territórios Cariri (CE), Madureira, Quilombo Machadinha e Paraty (RJ). Niterói: CEART/Mundo das Ideias, 2017.

GUELMAN, Leonardo. Univvverrso Gentileza. Rio de Janeiro: Mundo das Ideias, 2008.

_____. Museologia do cotidiano: a morada e o santuário – entre a autoconsagração e o dar-se ao outro na mediação do sagrado in Revista Santuários – Cultura, Arte, Romarias, Peregrinações, Paisagens e Pessoas, Volume 1, número 2, julho-dezembro 2014.

_____. A tradição como tradução continuada: a experiência de grupos culturais do Cariri (CE) in Prospecção e capacitação em territórios criativos: desenvolvimento de potenciais comunitários a partir das práticas culturais nos territórios Cariri (CE), Madureira, Quilombo Machadinha e Paraty (RJ). Niterói: CEART/Mundo das Ideias, 2017A.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Editora Centauro, 2003.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. Sobre o humanismo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.

_____. A caminho da linguagem. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2011.

HOBBSAWN, Eric J. / RANGER, Terence (org.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2018.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MACCA, Marcelo / ALMEIDA, Andréa Vilela de. São Sebastião: protetor contra as guerras e epidemias (Coleção Santos Populares do Brasil). São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

MAIA, Thereza e MAIA, Tom. Paraty: religião & folclore – ontem & hoje. Aparecida: Editora O Lince, 2015.

_____. Paraty: encantos & malassombras: guia cultural, história, festas, folclore. Guaratinguetá: Edição dos Autores, 2018.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELLO, Diuner. Festa do Divino Espírito Santo em Paraty – manual do festeiro. São Paulo: Editora Estímulo, 2003.

_____. Manoel de Jesus Torres – manuscrito. Paraty, Instituto Histórico e Artístico de Paraty, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom Meihy. Manual de História Oral. São Paulo: Editora Loyola, 2000.

NASCIMENTO, Antonio Eugenio do; BULHÕES NETO, Pedro José de; BULHÕES, Simone Ferreira. Vamos indo na Ciranda – Mestre Chiquinho de Tarituba: de bailes e histórias. São Paulo: DP&A Editora, 2004.

RAMOS, Graciliano. Infância. Rio de Janeiro: Record, 2003.

RICOUER, PAUL. Tempo e Narrativa (Vol 3). São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

----- . O si-mesmo como outro. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.

SANTOS, Boaventura de Souza. A Gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SOUZA, Marina de Mello e. Paraty: a cidade e as festas. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

STEIL, Carlos Alberto. O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa (Bahia). Petrópolis: Vozes, 1996.

TURNER, Victor. O processo ritual – estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.